



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BRENO DOS SANTOS SANTANA

ENVELHECIMENTO: CORPO, SAÚDE, SEXUALIDADE E GÊNERO
(BELÉM -PA, 1920-1930)

BELÉM - PA
2024

BRENO DOS SANTOS SANTANA

**ENVELHECIMENTO: CORPO, SAÚDE, SEXUALIDADE E GÊNERO
(BELÉM -PA, 1920-1930)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia PPHIST da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Linha de Pesquisa: População, família, migração e gênero.

Orientador: Dr. Ipojuca Dias Campos

BELÉM – PA

2024

BRENO DOS SANTOS SANTANA

**ENVELHECIMENTO: CORPO, SAÚDE, SEXUALIDADE E GÊNERO
(BELÉM -PA, 1920-1930)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia PPHIST da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

DATA DA AVALIAÇÃO: 20 / 02 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ipojucan Dias Campos (Orientador/UFPA)

Profa. Dra. Cristina Donza Cancela (UFPA)

Profa. Dra. Ana Lídia Nauar Pantoja (UEPA)

BELÉM – PA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S231e Santana, Breno dos Santos.
Envelhecimento: corpo, saúde, sexualidade e gênero (Belém-PA, 1920-1930) / Breno dos Santos Santana. — 2024.
150 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Ipojucan Dias Campos Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2024.

1. Processos de envelhecimento. 2. Representações. 3. Sexualidade. 4. Gênero. 5. Belém do Pará. I. Título.

CDD 981.15

AGRADECIMENTOS

Nas últimas linhas que escrevo nesse trabalho, deixo alguns agradecimentos direcionados à “sujeitos históricos” os quais contribuíram, em demasia, para minha jornada de pesquisa nos últimos dois anos do mestrado. Em conformidade, as verbalizações que seguem serão divididas em dois direcionamentos, o primeiro deles, estará centrado em reconhecimentos de cunho sentimental, o segundo, em gratificações de teor acadêmico e metodológico (o que não impede o entrelaçamento entre ambos os caminhos em algum momento da escrita).

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Darcilene do Socorro Paes do Santos, mulher completamente compromissada com a continuidade dos meus estudos. Nunca mediu esforços para facilitar minha jornada, mesmo sentindo o aperto no coração, por causa da distância que começou a existir entre nós – no momento de saída da minha cidade natal em direção ao universo acadêmico. Nos últimos 7 anos, graças aos sentimentos de empatia e sensibilidade materna, fui capaz de acreditar na possibilidade de construir uma carreira dentro do campo científico escolhido.

Em segundo, à minha amiga e conterrânea, Valquíria de Jesus Pantoja, acadêmica de Educação Física, mulher que compartilhou comigo inúmeros sentimentos, desde os de tristeza e ansiedade, até os de felicidade e alegria durante esse percurso. Mas, em suma, ela sempre acreditou na minha capacidade de fazer pós-graduação, e não me deixou desanimar em nenhum momento, me sinto completamente feliz e honrado por ter tido tamanho apoio.

Em quarto, agradeço a todos os professores das disciplinas obrigatórias e optativas do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, os quais, com seus conhecimentos e indicações, foram essenciais para determinar norteamentos para a pesquisa que apresento nessas páginas.

Em quinto, aos colegas de turma, em especial à Alana Wictória, ao Caio Oliveira e à Rayane Freitas Araujo, pessoas para com as quais percorri os mais variados lugares em busca de conhecimentos históricos, desde os debates em sala de aula, até os encontros em eventos científicos, onde nos foram apresentadas as perspectivas, ainda desconhecidas, de trabalho com documentos e de debate conceitual frente aos nossos projetos de pesquisa, esse companheirismo foi essencial.

Em sexto, agradeço ao meu orientador, dr. Ipojucan Dias Campos que, com sua habilidade imensurável de guiar uma pesquisa historiográfica, foi crucial na delimitação dos procedimentos que deram sentido histórico ao meu texto, desde o trabalho metodológico com

a fontes utilizadas, até o constante aprimoramento da minha escrita e das minhas leituras teóricas. Assim como, consegui traduzir uma linguagem acadêmica para palavras de incentivo e de empatia, tudo isso nas inúmeras reuniões, encontros e debates ocorridos nas salas do PPHIST, que determinaram o prosseguimento do estudo empreendido nos últimos 24 meses.

RESUMO

A dissertação discute as representações do envelhecimento humano em Belém do Pará nas primeiras décadas do século XX através da análise de textos presentes nas revistas ilustradas que circulavam na capital paraense, como “A Semana”, “Belém Nova”, “Pará-Médico”. Em conformidade, os debates ensejados buscaram compreender como o processo de envelhecer poderia ser interpretado e experienciado pelos sujeitos históricos belenenses do período em tela. Entende-se que, devido às inúmeras desigualdades sociais, existia um universo de muitas disputas relacionadas aos sentidos dados ao envelhecimento, afinal, ser velho ora significaria admiração e respeito, ora infortúnio e rechaço, tudo dependia da posição social ocupada por quem discorria e por quem era alvo do discurso. Como parte desses arranjos, constantemente eram sancionados estigmas relacionados ao corpo, à saúde e à aptidão sexual; não obstante, esses conjuntos interpretativos falavam das próprias idealizações em torno de uma sociedade brasileira jovem, moderna e desenvolvida, ao mesmo tempo, indicavam processos de exclusão frente ao almejado, principalmente pelo núcleo discursivo intelectual, no centro do qual as arguições concentradas na “ação do tempo nos corpos humanos” foram fortemente produzidas.

PALAVRAS-CHAVE: Processos de envelhecimento; representações; sexualidade; gênero Belém do Pará.

ABSTRACT

The dissertation discusses the representations of human aging in Belém do Pará in the first decades of the 20th century through the analysis of texts present in magazines illustrated illustrations that circulated in the capital of Pará, such as “A Semana”, “Belém Nova”, “Pará-Doctor”. Accordingly, the debates sought to understand how the process of aging could be interpreted and experienced by the historical subjects of belenense period on screen. It is understood that, due to numerous social inequalities, there was a universe of many disputes related to the meanings given to aging, after all, being old would sometimes mean admiration and respect, sometimes misfortune and rejection, it all depended on the position occupied by those who spoke and those who were the target of the speech. As part of these arrangements, stigmas related to the body, health and sexual fitness; However, these interpretative sets spoke of their own idealizations around a young, modern and developed Brazilian society, at the same time, indicated processes of exclusion compared to what was desired, mainly due to the discursive core intellectual, at the center of which the arguments focused on the “action of time on bodies humans” were heavily produced.

KEYWORDS: Aging process; representations; sexuality; gender; Belém do Pará.

LISTA DE FIGURAS
(iconografias)

Figura 1 (Pará-Médico. Belém, setembro de 1922, nº 10, p. 79)	38
Figura 2 (Estado do Pará. Belém, 25 de novembro de 1922, nº 4164, p. 2)	57
Figura 3 (Pará-Médico. Belém, maio de 1915, nº 1, p. 21).....	64
Figura 4 (Pará-Médico. Belém, setembro de 1922, nº 10, p. 75)	66
Figura 5 (Pará-Médico. Belém, agosto de 1917, nº 5, p. 20)	70
Figura 6 (A Semana. Belém, 23 de fevereiro de 1935, nº 839, p. 28)	115
Figura 7 (A Semana. Belém, 10 de junho de 1939, nº 1035, p. 23)	126
Figura 8 (A Semana. Belém, 23 de fevereiro de 1935, nº 839, p. 28).....	128
Figura 9 (Estado do Pará. Belém, 11 de outubro de 1922, nº 4123, p. 5)	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

MARCADORES DO ENVELHECIMENTO

1.1 Marcadores etários e demográficos	29
1.2 Marcadores médicos e científicos	35
1.3 Marcadores sociais	45

CAPÍTULO 2

ENVELHECIMENTO CORPORAL

2.1 Ciência médica e manipulações constantes: corpos doentes, velhos e pobres	55
2.2 Corpo velho, um corpo inútil? Delineamentos da sociabilidade e da aparência diante do envelhecimento	71

CAPÍTULO 3

ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE FRENTE ÀS DISPUTAS DE SENTIDO

3.1 Mulheres jovens: desejos e visões	89
3.2 Mulheres maduras frente aos estigmas	105
3.3 Homem maduro dominante	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
FONTES	144

REFERÊNCIAS 146

INTRODUÇÃO

O processo natural do envelhecimento humano sempre gerou inúmeras reações nas diferentes culturas no decorrer dos séculos e, nesse percurso, foram construídos significados e espaços para as pessoas consideradas “velhas”. No seio de algumas tradições, a ideia de envelhecer foi elaborada a partir de conjuntos a envolver vanglorio e admiração, como em muitas das comunidades indígenas latino-americanas, as quais tenderam pela valorização dos seus ancestrais – elas atribuíram aos mais velhos a responsabilidade pela perpetuação das crenças religiosas e dos saberes relacionados à organização social. Em outras sociedades, o envelhecer se tornou quase uma sentença de morte, em motivo de ser envolvido por cadeia de sentidos negativos, como nas inúmeras culturas capitalistas ocidentais, onde a valorização da juventude, da beleza e do trabalho configurou uma prioridade para a manutenção do *status quo*. Nessa seara, as pessoas maduras ou velhas imediatamente estavam subjugadas e estigmatizadas e, por causa das limitações físicas naturalmente ocasionadas pelo passar dos anos, foram tidas como incapazes, como solitárias e como infelizes. De tal modo, o agir do tempo não transformou apenas as estruturas materiais, mas forjou as próprias relações com a sociedade, nesse ínterim, os velhos ou os que atingiram determinado estágio do processo de evolução humana, costumaram ser automaticamente marginalizados dos processos de produção da vida.¹

O distanciamento social sancionado àqueles que envelhecem se transformou numa marca pesada da “modernidade” ocidental. Qualquer sinal de desgaste físico, gerado pela passagem do tempo, abriu margem para a construção de inúmeros significados, numa válvula de escape para os julgamentos (pouco amigáveis) em relação às várias instâncias da vida, como as do trabalho, as do casamento e as da própria sexualidade. Nesse sentido, estudar como essas ideias são elaboradas e atribuídas historicamente se tornou fundamental, porque possibilitou questionar alguns dos mais evidentes problemas existentes no mundo atual. De maneira semelhante, indicar a complexidade de relações existentes no passado, tais como as expectativas que faziam parte do modo de organização dos grupos sociais em tela, a envolver a sexualidade, a corporalidade e os hábitos, firmando simbologias que ainda tem reverberação no tempo presente.

Mediante o assinalado, a dissertação discute as representações do envelhecimento humano em Belém do Pará nas primeiras décadas do século XX através da análise de textos presentes nas revistas ilustradas que circulavam na capital paraense, como “A Semana”,

¹ NÓBREGA. Pedro Ricardo da Cunha. Envelhecimento, cotidiano e geografia: algumas reflexões. JMPHC | Journal of Management & Primary Health Care | no 2: 5 de outubro de 2013, p. 137.

“Belém Nova”, “Pará-Médico”. Em conformidade, os debates ensejados buscaram compreender como o processo de envelhecer poderia ser interpretado e experienciado pelos sujeitos históricos belenenses do período em tela. Entende-se que, devido às inúmeras desigualdades sociais, existia um universo de muitas disputas relacionadas aos sentidos dados ao envelhecimento, afinal, ser velho ora significaria admiração e respeito, ora infortúnio e rechaço, tudo dependia da posição social ocupada por quem discorria e por quem era alvo do discurso. Como parte desses arranjos, constantemente eram sancionados estigmas relacionados ao corpo, à saúde e à aptidão sexual; não obstante, esses conjuntos interpretativos falavam das próprias idealizações em torno de uma sociedade brasileira jovem, moderna e desenvolvida, ao mesmo tempo, indicavam processos de exclusão frente ao almejado, principalmente pelo núcleo discursivo intelectual, no centro do qual as arguições concentradas na “ação do tempo nos corpos humanos” foram fortemente produzidas.

Historicizar o envelhecer e as suas imagens se traduz na compreensão de algumas das dinâmicas específicas do exercício de subjetivação ocorridos no passado, referente a como as pessoas lidavam com as angústias, com os medos e com as visões frente às inúmeras intempéries e prazeres relacionados à idade. Também significa questionar a relação da sociedade atual com o envelhecimento: dos debates, das imagens e das expectativas do meio circundante, influenciados por fenômenos perceptíveis na própria forma de construção da materialidade da vida, como aquelas relacionadas aos direitos e aos espaços atribuídos a determinados grupos. Simultaneamente, buscar-se-á investigar as mudanças ocorridas na expectativa de vida, na saúde, nos tratamentos de beleza, tentando entender como todas essas questões influenciaram a maneira de se experienciar o envelhecimento.

A pesquisa tem relevância significativa para o tempo presente, tendo em vista o considerável aumento da população idosa no Brasil ocorrido nas últimas décadas, colocando em evidência diversas questões relacionadas à qualidade de vida desse grupo populacional, e das expectativas e visões em volta do tema em questão. As pessoas de sessenta anos ou mais configuram hoje cerca de 15,1% da população total do País;² esse fator, seguido do decréscimo da população jovem (com menos de trinta anos), expõe determinadas problemáticas, sobretudo, relacionadas à saúde, à moradia e ao sustento (das falhas do sistema previdenciário) relegadas aos que envelhecem. Igualmente, o etarismo (discriminação pela idade) e a gerontofobia (medo da velhice ou de envelhecer), estão fortemente presentes em sociedades que valorizam, sobremaneira, a imagem corporal e a juventude, aspectos

² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

fomentados pelo avanço das redes sociais, da indústria da beleza e da própria medicina contemporânea.

Estudar a produção de significados do envelhecimento humano no passado pode ensejar debates consideravelmente pertinentes a respeito de processos entendidos como naturais, mas que sofrem mudanças ao longo do tempo e determinam as formas pelas quais nos relacionamos com a ideia de envelhecer. Em relação a esse fenômeno, a constante elevação da expectativa de vida nas últimas décadas começou a gerar muito alarde por causa dos problemas tidos como consequências desse processo, principalmente nos países subdesenvolvidos onde, nas palavras do geógrafo Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega: “as pessoas se vêem obrigadas a não mais ignorar o grupo dos indivíduos envelhecidos ou em processo de envelhecimento, pois, esses já não representam o quadro das minorias sociais”.³ Para o autor, tal fenômeno tem grande impacto tanto na vida das novas gerações, quanto das velhas, afinal, no contexto capitalista, o trabalhador aposentado sente mais fortemente a perda de importância e relevância no seio do próprio núcleo familiar. Dessa forma, ficavam evidentes os diferentes transtornos de uma sociedade que preza o lucro e a produtividade a todo custo, os jovens começam a não se importar mais com os velhos: “é como se todos os demais esperassem sua morte ou como se o único lugar concebido para eles fosse entre os seus pares em lares de repouso ou trancados em casa”.⁴

Condizente à situação da pessoa velha, considero importantes as afirmativas de Simone de Beauvoir quando menciona a seguinte questão: “cada membro da sociedade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos”.⁵ Diante do assinalado, a iniciativa de pesquisar os significados do processo do envelhecimento parte de uma angústia pessoal, da percepção de determinadas aflições constituídas de maneira abrangente em meu grupo geracional, intensamente “preso” a determinados padrões de pensamentos sobre os corpos, com os quais somos incisivamente cobrados, seja pela aparência adequada, pela produtividade ou pela eficiência; processo, sobretudo, fomentado pelo advento da internet e das redes sociais, gerando inquietações naturalmente surgidas no contexto ocidental e capitalista do mundo contemporâneo. A partir dessa empreitada, busco encontrar algumas respostas para dúvidas que extrapolam as

³ NÓBREGA. “Envelhecimento, cotidiano e geografia: algumas reflexões”. Op. Cit. p. 140.

⁴ Ibid., p. 140.

⁵ BEAUVOIR, Simone de. A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições da vida dos idosos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

hipóteses científicas, essas perguntas estão inseridas no âmbito dos meus dilemas, porquanto, o processo de envelhecimento, acredito, é sentido muito antes de se chegar ao estado da velhice, principalmente num mundo cercado, cada vez mais, pela recorrente presença da imagem jovem como sinônimo de apreciação em vários sentidos. Nesse ínterim, quando o envelhecer se torna uma ideia relacionada a grandes problemas, o futuro parece incerto e triste, transpondo-se, decididamente, em uma ansiedade generalizada. Mediante tais dilemas, considero bastante pertinente investigar esses fenômenos de representação no passado, não apenas para compreender as mudanças e as permanências em relação às ideias de envelhecimento, mas para divagar sobre os mecanismos que produzem subjetividades, condições de autoestima, de saúde, de sociabilidade.

O período histórico que compreende os anos de 1920 e 1930 fora escolhido como recorte temporal dessa pesquisa, porquanto, durante esse intervalo de tempo ocorreram mudanças significativas no mundo em diferentes aspectos, os quais influenciariam diretamente as ideias concernentes a determinadas questões importantes da vida em sociedade. No que pese ao envelhecimento, o ano de 1923 foi significativo para o Brasil, tendo em vista a criação da lei 4.682, denominada Lei Elói Chaves,⁶ que instituiu o primeiro sistema previdenciário no País, ao incorporar alguns dos sistemas europeus, viria a elaborar um conjunto de regras para estabelecer auxílio aos trabalhadores de empresas de estradas de ferro com mais de 50 anos, os quais tivessem contribuído por mais de 30 anos de serviço. Organizado pelo sistema denominado Caixa de Aposentadoria e Pensões (CAPS), esse conjunto de benefícios seria concedido por meios de contribuição tripartite: do trabalhador, da empresa e do Estado. Posteriormente, em 1926, a assistência fora ampliada para mais categorias de trabalhadores, como os portuários e marítimos e, em 1928, para os trabalhadores de serviços telegráficos. Em suma, até o ano de 1937 um total de 183 CAPS foram criadas no País.⁷

Todavia, torna-se importante assinalar que não é intenção dessa dissertação se deter especificamente ao ambiente do trabalho e dos direitos, mas cabe colocar esse fato como imprescindível para justificar o recorte temporal do estudo que desenvolvo. Conquanto, a história das mudanças na legislação possibilitou a entrada do tema do envelhecimento em acirrados debates cotidianos, em momentos de movimentação do Estado brasileiro em direção

⁶ O nome se refere ao próprio redator da lei: deputado paulista Elói Chaves, ele exerceu o cargo entre os anos de 1902 e 1930.

⁷ SIMÕES, Júlio Assis. Entre o lobby e as ruas: movimento de aposentados e politização da aposentadoria. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

ao sujeito e aos corpos envelhecidos sob um viés de assistência e de direitos garantidos por lei.

Toda essa conjuntura, conseqüentemente, fomentava discussões referentes ao lugar ocupado pelos que envelheciam. Um conjunto de opiniões, divagações e idealizações, chegadas ao presente, mostravam como as representações da vetustez foram influenciadas pelas mudanças de paradigmas trazidas pelo século, tais como as discussões a circunscrever os direitos das mulheres e dos trabalhadores, nas quais o tema do envelhecimento poderia ser acionado para diferentes fins. Para além das discussões trabalhistas, essas duas décadas se caracterizaram pela forte presença dos meios de publicização da vida, a exemplo das próprias revistas ilustradas, do cinema, das propagandas e do rádio. Nesse arsenal, a autoimagem foi frequentemente explorada por diversos segmentos narrativos, como aqueles relacionados à busca desenfreada pela beleza juvenil, pela potência sexual e pelo bem-estar. Todos esses aspectos irão influenciar os pensamentos correntes sobre o envelhecimento corporal, principalmente devido ao vanglorio da modernidade, tão recorrente naqueles primeiros anos do período novecentistas, em mensagens que sinalizavam para uma sociedade brasileira jovem, higiênica, forte e desenvolvida.

Tendo em vista esses processos, os anos 1920 e 1930 se inserem em um contexto de acirrados debates condizente a reformulação da sociedade, como os enfatizados em “Orfeu extático na metrópole”, estudo historiográfico voltado para a cidade de São Paulo na década de 1920, no qual o historiador Nicolau Sevcenko analisa o comportamento da população paulista frente ao constante processo de mudanças ocorridas na cidade. Para o autor, o espaço citadino se tornou um enigma para seus próprios habitantes, que não conseguiram entendê-lo de maneira imediata devido a grande quantidade de novas informações vindas à tona aos olhos dos mais diferentes grupos sociais, a exemplo dos momentos carnavalescos, eventos expressivos do choque entre as ideias de novo e de velho, tendo em vista os comportamentos mais exaltados e observados por diferentes óticas sociais.⁸ Essas afirmações feitas por Sevcenko resumem alguns pontos importantes dos anos escolhidos como recorte da presente pesquisa. Aquele tempo significou a grande presença de embates de ideias do que se almejava enquanto sociedade, principalmente no universo citadino, causando conflitos geracionais, dos discursos tidos como “modernos” em relação aos mais conservadores, toda essa atmosfera

⁸ SVECENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

abalou os mais tradicionais costumes: como os espaços ocupados pelas mulheres, pelos trabalhadores e pelos menos favorecidos.

Em outra conjuntura importante, a década de 1930 se caracterizou por significativas mudanças na “arquitetura social” do País, salienta-se a Era Vargas (1930-1945) enquanto contexto histórico recheado por ideologias que lançavam mão do simbólico para legitimar políticas públicas, tais como as leis trabalhistas, com uso desenfreado da publicidade e da propaganda para enfatizar a imagem vangloriada do governo. Usava-se a imagem de determinados grupos, tais como as crianças, as mulheres e os trabalhadores, para estabelecer a ideia de Vargas como líder carismático e justo, ajudando na afirmação da alcunha “pai dos pobres”. Tendo em vista tais características, aquela década foi o momento de uso desenfreado da imagem para diferentes fins, acendendo discussões sobre o espaço ocupado por determinados grupos. Instrumentalização que, para os velhos, não era diferente, tendo em vista o processo de definição e ampliação do sistema previdenciário ocorrido em tal contexto, destacando o envelhecimento nos debates. Entendido esse conjunto, o recorte temporal 1920-1930 se apresentou cercado de eventos importantes, os quais trouxeram novos conjuntos de discussões, dilemas e visões em face às mais variadas instâncias da vida, elemento que não seria diferente quando as ideias de idade, de maturidade e de senescência estiveram em cena.

Ademais, a metodologia empreendida nesta pesquisa se configurou a partir da análise em série de algumas das revistas ilustradas que circularam na capital paraense nas primeiras décadas do século XX, com foco em textos direcionados ao envelhecimento humano. Em conformidade, a leitura desses escritos esteve apoiada em direcionamentos interdisciplinares de análise documental. Concernente a essa escolha, parte dos critérios surgiram da equação com a linguística aplicada, dentro do escopo conceitual da “análise de discurso” (de perspectiva francesa). Esse esquema propõe a compreensão do texto escrito não apenas em sua condição “semântica gramatical”, mas estabelece investigação das “intenções” do escritor e, conseqüentemente, do contexto social, do material e do ideológico no qual ele estivera inserido. Em face a esses critérios, a linguista Eni Puccinelli Orlandi explora dois instrumentos interpretativos considerados imprescindíveis ao entendimento de determinadas mensagens, sejam elas escritas ou orais. O primeiro, focado nas “circunstâncias de enunciação” (contexto imediato) e, o segundo, nas “condições de produção” (relação sócio-histórica, juntamente com o conjunto ideológico).⁹

⁹ ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005, p. 30.

Esses instrumentos foram importantes pois contribuíram para a reflexão acerca das fontes utilizadas nesta pesquisa, leia-se, com necessidade de compreender as “visões de mundo”, as “simbologias”, as “imagens construídas pelos sujeitos”, investigou-se afundo determinadas instâncias das “condições de produção” dos discursos analisados. Ou seja, o historiador buscou percorrer “o mundo social e ideológico no qual os emissores estavam inseridos”. Com a utilização dessa abordagem, a documentação foi dimensionada dentro de tabelas de divisão temática, nas quais se considerou a recorrência de determinados padrões discursivos que falavam não somente do objeto de estudo em questão, mas das influências externas capazes de dar “modelagem” às opiniões e aos direcionamentos verbais existentes. Conseqüentemente, os enquadramentos dos assuntos não estiveram ligados apenas ao bojo do “envelhecimento”, tais como: “envelhecimento e sexualidade” ou “envelhecimento e saúde”, mas a toda uma cadeia de sondagens à procura das posições sociais ocupadas por quem discorria, para assim, encontrar de maneira mais ágil elementos explicativos das “razões” a envolver determinados padrões discursivos. Ou seja, categorias como “posição social do escritor”, “indícios de prestígio”, “discurso literário”, “texto noticioso” e “discurso médico” também foram adicionadas como porta de entrada para o encadeamento analítico.

Concernente às indicações metodológicas da historiografia, algumas leituras condizentes à utilização das fontes impressas foram realizadas. Com destaque dado ao texto “História dos, nos e por meio dos periódicos” da historiadora Tania Regina de Luca, no qual sugere importantes direcionamentos para a pesquisa científica focada em textos da imprensa literária e noticiosa, principalmente aquela do início do século XX. Para a autora, a publicação periódica daquele contexto esteve profundamente ligada ao novo cenário citadino, de modo que as transformações conhecidas por algumas capitais brasileiras foram estudadas, extensamente, através do auxílio desses testemunhos. No entanto, Luca define determinados critérios essenciais para o historiador interessando em se aventurar nesse universo arquivístico. Em concordância com o processo metodológico da linguística, o entendimento da “ideologia” de determinados escritos se tornou condição necessária para não tecer argumentações equivocadas, pois, como afirma a autora, os articulistas, os literatos e os jornalistas tinham múltiplas intenções, sendo assim: “as várias tarefas desempenhadas por esses intelectuais subordinavam-se, não raro, às demandas políticas das facções oligárquicas proprietárias dos jornais e que igualmente detinham as chaves que controlavam o acesso ao cenário da política”.¹⁰

¹⁰ LUCA, Tania Regina de. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fonte Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 124.

Isto posto, empreendeu-se busca por indícios de lugares ocupados por quem escrevia nos periódicos ilustrados utilizados na presente pesquisa, nesse percurso, apesar da dificuldade de encontrar informações mais precisas em face aos redatores e aos escritores, no geral, a própria materialidade da revista revelava determinadas intenções específicas. Em virtude de ser variável a aparência entre determinados impressos, se tornou possível observar questões como: a quantidade de recursos financeiros disponíveis, o preço dos exemplares e as possíveis intenções de seus membros. Ligado a isso, ainda segundo Tania de Luca, tais condicionamentos resultaram “da interação entre os métodos de impressão disponíveis num dado momento histórico e o lugar social ocupado pelos periódicos”.¹¹ Ou seja, elementos como a quantidade de ilustrações, a quantidade de anúncios, o número de exemplares, dentre outros, trouxeram à tona determinadas noções relativas ao público-alvo, aos locais de circulação e aos percursos ideológicos das revistas circulantes em Belém no passado em cena. Concernente a isso, o trabalho de historizar a fonte exigiu conhecer as próprias características técnicas as quais davam vazão aos discursos averiguados. Tudo isso estivera elencado nas tabelas temáticas mencionadas anteriormente, usadas como dispositivo de rápida identificação dos dados colhidos no decorrer da experiência arquivística.

Os entendimentos da linguística aplicada, assim como, das diretrizes e aconselhamentos para pesquisa com fontes impressas, foram fundamentais para conferir sentido histórico às fontes analisadas. Mas, de forma concomitante, algumas leituras acerca de determinados conceitos demonstraram grande força para definir os direcionamentos desta pesquisa, neste particular, a investigação acerca do envelhecimento humano em Belém do Pará foi possibilitada, novamente, pela concepção interdisciplinar de estudo e pesquisa, de maneira a fazer valer o diálogo entre autores inseridos em contextos de pesquisa diferentes, mas não antagônicos. Em consonância, estudos de psicologia, de antropologia, de geografia e de medicina, foram percorridos para ampliar o campo de visão do historiador acerca da temática trabalhada. Todavia, isso não foi feito sem critérios possibilitadores de determinada coesão a narrativa que segue. Com efeito, não se trata de uma “concha de retalhos de conceitos”, mas de um caminho definido, majoritariamente, pelo indicado nas fontes históricas, as quais ganharam protagonismo frente ao “auxílio” bibliográfico. Porquanto, não cabe aqui fazer uma extensa composição de estudos da temática em questão, mas debater alguns pontos importantes da contribuição de outros autores para o presente trabalho.

¹¹ Ibid., p. 132.

Nesse percurso, algumas delimitações conceituais acerca do objeto foram efetuadas. Primeiramente, ao invés de analisar a “velhice” enquanto um estado, o objetivo deste estudo concentrou-se na compreensão do “envelhecimento” enquanto um processo, esse direcionamento permite incorporar e dissecar as diferenças de percepção dos corpos, mentes e desejos humanos no decorrer do tempo, abarcando desde à juventude, passando pela maturidade e chegando à velhice. Como nas elaborações da antropóloga Guita Grin Debert, compreende-se aqui o processo do envelhecimento para além das mudanças no estado físico e biológico, mas como um percurso socialmente marcado e, de tal modo, a idade é “revestida de um aparato cultural” que vai definir as formas de se visualizar o envelhecer pelas sociedades humanas.¹² Mediante ao assinalado, nos grupos humanos, o fenômeno mais característico seria a gradual atribuição dos signos da vetustez aos indivíduos, muito envolvidos por representações coletivas, das idealizações sobre os “espaços dignos de cada um”; esse elemento é sentido tanto no conjunto de formulações subjetivas, quanto nos embates narrativos compartilhados pelo meio circundante. Tudo isso revelava complexos procedimentos de significação, e esse se tonou o ponto primordial para presente pesquisa, porquanto, o envelhecimento que procuro analisar estivera em meio a um “processo biológico revestido de construções sociais imediatamente relacionadas às formas de compreensão da vida existentes em cada grupo de indivíduos”.

Para a tarefa de estudar esses processos, considero pertinente a esquematização do conceito “representação”, articulado por Roger Chartier, na tentativa de superar a velha dicotomia entre a supremacia das estruturas e as imprevisibilidades das experiências, defende que seria oportuno acionar, como método de pesquisa no âmbito das ciências humanas, aquilo que chama de “Representações Coletivas”. Segundo Chartier, ao retomar Marcel Mauss e Emile Durkheim, essa prática abarcaria três modalidades complementares para visualizar as relações do mundo social. De início, existe o trabalho a classificar e a recortar as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade foi contraditoriamente construída pelos diversos grupos sociais; em seguida, visualizar as práticas que reconhecem uma identidade social, exibindo uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, “as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das

¹² DEBERT, Guita Grin. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999, p. 50–51.

quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência de um grupo, da comunidade ou da classe”.¹³

Diante dessa formulação, toda a análise documental empreendida nessa pesquisa buscará mensagens que ajudem a visualizar o processo de construção social do envelhecimento, as formas pelas quais fora produzido, reproduzido e marcado na realidade dos sujeitos belenenses de outrora. Para além de compreensões totalizantes e generalizantes, é pretensão desse estudo divagar das formas antagônicas de avaliar o objeto, como nos testemunhos de comportamentos e ideias dissociadas do pretendido higiênico. Para entender essas questões, colocou-se em prática a comparação entre diferentes textos impressos, buscando pelas divergências de opiniões, as regularidades e a relação dos discursos textuais com a realidade vivenciada em Belém, para assim esmiuçar os fenômenos de significação do envelhecimento existentes naquele período histórico, das formas pelas quais o envelhecimento poderia ser experienciado pelos sujeitos em tela. Nessa empreitada, os periódicos ilustrados foram divididos tendo em vista a diferença de dois eixos de abordagem.

O primeiro eixo foi caracterizado pela tipologia “variedades” – revistas ilustradas que buscavam abarcar uma grande quantidade de assuntos em suas páginas – como “A Semana” e “Belém Nova”. O segundo eixo se localiza nos discursos médicos, encontrados em uma revista intitulada “Pará-Médico” – porta-voz das pesquisas científicas na cidade de Belém – fazendo jus a tal tipologia, o conteúdo presente em suas páginas era em grande parte composto de textos acadêmicos (artigos científicos, ensaios, relatos de experiência), assim como, existiam mensagens de exaltação, sem economia de palavras, das instituições médico/científicas e das iniciativas de saneamento básico e profilaxia ocorridas no Estado durante os anos em questão. Apresentadas essas duas classificações, seguem algumas informações referentes à documentação estudada.

A revista “A Semana”¹⁴ começou a circular na capital paraense em 1918, sendo distribuída semanalmente até o ano de 1942. Uma das revistas de maior tempo de circulação no Pará do século XX, tratava-se de um semanário impresso que discutia sobre política, esporte, eventos sociais, moda, lazer, literatura, dentre outros infindáveis temas tidos como muito pertinentes para alavancar a curiosidade do público leitor. O impresso teve como primeiro proprietário o comendador Alcides Santos, uma figura de destaque no *set belenense*

¹³ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Revista das revistas. Estudos avançados 5 (11), abril, 1991, p. 183.

¹⁴ 333 exemplares disponíveis para análise no acervo digital de obras raras da Fundação Cultural do Estado do Pará.

da época. Contou com artigos escritos por grandes nomes da poesia e da literatura paraense como Paulo Maranhão, Oswaldo Orico, Gildo Rocha, Antonio Tavernad, dentre outros.

De forma bastante parecida, o impresso “Belém Nova”¹⁵ foi uma revista paraense fundada em 1923 e distribuída até o ano de 1929, contou com a colaboração das intelectualidades estadual e nacional, teve como seu proprietário Bruno Menezes, jovem poeta belenense. Para além da perspectiva artística, os textos divulgados falavam do cotidiano, das relações políticas, do esporte e da moda.

Tais veículos de “entretenimento” eram direcionados para um público majoritariamente letrado e burguês na cidade de Belém do Pará e, não obstante, a literatura estava profundamente envolvida por perspectivas de idealização do mundo social na cidade, da política, dos costumes e das roupas. Dentre esses intercursos, alguns textos demonstravam claramente a relação dos proprietários de tais impressos com políticos proeminentes daqueles anos, como era o caso do Dr. Dionísio Bentes – governador do Estado do Pará entre os anos de 1925 e 1929 – muito ovacionado nas páginas dessas revistas. Nesse ínterim, ficava evidente o teor político, ideológico e pouco “neutro” do conteúdo vendido por aqueles meios de informação cotidiana.

Tendo em vista esses aspectos, muitas divagações ocorreriam conforme os interesses de determinada classe de sujeitos, principalmente dos anunciantes, responsáveis por boa parte dos recursos financeiros dos fascículos apresentados. Essas revistas possuíam demasiado apelo imagético em sua estrutura, com uma produção pomposa e cheia de ornamentos gráficos, como as imagens, as fontes, as capas, as quais sempre mostravam a cidade como apanágio do que havia de mais moderno e desenvolvido no período, a exemplo da exposição constante dos pontos turísticos, dos cinemas, dos hotéis e dos locais de diversão burguesas. Demonstrava-se as ansiedades e desejos de uma classe de sujeitos abastados e influentes, que imaginavam Belém como centro de desenvolvimento urbano e de civilidade. Elemento fruto dessas características, não eram poucas as elaborações do cotidiano quase como uma fantasia, com exageros narrativos e linguagem rebuscada. Todavia, tais escritos falavam muito da percepção dos sujeitos sociais em cena, como as mulheres, as crianças, os trabalhadores e os velhos, indicando determinadas visões de mundo frente aos fenômenos de produção da vida observados na cidade.

¹⁵ 16 exemplares publicados no acervo digital de obras raras da Fundação Cultural do Estado do Pará.

De maneira parcialmente concomitante, o “Pará-Médico”¹⁶ foi uma revista criada no ano de 1915 pela então Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará (1914). Tal organização visava colocar o Pará (ou mais especificamente a medicina paraense) enquanto sinônimo de desenvolvimento científico e apanágio dos cuidados com a saúde populacional, tendo em vista a profunda invisibilidade dos “doutores” paraenses frente aos demais grupos e escolas médicas do País. Nesse sentido, os idealizadores de tal projeto seriam efusivos nas afirmativas do “engrandecimento dos homens da terra” a partir de uma medicina robusta e plenamente capaz de lidar com diversas demandas relacionadas às enfermidades que acometiam milhares de pessoas no Estado. O nome “Pará-Médico” já havia sido atribuído a outro impresso nas décadas anteriores, no ano de 1899 a Sociedade Médico-Farmacêutica do Pará tomara a iniciativa de fundar um jornal com intenções análogas às identificadas posteriormente; entretanto, não obteve o sucesso almejado.¹⁷

Não é possível afirmar se os membros da Sociedade Médico-Cirúrgica desconheciam a existência do periódico anterior, ou se o ignoravam propositalmente; mas eles divulgavam a sua revista científica como legítima divulgadora da “ciência médica paraense”. Nessa atmosfera ideológica, em maio de 1915, o impresso “Pará-Médico” foi lançado, tendo o seu artigo de divulgação intitulado “No sólido da revista”, cujo autor resumia as expectativas da medicina estadual, assinaladas nas seguintes palavras:

O Pará orgulha-se de poder contar em seu seio médicos distinctísimos, que faria honra ao meio mais culto, quer pela riqueza de seus conhecimentos, adquiridos em annos consecutivos de labôr profícuo, quer pelo acendrado amor com que se dedicam à profissão e procuram acompanhar a sciencia nos surtos mágicos de seu maravilhoso progredir.¹⁸

Dadas essas concepções, a revista foi lançada tendo como membros sujeitos majoritariamente inserido nas pesquisas científicas, nas práticas de tratamento e na cura de inúmeras moléstias. Tal empreitada possuía algumas dificuldades, afinal, os recursos não eram muitos, por esse motivo, a revista não possuía uma publicação regular, ela dependia do escasso incentivo financeiro do governo e dos anunciantes em sua maioria farmacêuticos. Todavia, durante os anos alvos da presente pesquisa, o “Pará-Médico” divulgou muito estudos focados nas mais diferentes doenças, nos mais diferentes tratamentos, nas mais diferentes

¹⁶ 7 exemplares presentes no acervo digital de obras raras da Fundação Cultural do Estado do Pará.

¹⁷ GUIMARÃES, Jaqueline Tatiane da Silva. Os discursos dos médicos do estado do Pará nas “teses de doutoramento ou inaugurais” (1929-1954). Tese (doutorado), Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

¹⁸ Pará-Médico. Belém, maio de 1915, nº 1, p. 4.

práticas cirúrgicas, e hoje constitui acervo de informações propícias para análise de muitos fenômenos históricos, como aqueles relacionados à medicina e ao corpo. Faziam parte da sua comissão de redatores os drs. Porto de Oliveira, Oswaldo Barbosa, Jaime Aben-Athar, Viega Cabras, J. de Magalhães, Arthur França e Penna de Carvalho.

Em conformidade com isso, enfatiza-se que a pesquisa buscou compreender as representações do envelhecimento e, diante dos questionamentos lançados, os documentos produzidos tanto pelas mídias de “entretenimento”, quanto pelos meios de divulgação científica, se apresentaram como possibilidades para reconhecer parcela considerável das concepções acerca do objeto em questão. As revistas de “variedades” possuíam uma linguagem reflexiva e opinativa acerca de diversos aspectos sociais existentes na cidade de Belém do Pará. Logo, os letrados da época buscavam falar de assuntos tidos como interessantes, assim angariariam leitores fiéis. Em tal empreitada, eles precisavam reconhecer amplamente os anseios mais recorrentes entre o público-alvo, além de lançarem projeções pessoais no meio dos temas abordados. Porém, nem sempre esse processo ocorreu de maneira homogênea, havia muito conflito de opinião, assinalando a presença de visões e debates acerca do objeto deste estudo. Assim como, os discursos científicos presentes no “Pará-Médico” expunham diversas informações no bojo das formas de compreensão dos corpos e das experiências do envelhecimento. Nos artigos científicos os médicos por vezes buscavam trabalhar com a análise de casos peculiares frente às doenças e às deformidades, onde as informações sobre os pacientes e suas imagens eram expostas frequentemente. Nesse conjunto, denunciavam indiretamente diversas maneiras pelas quais os corpos envelhecidos eram compreendidos tanto pela ciência, quanto pelos próprios sujeitos, a exemplo da negligência ou falta de conhecimento de muitos doentes empobrecidos sobre como proceder diante de tais intempéries, geralmente passavam por longos anos de sofrimentos e limitações até buscarem ajuda médica, contextos que identificam formas possíveis de experienciar e compreender o processo de adoecimento e envelhecimento.

Mediante às delimitações assinaladas, a documentação se apresentou vasta em possibilidades de análises. Frente a isso, o primeiro passo foi o de encontrar essas mensagens para catalogá-las a partir dos critérios pré-definidos, tais como as regularidades discursivas, os embates de perspectivas, as imagens e as projeções chegadas ao presente. Depois foi necessário um trabalho interpretativo e comparativo dos fenômenos observados, para tal, as leituras teóricas a respeito de temáticas análogas contribuíram para esclarecer algumas questões importantes, tanto do contexto histórico em foco, quanto das abordagens mais específicas, a exemplo das discussões de gênero, do poder, do corpo e do próprio

envelhecimento, valorizando em grande parte as produções historiográficas locais, as quais elucidaram características cruciais da sociedade belenense daquele período histórico. Com a preocupação de não tecer considerações generalizantes, as análises documentais buscaram pelas divergências dos significados atribuídos ao processo de envelhecer, dando atenção às formas pelas quais os sujeitos poderiam se apresentar de formas não previstas por um discurso tido como hegemônico, fenômenos esses observados nas entrelinhas discursivas. Tal tarefa exigiu a busca criteriosa por algumas informações que não apareceram à primeira vista na documentação, principalmente no tocante aos ditos “marginalizados”, aos historicamente silenciados pelos discursos oficiais, de tal forma, a documentação e o quadro metodológico apresentados ajudaram a contar a história nos três capítulos que seguem.

O primeiro capítulo analisou os diferentes marcadores do processo de envelhecimento humanos, especificamente os de ordens demográfica, os sociais e os científicos. Entende-se que o envelhecimento populacional não seria um aspecto compreendido a partir de única linha interpretativa; aquele percurso da vida foi envolvido de diferentes imagens elaboradas tanto pela sociedade dita leiga, quanto pelos cientistas e pelo Estado. A exemplo dos marcadores sociais, para os quais o envelhecimento era interpretado em cima de disputas de significados, tudo dependia do contexto no qual os sujeitos estavam inseridos. Seja dito, a idade recaía socialmente sobre as mulheres com roupagem consideravelmente diferente em relação aos homens, aspecto amplamente exposto nos documentos históricos encontrados na cidade de Belém (dentre outros âmbitos a envolver as desigualdades de significados existentes). Nesse capítulo, foram apresentados diferentes cenários possíveis para se entender o envelhecimento e, considerando as adversidades dos discursos médicos e científicos, altamente capazes de construir imagem e expectativas para os que envelheciam, as pessoas velhas foram relacionadas às doenças e ao distanciamento.

De forma concomitante, o segundo capítulo estudou o corpo envelhecido como ambiente propício para estabelecer significações de características como a beleza, a saúde e a sociabilidade. A partir do século XIX e, principalmente, durante o século XX, o corpo humano passou a ser alvo de diferentes abordagens que interferiram diretamente na maneira de enxergar questões importantes da vida, como a relação com a aparência, com a sexualidade e o próprio trabalho. O envelhecimento, dessa forma, não passou despercebido por essa seara de formulações, as quais tinham como intenção ora analisar, ora aprimorar o corpo e seus vieses, tanto internamente (em relação aos órgãos e às doenças), quanto externamente (dos signos da aparência e da beleza). Aliado a esse fenômeno, as mensagens encontradas nos documentos poderiam expor as ideias, as práticas e as formulações a circunscrever o corpo

frente ao envelhecimento na cidade de Belém do Pará, em debates cotidianos e as imagens cristalizadas nas “mentalidades coletivas cotidianas”. O capítulo se interessa em discorrer acerca de diferentes formas pelas quais os corpos envelhecidos foram expostos em debates científicos e sociais na capital paraense, possibilitando algumas problematizações acerca da interferência dessas imagens na vida daqueles sujeitos históricos, também das inúmeras disputas de significados previamente verificadas na documentação colhida.

A chegada das rugas e dos fios de cabelos brancos era vista socialmente com determinada ambiguidade, principalmente relacionada aos sentidos dados aos desejos e aos afetos. Em um primeiro momento, ficava entendido que as pessoas, ao completarem determinada idade, deveriam se manter alheias ao universo sexual da vida, acalmar os ânimos e se distanciar de vivências libidinosas. Entretanto, quando analisados com maior atenção, os testemunhos do passado indicavam uma complexidade maior para esse universo; entraria em cena um jogo de disputas relacionadas aos sentidos da sexualidade na maturidade, esses embates foram construídos a partir de diferentes discursos, como aqueles os quais buscavam divagar sobre a impotência feminina em detrimento da vivacidade sexual masculina no “outono da vida”.¹⁹ Leia-se: existiram alguns estigmas lançados mais acentuadamente para alguns sujeitos em detrimento de outros, mas não unilateralmente, em razão de as mulheres acionarem algumas condutas que iriam de encontro com o esperado para elas na idade madura. Em conformidade, o terceiro capítulo analisou como os signos do envelhecimento e da sexualidade poderiam ser “negociados” em diferentes contextos da vida em sociedade, indicando um pouco das características da sexualidade dos belenenses de outrora, da maneira com a qual procediam frente às questões tidas como angustiantes, como a impotência sexual, o namoro e o casamento.

Portanto, a dissertação se concentrou nesses ditames conflituosos da vida diante do caminho que levava à velhice, nas disputas de sentido e nos dilemas subjetivos possivelmente enfrentados pelos belenenses de outrora frente à proximidade do “outono da vida”. O trabalho se utiliza das ideias e das opiniões para esmiuçar esses jogos de poder e simbolismos, entendendo que não existia somente uma forma de envelhecer, tudo estava ligado às condições materiais da vida e das projeções do grupo circundante. Às vezes, o envelhecimento poderia se tornar forma de tentar estabelecer novos direcionamentos e expectativas, mesmo diante das dificuldades e das estigmatizações. De maneira concomitante, as seguintes páginas compreenderam elementos essenciais do modo de reprodução social dos

¹⁹ Maneira de denominar uma pessoa que chegava à maturidade, essa expressão era recorrentemente exposta nos contos e nos artigos de opinião escritos por intelectuais da época e divulgados nas revistas ilustradas.

belenenses de outrora, esses intercursos aparecem como uma janela para visualizar demandas da existência, tais como as experiências proporcionadoras da felicidade, da diversão, dos afetos, enfim, dos pontos pertinentes aos envolvidos naqueles cenários.

CAPÍTULO 1

MARCADORES DO ENVELHECIMENTO

1.1 Marcadores etários e demográficos

Marcar as etapas da vida humana, pelos critérios etários, nem sempre foi uma prática identificada no decorrer da história ocidental. Nesse ponto, a idade, enquanto significativa de local e expectativa específica, foi fruto de longos processos históricos, de modo que tudo esteve relacionado com determinadas mudanças de ordens culturais, de ordens econômicas e de ordens políticas. No centro das necessidades capitalistas – após a Idade Média – foram atribuídos os “grupos de idades” pelas quais as pessoas passariam, tudo isso frente aos ditos “períodos da produtividade e o da improdutividade” em face aos mundos do trabalho, do lucro e dos negócios.²⁰ Esse fenômeno viria, aos poucos, culminar no estabelecimento de direitos e deveres específicos para cada formação etária, elaborados de maneiras diferentes entre os estados nacionais, mas sempre com respaldo na diferenciação das fases da vida, cada uma com suas próprias demandas. Destarte, chegar, ou ultrapassar, determinada idade se tornava critério ora para a participação, ora para a exclusão da dinâmica de reprodução do capital.

Tendo em vista a forma variável de definir os marcadores etários, as “pessoas velhas” seriam enxergadas de maneiras diferentes. Mas tudo esteve relacionado às “idades produtivas” do capitalismo, as quais viriam relacionar o velho à “improdutividade” devido ao seu afastamento do trabalho produtivo. Condizente a essas problemáticas, nas linhas que seguem, buscou-se por determinados indícios para compreender o envelhecimento humano frente aos significados da idade. Em consonância, o percurso buscou explorar como o Estado brasileiro entendia as faixas etárias da população, e o que determinava as mudanças de uma fase da vida para outra no contexto histórico alvo da presente pesquisa.

Como aspecto resultante dos fenômenos históricos apontados anteriormente, no período atual, a Organização Mundial da Saúde classifica como “pessoa idosa” aquela com mais de 65 anos para países desenvolvidos, e, para os países subdesenvolvidos, aquela com mais de 60 anos. Entretanto, em outros períodos, a definição etária do envelhecimento não se apresentava de maneira precisa, uma vez que, nem mesmo o termo “idoso” era firmado para caracterizar determinado grupo populacional. Por isso, somente a partir da década de 1960 esse termo ganhou destaque nos vocabulários populares e oficiais.²¹ Definir o começo do envelhecimento, em termos etários, não configurava empreendimento fácil, em outras

²⁰ DEBERT. “A reinvenção da velhice”. Op, Cit.

²¹ GOIS JR., Edivaldo. “A luta contra a morte”: os corpos, modernidade brasileira e uma história da velhice, São Paulo e Rio de Janeiro, década de 1930. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 27 (23 de março de 2020): p. 94.

palavras, durante muito tempo, a distinção entre a velhice e outros períodos da vida adulta não estivera muito bem identificada. Tendo em vista esses problemas, as pistas deixadas pela documentação histórica e pela bibliografia pertinente ajudaram a montar indicações das maneiras pelas quais o sujeito viria a ser entendido frente a idade cronológica, principalmente em relação aos momentos de passagem de uma etapa da vida para outra, compreendidas como essenciais para a organização social brasileira de outrora.

Diante do assinalado, a influência de alguns fatores, tais como o aumento da expectativa de vida, a criação das pensões de aposentadorias e os avanços medicinais, se tornaram cruciais para estabelecer parâmetros etários a demarcar a velhice e diferenciá-la de outras etapas da vida. Todo esse processo ocorreu nos finais do século XIX e começo do XX,²² mas, em períodos históricos mais distantes do tempo atual, a idade, enquanto componente crucial para organizar a sociedade, não era tão utilizada. Tal como explicou o historiador Philippe Ariès, durante grande parte do período medieval, as crianças não eram entendidas como sujeitos separados do mundo adulto, como consequência, foram compreendidas como “adultos em miniatura”, para as quais não se estabelecia o próprio “sentimento de infância” existente em períodos posteriores. Segundo o autor, a atribuição da categoria “infância” como ponto de separação da de “adulto” ocorreria de maneira gradual, sendo testemunhada por meio de diferentes discursos iconográficos e textuais dos finais da Idade Média e começo da Era Moderna, amplamente analisados por Ariès. Para o autor, apesar de existirem formas de definir as “idades da vida” no período medieval, elas estavam longe de ter a precisão das marcações de idade no tempo contemporâneo.²³

Aos poucos, o mundo das crianças foi separado do mundo dos adultos. Todo esse percurso indicava como a questão do tempo vivido começou a fazer parte de esquemas pelos quais os sujeitos viriam a se diferenciar uns dos outros. Tais configurações estiveram alinhadas com mudanças culturais acentuadas em relação ao próprio universo das sensibilidades e dos hábitos. Se torna pertinente mencionar a formulação de uma nova ideia de comportamento adulto, para a qual não seria mais aconselhado o controle sobre as emoções – na Idade Média, um adulto expressar os seus sentimentos, tal como as crianças, era absolutamente compreensível – porém, de modo diferente, a modernidade teria “inaugurado o adulto como um ser independente, com maturidade psicológica e com direitos e deveres de

²² DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. *Revista de Ciências Humanas*, vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018, p. 7.

²³ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora S.A, 1981.

cidadania”.²⁴ Com efeito, a idade se tornava cada vez mais importante para firmar expectativas e imagens para os sujeitos históricos. Todavia, como mencionado anteriormente, o envelhecimento e, sobretudo, a velhice constituíram processos pouco concretos para a elaboração de determinações “exatas” de uma cronologia que marcasse o velho ou o idoso enquanto mais uma daquelas fases da vida.

Para o Brasil da primeira metade do século XX, os discursos não configuravam unanimidade, pois a própria definição do “velho” não parecia explicar muita coisa – o termo era usado para descrever uma quantidade diversa de sujeitos (não importava em qual idade estivessem). Outro ponto importante era a ausência da Previdência Social no País, essa realidade contribuía para a apresentação pouco precisa dos critérios etários do envelhecimento. Todavia, determinada delimitação viria a ser lançada a partir dos anos 1920, com a criação da Lei Elói Chaves em 1923, considerada a primeira legislação brasileira de cunho previdenciário, a qual criou a “Caixa de Aposentadoria e Pensões” para empregados das empresas de estradas de ferro. A partir daquele momento, os trabalhadores com mais de 50 anos, que tivessem trabalhado por até 30 anos, teriam direito à aposentadoria, assim como, assistência médica e medicamentos a preços especiais.²⁵

Esse tipo de atribuição estava relacionado ao âmbito produtivo do mundo capitalista, no qual os corpos envelhecidos ganhavam determinada carga de exigências, as quais não poderiam mais ser negligenciadas. Frente a isso, o ganho de direitos não ocorreu sem a participação social ativa, em constantes reivindicações das camadas trabalhadoras urbanas e rurais. Ademais, apesar do estabelecimento dos 50 anos como momento para se começar a receber a aposentaria, tal critério não abarcava todos os cidadãos brasileiros, isto significa que essa primeira legislação se restringira a trabalhadores de estradas de ferro, indicando maneiras diferentes pelas quais a idade viria a formular projeções, todas dependentes do contexto no qual estivesse inserido. Ao elucidar tais dinâmicas, a antropóloga Guita Grin Debert discorre importante questão: “em todas as sociedades é possível observar a presença de grades de idades nas quais seus membros estão inseridos, elas não são, necessariamente, as mesmas em todas as sociedades”.²⁶

Visto de outro modo, apesar de o critério etário lançado pela lei Elói Chaves não abranger parcela considerável da população, ele indicava como a idade poderia ser

²⁴ DEBERT. “A reinvenção da velhice”. Op. Cit., p. 44.

²⁵ SIMÕES. “Entre o lobby e as ruas”. Op. Cit., p. 60.

²⁶ DEBERT. “A reinvenção da velhice”. Op. Cit., p. 40.

significada: para um homem trabalhador, talvez os 50 anos fosse o limite da sua disponibilidade de realizar tarefas laborais de maneira eficiente, a partir de então, uma nova fase se iniciaria em sua vida, marcada pelo signo da “improdutividade”, tão usado para descrever aqueles os quais não eram mais aptos a contribuir para o sistema de reprodução capitalista. Afinal, o aposentado automaticamente seria aquele sem projeção social, porque o seu lugar de prestígio como chefe da família estaria fragilizado, ou seja, a velhice associada à aposentadoria poria em xeque a posição social do indivíduo.²⁷ Mas, em suma, todas essas questões assinalavam para um estado brasileiro, aparentemente, preocupado com a discussão do envelhecimento populacional, mas ainda pouco eficaz em compreender e estabelecer determinados marcos etários do processo de envelhecimento nos anos alvos da presente pesquisa.

O contexto trabalhista apresentava inúmeras discussões, as quais colocavam em cena a preocupação com a situação material dos sujeitos frente a vetustez. Embates que não eram novidade, pois desde o período colonial brasileiro era possível notar a presença de instituições entendidas como “protótipos” de um sistema previdenciário. Desses quadros, informa o cientista social Júlio Assis Simões, em estudo a respeito da luta de aposentados por direitos na contemporaneidade, disserta acerca do Plano de Beneficência dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha de 1785, o qual poderia ser um dos exemplos de empreendimentos relacionados à assistência social dada aos envelhecidos.²⁸ Para além dessa instituição, muitas outras associações de ajuda mútua entre trabalhadores foram formadas, principalmente no final do século XIX. Porquanto, quando se chegou às décadas de 1920 e 1930 já existia “ampla cadeia” de organizações em “prol dos corpos envelhecidos”, demonstrando diversos acionamentos da questão etária na própria luta política por direitos e cidadania.

As associações de trabalhadores urbanos inseriam o corpo como componente das disputas de representações, em razão de confirmarem a necessidade de amparo para aqueles os quais não tivessem mais a “energia suficiente” para continuar a participação em rotinas de trabalho compulsório. Tendo em vista essa realidade, era exigida a assistência em diferentes âmbitos, tais como a saúde e o lazer, tudo isso alinhado ao entendimento da condição corporal como alicerce da possibilidade de existir socialmente. Por fim, o corpo se tornava no passado, como o é no presente, a condição material que dá acesso ao mundo, “a dinâmica que expressa o modo de ser do homem e que só pode ser compreendida no vivido é a corporeidade, e dela

²⁷ NÓBREGA. “Envelhecimento, cotidiano e geografia: algumas reflexões”. Op. Ci., p. 140.

²⁸ SIMÕES. “Entre o lobby e as ruas”. Op. Cit., p. 61.

só emerge pela ajuda da linguagem que o significa”.²⁹ As discussões do corpo e das representações diante do envelhecimento estarão presentes mais a frente nesta pesquisa; entretanto, o importante seria pensar a compreensão da idade como estritamente alinhada ao entendimento do organismo e suas mudanças, em um âmbito trabalhista, essa dinâmica se tornava ainda mais evidente.

Por causa da constante preocupação com a produtividade e com a eficiência, surgia a necessidade de se estabelecer uma faixa etária visualizada como o limite da capacidade do corpo em resolver demandas importantes do universo laboral. Diante de tal perspectiva, tendo em vista a baixa expectativa de vida,³⁰ muito provavelmente seria esperado um encurtamento do tempo pelo qual os sujeitos eram enquadrados no grupo social tido como “produtivo”, de modo que a chegada da velhice não poderia ser algo visto em períodos mais tardios da vida (como atualmente), e essas projeções faziam parte dos limites estabelecidos dentro da realidade vivenciada no contexto histórico em cena.

Considera-se, portanto, que o passar dos 50 anos seria um acontecimento muito significativo na conjuntura histórica em questão, talvez aquela faixa etária fosse a mais adequada para se estabelecer um marco cronológico da velhice, principalmente diante da configuração demográfica brasileira, na qual as pessoas “jovens” prevaleciam. Sobre esse quadro, informou o censo demográfico para o ano de 1920, a população de 15 a 29 anos era de aproximadamente 8 milhões, enquanto a de 70 a 79 anos giravam em torno de apenas 308 mil habitantes no País.³¹ Diante dessa informação, observa-se que mais raramente se chegaria aos 70 ou anos 80 anos de idade, ou seja, as pessoas viriam a ser consideradas “velhas” mais cedo se comparado ao tempo atual. Em relação a esse fenômeno, a documentação histórica referente a cidade de Belém do Pará demonstrava como a idade recaía como um grande peso, já na terceira década de vida, os estigmas começavam a ser fortemente lançados, principalmente para as mulheres, colocadas em situação ainda mais dificultosa mediante a imagem social lançada para os sujeitos. Era sobre esses dilemas que falava o articulista de pseudônimo “Poty”, num fragmento de texto humorístico presente na revista paraense “A

²⁹ BLESSMANN, Eliane Jost. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 6, 2004, p. 22.

³⁰ DATTANI, Saloni; RODÉS-GUIRAO, Lucas; RITCHIE, Hannah; ORTIZ-OSPINA, Esteban; ROSER, Max. “Life Expectancy” Published online at OurWorldInData.org. Retrieved from: <https://ourworldindata.org/life-expectancy>”.

³¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *População do Brasil discriminada pelos principais característicos, segundo os recenseamentos gerais*. Rio de Janeiro: IBGE, 1938, p. 202.

Semana”, no qual abordava a seguinte questão: “Até os 15 anos as meninas dizem a idade levianamente, com ingenua alegria; dos 15 aos 20, ellas o dizem sem tristeza, porem tambem sem alegria: d’ahi aos 25, só o dizem contrariadíssimas”.³²

Tais afirmativas demonstravam que, apesar da pouca clareza referente aos direcionamentos “oficiais”, a idade era debatida cotidianamente, moldada por expectativas culturais, sendo capaz de acionar diferentes “gatilhos” nos sujeitos históricos, principalmente por causa do temor do envelhecimento. Mas, como já mencionado, todos esses pontos referentes às construções sociais serão debatidos mais atentamente no decorrer dos próximos capítulos deste trabalho. A título de antecipação, a faixa etária era envolvida por expectativas relacionadas ao modo de organização dos grupos sociais, em suas demandas específicas, como as do matrimônio, as do comportamento e as da sexualidade.

Mas, apesar da dificuldade de encontrar definições etárias mais sólidas, tudo levou a crer que a descrição do envelhecimento – sob uma perspectiva demográfica – estava profundamente ligada aos significados de produtividade e os de improdutividade no universo capitalista, os quais tinham, na entrada e na saída do universo laboral, dois importantes pontos de diferenciação dos sujeitos históricos, pois demarcavam de maneira bastante clara a mudança de um *status* para o outro. Ou seja, a idade da juventude era caracterizada pela movimentação constante do corpo no trabalho, e a idade da velhice era o período de diminuir a velocidade – fase “marcada” pela improdutividade, de acordo com as necessidades de lucro.

Apesar dos velhos estarem em menor número, as sortidas demandas relacionadas à assistência social indicavam a presença constante de debates concernentes ao lugar ocupado por eles. Em função do ganho cada vez maior de notoriedade da pauta dos vetustos, se tornou inadiável a formulação de legislações de cunho previdenciário. Assim sendo, após 1923, inúmeras outras leis tornaram o sistema de aposentadorias mais abrangente, e essas reivindicações chegaram na década de 1930 como parte significativa dos processos de lutas políticas trabalhista. Todo esse fenômeno caracterizaria um contexto social de mudanças, as quais definiriam mais claramente um “padrão de interferência do estado na regulação social”, através de conjunto complementar de legislações, tais como a trabalhista, a previdenciária e a sindical.³³ Com o advento do Estado Novo, em 1937, Getúlio Vargas consolidou diversas Caixas de Aposentadoria e Pensões em um único órgão: o Instituto de Aposentadorias e

³² A Semana. Belém, 08 de novembro de 1919, nº 85, p. 2.

³³ SIMÕES. “Entre o lobby e as ruas”. Op. Cit., p. 61.

Pensões (IAP), mais tarde, em 1966, transformado no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

O cenário apresentado ajudaria a fomentar a percepção da velhice enquanto uma etapa da vida significativa da perda dos papéis sociais, colocada como sinônimo de dependência e falta de participação efetiva no cotidiano, tendo em vista serem as limitações físicas dos velhos parte da discussão acerca dos direitos previdenciários, mais uma vez cristalizando determinados sentidos pejorativos da idade. Desse modo, a vetustez seria uma etapa representativa da decadência, da declinação que antecede a morte, carregada de sentidos como a inquietude, a fragilidade e a angústia, rodeada por temores e mitos.³⁴ Essas imagens aviltantes seriam requeridas pelas lutas políticas por direitos ao longo do século XX. Como explica Debert, o avanço da idade como percurso marcado por “perdas” daria uma “identidade” à condição do velho ou idoso, que mesmo construída de forma negativa, “foi também um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais, como a universalização da aposentadoria”.³⁵

Nessa perspectiva, marcar cronologicamente a vida dos cidadãos se tornou tarefa completamente inerente às necessidades e às disputas vindas à tona no próprio universo cotidiano, no embate de ideias e de concepções acerca do processo de desgaste físico ocasionado pelo tempo, estando alinhado às mudanças pelas quais a sociedade viria a passar nos diferentes aspectos: econômicos, políticos e científicos.

Como foi possível observar, apesar da pouca clareza dos critérios demográficos e etários para apresentar o envelhecimento populacional naquelas primeiras décadas do século XX, alguns fatores, principalmente atrelados aos debates políticos sobre a concessão de direitos como a aposentaria, funcionariam como impulso para diferenciar a velhice das outras fases da vida, sustentada na imagem do corpo envelhecido e necessitado de amparo. Ademais, como fomentadora desses conflitos, a crescente combinação do ideal de juventude com a construção de uma sociedade desenvolvida através do trabalho, colocava os cidadãos envelhecidos como parte de grupos improdutivos, outrossim, eles poderiam ganhar benefícios – aposentadorias – mas, ao mesmo tempo, seriam vistos como problema para o Estado.

1.2 Marcadores médicos e científicos

³⁴ DARDENGO. “Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?”. Op. Cit., p. 10.

³⁵ DEBERT. “A reinvenção da velhice”. Op, Cit., p. 14.

De maneira análoga, o envelhecimento viria a ser fortemente discutido pelos médicos e pelos cientistas na era moderna, todavia, a tentativa de conceituá-lo continuava longe de estabelecer unanimidade. No Ocidente, durante a primeira metade do século XX, as pesquisas científicas concentradas no envelhecimento apresentavam diferentes concepções. Muitas delas, incessantemente, falavam do deterioramento da renovação celular humana causado pelo tempo, colocado no meio de arguições levadas a efeito por diferentes profissionais da área médica. Nesse mesmo percurso, as especialidades relacionadas à vetustez, tais como a geriatria e a gerontologia, constantemente tentariam mostrar os efeitos da degradação dos tecidos, dos órgãos e dos neurônios como parte das características intrínsecas da passagem do tempo, e que viravam elementos da construção da própria identidade dos sujeitos velhos: tidos como inúteis, como miseráveis e como loucos.

Em consonância com essas imagens, o “estudo do processo do envelhecimento corporal humano” esteve envolvido por debates inesgotáveis, muitos deles, marcados por incertezas. Do ponto de vista biológico, uma das grandes “questões problema” seria definir o momento em que o organismo começaria a sofrer as consequências da passagem do tempo. Dado que, essas mudanças não ocorreriam de maneira homogênea, tudo dependeria do histórico de saúde, aliado às condições materiais de existência de cada ser humano. Mesmo diante dessas dúvidas, durante muito tempo (e ainda hoje) se considerou o processo de envelhecimento muito próximo ao de adoecimento; pois a medição do grau de desgaste do corpo, tal como se faz diante da doença, seria a maneira mais “eficiente” de se estabelecer o ordenamento das características da senilidade.³⁶ Para essa concepção, o envelhecimento representa um conjunto de consequências dos anos vividos, caracterizadas pela “involução morfofuncional que afeta todos os sistemas fisiológicos principais, de forma variável. Essa involução não impede, entretanto, que a pessoa se mantenha ativa”.³⁷

Diante desses problemas, o surgimento de especialidades, tais como a geriatria e a gerontologia, no início do século XX, tentariam dar resposta às dúvidas provenientes das diferenças e semelhanças entre o “adoecimento” e o “envelhecimento”; entretanto, esbarraram nos mesmos problemas conceituais no que diz respeito a degradação física do organismo. A geriatria seria uma ramificação da medicina que visa tratar as doenças relacionadas à passagem do tempo no corpo. Já a gerontologia social, abarca uma gama de disciplinas, tais

³⁶ GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 9, nº 1., abril de 2002.

³⁷ MORAES, Edgar; MORAES, Flávia Lanna de; LIMA, Simone de Paula Pessoa. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. *Revista Med Minas Gerais* 2010; 20(1), p. 67.

como a psicologia, o serviço social, o direito, a nutrição, para estudar o envelhecimento. Dessa divisão, têm-se que somente os médicos podem se tornar geriatras, enquanto todos os outros profissionais citados podem vir a ser gerontólogos. Nessa atmosfera, as abordagens se apresentam de forma ampla, todavia, “na prática parecem ser privilegiados os assuntos na área da saúde, seja os da área médica, seja da biomédica; mas, em um sentido geral, esse fenômeno tem sido chamado de “biomedicalização da velhice”.³⁸

Por um lado, esse fator viria a contribuir cada para uma cristalização da dupla imagem “velho e doente” na mentalidade ocidental, à vista disso, alcançar determinada idade significaria a perda quase total da qualidade de vida, com efeito, se pensava na velhice enquanto um momento obscuro, sem perspectiva e triste. Por outro, a evolução do aparato médico foi responsável pela ampliação da expectativa de vida nos últimos 100 anos; entretanto, a maior quantidade de pessoas que passaram dos 60 anos de idade não significou a melhor qualidade de vida para essa população; nesse sentido, a visão do velho dentro de hospitais se tornou constante, como se a vetustez fosse sinônimo de perda quase total da saúde.³⁹

Se houvesse um local mais adequado para simbolizar as expectativas sociais lançadas aos velhos, talvez este fosse o hospital. Aquele espaço materializava diversos contextos de aflição e de sofrimento relacionados à senilidade, de modo que, no decorrer do século XX, instituições de caridade e amparo seriam construídas e apresentadas como cenários agraciadores para os envelhecidos, mas, ao mesmo tempo, se tornavam sinônimo de distanciamento. Frente a esses dilemas, foi comum a inclusão dos velhos no conjunto de sujeitos indesejados socialmente, e público-alvo de mensagens relacionadas à necessidade de reverter os problemas de saúde, divulgadas por instituições médicas ou de grupos de cunho filantrópico. Posteriormente, nessa dissertação, será possível observar como essas mensagens relacionadas a um contexto higienista viriam a fazer parte de inúmeras estratégias do próprio discurso médico para legitimar manipulações em corpos de sujeitos pobres e doentes nas primeiras décadas do período novecentistas, sobre esses aspectos, revelavam inúmeras desigualdades e dificuldades de uma população pobre e envelhecida naquela época em questão.

Ainda nesse particular, a imagem dos velhos foi emoldurada no espelhamento dos moribundos, e seus destinos seriam os asilos, os hospitais ou os manicômios, nesses espaços,

³⁸ GROISMAN. “A velhice, entre o normal e o patológico”. Op. Cit. p. 64.

³⁹ MORAES. “Características biológicas e psicológicas do envelhecimento”. Op. Cit.

eles viveriam seus últimos dias, à espera de visita ou de algum tipo de contentamento para a “alma”. Ao se debruçar nesse fenômeno, Norbert Elias discute o distanciamento lançado àqueles que se aproximavam da morte, segundo o autor, um dos motivos para essa exclusão seria “exatamente porque a morte do outro é uma lembrança da nossa própria morte. A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a ideia da própria morte”.⁴⁰ Tais temores encontravam na “medicalização do envelhecimento” um grande ponto de sustentação, e recorrentemente as expectativas dos doentes seriam as mesmas daqueles que envelhecem, logo, o temor da morte e da doença se tornava o temor de envelhecer. Novamente, os registros históricos da cidade de Belém do Pará aplicavam essa equação de maneira descritiva e imagética. Em conformidade, na revista “Pará-Médico” a imagem do velho era corriqueiramente explorada em contextos de manipulações corporais e na divulgação de estudos acerca das mais diversas características das moléstias que acometiam a população, nesse preâmbulo, surgia a alusão indireta entre o corpo envelhecido e o corpo do moribundo, ambos necessitados de intervenção, para que fosse possível resolver as desregulações do organismo.

Figura 1 – Mulher velha acometida por “Kysto seroso da região parotidiana”



Fonte: Pará-Médico. Belém, setembro de 1922, nº 10, p. 79.

O texto intitulado “Apontamentos para a história social e científica da Sociedade Medico- Cirurgica do Pará”, cujo autor não era identificado, informava que a senhora na fotografia acima, acometida por “kysto seroso”, havia sido operada com sucesso pelo dr. Amanajás Filho no Hospital da Caridade no ano de 1922. Como resultado daqueles procedimentos, as imagens dos velhos eram exploradas para indicar os efeitos curativos da manipulação corporal – do uso de técnicas cirúrgicas atualizadas e inovadoras, da condução de prognósticos modernos e eficientes – por isso era dito que aquela população teria toda a

⁴⁰ ELIAS. “A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer”. Op. Cit., p. 3.

assistência possível em caso de enfermidade, não importava de qual tipo fosse. Nesse ínterim, as fotografias se tornavam “cartão postal” dos avanços medicinais no Estado e, no centro do debate, fora idealizada uma sociedade avançada e higiênica. Como parte desses fenômenos, o adoecimento foi visto como um grave empecilho ao almejado, não obstante, os corpos velhos foram frequentemente aqueles os quais exemplificavam as moléstias nas páginas de periódicos como parte de determinado “problema”. Diante do assinalado, era muito estreita a relação entre o sujeito velho e o moribundo, como duas partes de um mesmo significado, para eles, a ciência médica era o único caminho apresentado como solução para um destino em comum: a morte.

Todo esse caminho esteve estreitamente direcionado aos conceitos médicos da “senilidade humana”, com os quais as arguições científicas estavam atentas. Relativo a esse percurso, seu ponto de partida ocorreu ainda no Renascimento, momento em que o corpo se tornou alvo da formulação de ideias de aprimoramento biológico, as quais, posteriormente, culminariam em projetos de “melhoramento racial”. Nesse particular, o homem do Renascimento descobriu a beleza presente no corpo e na natureza, as leis da mecânica e da causalidade se tornaram fundamento da ciência e “o mundo do sentimento religioso, do irracional e do misticismo, que tivera papel tão importante na época medieval, passou a ser cada vez mais oculto pelos triunfos do pensamento lógico”.⁴¹ Conjuntamente aos novos desígnios, “o corpo seria manipulado, modelado, treinado, enfim, iria tornar-se hábil para produzir”.⁴² Toda essa conjuntura ideológica iria influenciar inúmeras pesquisas científicas concernentes ao aprimoramento da raça humana, principalmente a partir do século XIX, período no qual as concepções evolucionistas de Darwin viriam a ser exploradas no campo científico e social como válvula de escape para a criação de projetos eugenistas implementados a partir de uma política de exclusão (ou mesmo extermínio) dos sujeitos indesejados.

Inserido nessas demandas, o processo de envelhecimento corporal humano se transfigurou em um problema científico propriamente dito, de tal maneira, uma das primeiras características relacionadas aos estudos foi a tentativa de estabelecer métodos de reversão das intempéries que afetariam o organismo em uma idade madura. Segundo essa visão, aqueles prejuízos se apresentavam como a antítese de uma sociedade moderna e desenvolvida – local onde os corpos deveriam permanecer saudáveis – de tal forma, a velhice fora novamente

⁴¹ BLESSMANN. “Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice”. Op. Cit., p. 25.

⁴² Ibid., p. 25.

lançada ao olhar dos demais como grande peso, agora vista principalmente pelas lupas de concepções higienistas, as quais irão ganhar grande força entre os finais do século XIX e início do século XX.

Nas décadas de 1920 e 1930 se percebe uma grande quantidade de anúncios de jornais os quais colocavam em pauta a restauração do vigor para os corpos diante do envelhecimento. Na folha noticiosa “Estado do Pará”, no ano de 1922, era divulgado o fármaco “Emulsão de Scott”, com a seguinte chamada: “Gozar a vida nas últimas décadas não só é lógico, mas possível”.⁴³

O campo farmacêutico viria a usar da euforia em relação aos avanços científicos para divulgar tratamentos, suplementos e medicações ditas eficazes para os mais variados fins. Nesse ínterim, os meios de comunicação de massas atuavam no sentido de demonstrar reiteradamente à população a sua falta de saúde e de beleza, induzindo-a ao consumo de produtos relacionados às necessidades criadas.⁴⁴ O envelhecimento do corpo se tornava um dos grandes problemas frente ao desejado, talvez um dos mais evidentes no bojo das preocupações modernas com o desenvolvimento social, no fim de contas, a imagem do velho era contrária a da força relacionada ao trabalho no sistema de reprodução capitalista. Nesse ínterim, apesar de o começo do século XX não ser caracterizado por políticas públicas muitos evidentes para os que envelheciam, diversos discursos evidenciavam que eles não eram despercebidos. Como forma de tencionar os sentidos de aptidão do corpo para determinados fins, tendo como parâmetro os evidentes avanços na área da saúde, a degradação do organismo pelo tempo seria “colocada à prova” pelas novas formas de intervenção farmacêutica, de terapêutica e de cirúrgica.

Em Belém do Pará, esses procedimentos se mostravam presentes a partir de muitos exemplos, como será possível perceber no decorrer deste trabalho, para além da publicidade, existia a divulgação de estudos e práticas de intervenção no organismo as quais viriam a enfatizar a possibilidade de um corpo saudável e jovem por mais tempo, a exemplo das práticas de tratamento visando tratar a disfunção sexual masculina, completamente relacionadas aos anseios e dilemas no bojo do processo de envelhecimento corporal humano. Da mesma maneira, as demonstrações de práticas cirúrgicas mais atualizadas e modernas exemplificavam grande parcela de intervenções nos corpos velhos, como maneira de demonstrar os sucessos de uma sociedade empenhada no desenvolvimento e na resolução de

⁴³ Estado do Pará. Belém, 25 de novembro de 1922, nº4164, p. 2.

⁴⁴ BLESSMANN. “Corporeidade e envelhecimento”. Op. Cit., p. 25.

variados problemas de saúde populacional, acenando para a possibilidade de reverter alguns prejuízos causados pela idade avançada.

A intervenção nos corpos, diante do envelhecimento, fazia parte de uma ambição científica e política ampla, nas palavras de Guita Grin Debert, o próprio surgimento da gerontologia viria a tornar o envelhecimento uma “especificidade científica”, em consonância, “os primeiros discursos pertenciam ao campo médico e tratavam do envelhecimento orgânico, visto como desgaste fisiológico. Esse discurso é abordado em obras especializadas, encarregadas de difundir o saber e propor medidas de higiene corporal”.⁴⁵ Em assentimento, as ideias higienistas viriam a fomentar manipulações corporais acirradas e, por meio das novas técnicas médicas, a senilidade virava mais um alvo dessas intervenções, quase numa “promessa da juventude eterna”. Afinal, o “ser velho” – imediatamente tido como o “ser degradado” – se manifestava como antítese do proposto para o futuro da sociedade, baseado em saúde, em trabalho e em eficiência.

No decorrer das décadas, esse campo multifacetado de pesquisas e análises viria a revelar algumas informações importantes. Hoje sabe-se que, embora não ocorra da mesma maneira nem ao mesmo tempo para todas as pessoas, à medida que o tempo passa pelos corpos humanos a execução do “gesto motor se deprecia, a agilidade diminui, a plasticidade vai se tornando rude, a coordenação vai se tornando alterada pela falta do ritmo e da sequência natural dos movimentos”,⁴⁶ e isso passa a ser a razão de preocupação, isto posto, chega uma hora em que a realidade concreta da velhice é incorporada pelo indivíduo.⁴⁷ No entanto, referente às condições basais, os velhos não aparentam alteração no funcionamento se comparados aos jovens, ainda assim, as diferenças se manifestam em situações nas quais se torna necessária a utilização das reservas homeostáticas – referente ao processo de regulação no qual o organismo permanece em equilíbrio – naturalmente mais fracas em pessoas com idade avançada. No mais, existiria grande variação entre o envelhecimento de cada órgão do corpo humano, tornando a questão ainda mais complexa.⁴⁸

Mediante a tantas variáveis, talvez aqui resida um dos maiores problemas da definição de um marcador biológico da velhice. Se os órgãos envelhecem de maneira diferente, se torna

⁴⁵ DEBERT. “A reinvenção da velhice”. Op. Cit., p. 31.

⁴⁶ BLESSMANN. “Corporeidade e envelhecimento”. Op. Cit., p. 30.

⁴⁷ Ibid., p. 30.

⁴⁸ MORAES; MORAES; LIMA. “Características biológicas e psicológicas do envelhecimento”. Op. Cit., p. 68.

ainda mais ampla a forma com que cada sujeito sentiria essas mudanças; desse modo, indivíduos do mesmo grupo etário estariam em estágios diferentes do desgaste celular, tudo dependeria da predisposição genética para as doenças, para a perda de elasticidade da pele, para a lentidão das funções motoras, dentre outros fatores. Como afirma o psicólogo e pesquisador Daniel Groisman, esse dilema dificultou o próprio estabelecimento das bases teóricas e empíricas da geriatria e da gerontologia. Para o autor, essas especialidades são consideravelmente confusas, por não conseguirem responder questões cruciais – tais como diferenciar a velhice da doença – somente salientam que “o envelhecimento não parece ser definido pela idade de uma pessoa, mas pelos efeitos que essa idade teria causado no organismo”.⁴⁹

Diante desses pontos de contradição, por muito tempo, a análise científica apresentou determinadas hipóteses as quais se tornaram legitimadoras para estigmas recorrentemente lançados aos sujeitos, como os preconceitos ligados à invalidez do corpo, tido como lento e ineficaz. Mas, para além desse aspecto, a própria mente humana seria usada como alvo de algumas aferições importante no tocante à senilidade. Em conformidade, uma característica importante de tal percurso seria o hábito de relacionar a velhice com a doença mental, não obstante, a imagem do vetusto seria adaptada para mais uma representação: a do louco.

Destarte, dizia-se que a lentidão da renovação celular, conseqüentemente, atingiria o cérebro, se tornando fator primordial para os desregulamento das funções psíquicas do indivíduo, todo esse percurso seria apresentado em abordagens investigativas das funções dos neurônios e das partes cerebrais mais afetadas pela dita senilidade – velhice relacionada ao adoecimento – em divagações sobre a mania, a paranoia, a esquizofrenia e a doença do Alzheimer.

Outrora, a psicopatologia viria a descrever a grande frequência de desenvolvimentos paranoides no envelhecimento, isso gerou angústia a longo prazo em relação à instância simbólica da pessoa vetusta, dizia-se que a perda das capacidades mentais significava o total esvaziamento dos papéis sociais, isso viria a tornar o envelhecimento um forte sinônimo para “crise existencial”. No decorrer desse processo, “se pela “paranoia” o velho buscava acusar ativamente os outros pela sua destituição simbólica e derrocada funcional, colocando-se na posição subjetiva de “vítima” do mundo”. Em contrapartida, o velho frequentemente recusaria

⁴⁹ GROISMAN. “A velhice, entre o normal e o patológico”. Op. Cit. p. 66.

sua posição de perda simbólica e funcional “representando-se como ainda sendo jovem”.⁵⁰ Essa era uma das principais estratégias para amenizar os desconfortos da idade – a negação e o afastamento da velhice pela maior quantidade de tempo possível – principalmente a partir do século XX. Mas, em suma, diante da perda do simbolismo no espaço social, “a figura do velho não podia refazer efetivamente sua existência, uma vez que o tempo da existência já tinha passado, sendo lançado então em impasse existencial intransponível no seu psiquismo”.⁵¹ Decididamente, esse problema complexo se tornou grande fomentador de determinados preconceitos lançados às pessoas velhas ou idosas, quase sempre taxada de tristes, infelizes ou propensas à insanidade desenfreada.

Ao destacar essas características, seria importante mencionar as diferenças existentes na forma de percepção da velhice entre as sociedades. No ocidente, os estigmas analisados anteriormente estariam bastante relacionados ao contexto de modernização, presente em diferentes esferas da vida desde renascimento, tendo seu ápice entre os séculos XIX e XX. Mas, em outros contextos, relacionar o envelhecimento com o adoecimento, seja ele físico, seja ele mental, não parece sido comportamento tão automático.

Todavia, em outros lugares, talvez não fosse desse jeito. Sobre isso, na introdução de um artigo referente à doença de Alzheimer na Índia, o antropólogo Lawrence Cohen narra um curioso caso por ele presenciado. No ano de 1988, antropólogos de várias regiões do mundo estavam em Zagreb, capital da Croácia, para um congresso internacional. Durante o evento, várias sessões foram dedicadas à velhice, em uma delas, um antropólogo indiano apresentou um estudo concentrado na longevidade de alguns idosos em uma determinada tribo no nordeste da Índia.

Segundo afirma Cohen, um antropólogo norte-americano perguntou ao conferencista sobre a incidência da demência entre os idosos daquela tribo; no entanto, o palestrante indiano não compreendeu a pergunta, sendo assim, o americano repetiu-a, variando as palavras: “demência senil? Doença de Alzheimer?”, e o pesquisador, que havia abordado questões densas acerca do campo emergente da gerontologia na Índia, parecia não ter familiaridade com tais termos. Nesse momento, outras pessoas presentes na plateia – a maioria da Europa, do Canadá e dos Estados Unidos – tentaram ajudar pois, para eles, o questionamento parecia óbvio. Após usarem vários termos, um participante finalmente exclamou: “Ah, velhos loucos!”. A audiência se demonstrou bastante irritada com aquele moço empolgado,

⁵⁰ BIRMAN, Joel. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.22, n.4, out.-dez. 2015, p. 1279.

⁵¹ *Ibid.*, p. 1279.

assegurando que certamente “velhos loucos” não era o termo correto com o qual queriam se referir àqueles idosos, em razão de estarem referindo-se à uma “doença biológica”. Quando um participante, enfim, mencionou a palavra “senilidade”, nesse momento o antropólogo compreendeu os questionamentos, pacientemente informando: “mas veja, não há senilidade nessa tribo”.⁵²

O relato de Cohen oferece pistas importantes acerca da percepção social do envelhecimento. De um lado, existe a visão médica ocidental que identifica a doença de Alzheimer na maioria dos contextos nos quais a velhice está em pauta; de outro, observa-se que mesmo os fenômenos pretensamente biológicos podem ser percebidos de diferentes maneiras. Isso posto, a concepção indiana de senilidade se tornava bastante diferente da ocidental, ou mesmo ausente em alguns contextos. Diante do assinalado, identifica-se que, no decorrer dos desenvolvimentos científicos, existiu muita complexidade acerca das definições do envelhecimento humano. Nesse ínterim, diversas descobertas importantes na área da saúde foram possíveis graças as novas técnicas de análise dos corpos; no entanto, muitas perguntas ainda permaneceram sem respostas, mas não seria exagero dizer que, quando colocado em uma discussão médica, o envelhecimento humano foi cercado por estigmas, talvez o principal deles se configurou na imagem da doença – seja física, seja mental – como único ponto de identificação para os sujeitos no “entardecer da vida”.

Ainda assim, no decorrer do século XX, alguns antropólogos, como Guita Grin Debert, consideram que esses estigmas foram importantes para justificar a busca por direitos dos velhos, contribuindo para tornar o envelhecimento uma “questão pública”. Para a autora: “assistimos, por um lado, a uma socialização progressiva da gestão da velhice, durante muito tempo considerada própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transforma em uma questão pública”.⁵³

Todavia, tendo em vista tais fenômenos, seria possível afirmar que o processo do envelhecimento corporal humano nunca foi uma esfera apartada da “discussão pública”. Durante séculos de história, o corpo envelhecido não deixou de fazer parte de muitas construções simbólicas referentes à ocupação de determinados espaços. Nesse percurso, a percepção social dos sujeitos seria outro aspecto significativamente importante para tentar traçar um ponto de explicação para o envelhecimento. No fim de contas, as condições

⁵² COHEN, Lawrence. “Toward an anthropology of senility: age, weakness and Alzheimer’s. In: BANARAS, India. Medical anthropology quarterly. Vol 9, nº 3, p. 314.

⁵³ DEBERT. “A reinvenção da velhice”. Op, Cit., p. 13.

biológicas foram constantemente explicadas através das construções sociais, de modo que o envelhecimento seria marcado por imagens e representações variáveis no decorrer do tempo, característica ainda mais forte quando se pensava as diferenças sociais existentes entre as pessoas no passado. Portanto, cabe discutir acerca da forma pela qual a pessoa dita “velha” era significada socialmente, através de alguns dos discursos colhidos nas fontes históricas analisadas.

1.3 Marcadores sociais

Se fôres á minha casa e me vires correndo,
Suando com as mãos sujas,
Brincando com areia,
Não estranhes...
É proprio de minha idade
Sou creança,
Estou brincando...

Se me vires na rua
Correndo, camisa suada,
Cabello em desalinho,
Rosto barbado,
Não estranhes...
É proprio de minha idade,
Lutando com a vida,
Trabalhando...

Se fôres á minha casa
E me vires sentado,
Cabellos brancos, as mãos tremendo,
Olhos marejados d’agua,
Não estranhes...
É proprio de minha idade,
Sou velho,
Estou chorando...⁵⁴

No poema intitulado “Vida...”, publicado em 1939 na revista “A Semana” em Belém do Pará, o escritor de nome Orlando verbalizava determinadas expectativas lançadas para as pessoas diante das fases da infância, da maturidade e da velhice, dentre as quais, a última se apresentaria com um estado marcado por perdas atreladas às dificuldades motoras e aos sintomas depressivos. Como parte desse conjunto, as pessoas velhas seriam tidas como incapazes de realizar tarefas imprescindíveis ao modo de reprodução social, desde aquelas relacionadas aos movimentos de diversão da infância, até os percursos relacionados ao trabalho e ao casamento na vida adulta. Esse ponto da discussão se tornou fundamental para

⁵⁴ A Semana. Belém, 23 de março de 1939, nº 1024, p. 7.

explicar elementos centrais da percepção dos corpos velhos no passado em Belém do Pará, de modo a mostrar como eram elaborados signos fortemente relacionados à maneira de organizar aquela sociedade, essas configurações elegeram tipos específicos de compleições a serem admiradas e, ao mesmo tempo, indicavam aquelas as quais tinham de ser distanciadas e excluídas.

Logo, a forma de marcar o envelhecimento estava ligada aos próprios costumes da época em questão, os quais viriam a dizer locais adequados para os sujeitos, e o “envelhecer dignamente” dependeria do prestígio de algumas pessoas e do desprestígio de outras. Esses fenômenos foram revelados a partir de inúmeros discursos textuais divulgados nas fontes históricas em questão, tais mensagens assinalavam as expectativas sancionadas por determinada intelectualidade literária, a qual escrevia nos periódicos impressos que circulavam pela capital paraense naquele contexto histórico em questão.

Um dos locais mais recorrentes a elaborar significados para o envelhecimento, portanto, era no espaço das representações corporais. Nesse particular, perder a força e a vivacidade definiria a chegada do “outono da vida”, e não importava a idade da pessoa, todos estavam sujeitos aos julgamentos compartilhados pelo meio circundante. Tal como era possível visualizar nas construções de “Orlando”, contrastava-se o vigor de um homem jovem “lutando com a vida e trabalhando” com incapacidade de um velho “sentado e chorando”. Essas imagens, apesar de não serem característica exclusiva daquele período histórico, refletiam muito acerca da dinâmica conflituosa entre a apologia da modernidade e a do desenvolvimento, cujo contexto defendia o trabalho como engrandecedor da raça, e para ser eficiente precisava-se de um corpo ágil e rápido. Nesse sentido, a visão dos velhos seria marcada pela da improdutividade, porque eles representavam a total antítese das idealizações sociais correntes.

Como em um dos pontos trazidos por Orlando, as idealizações em torno do “trabalho produtivo” eram importantes formas de evidenciar a passagem do tempo no corpo de um sujeito. Da mesma maneira, outras instâncias da vida não viriam se diferenciar desse constante arsenal de discursos, tais como os ditames da aparência e da sexualidade, os quais delimitariam quem era jovem, quem era maduro ou quem era velho. De todo modo, no decorrer dos anos 1920 e 1930, na cidade de Belém do Pará, as narrativas expostas nas revistas literárias e noticiosas demonstravam que a juventude representava aspirações relacionadas ao projeto de civilização, tendo em vista um contexto de muita euforia relacionada às mudanças trazidas pelo século XX, tanto no contexto tecnológico, quanto na reprodução dos costumes. Ser jovem, portanto, se apresentava como o mais potente ponto de

representação do desenvolvimento social e urbano daquela conjuntura histórica; em contrapartida, a ideia do envelhecimento se estabelecia enquanto imagem contraditória frente aos “novos tempos”. Conseqüentemente, segundo as aferições de uma intelectualidade dita influente, imediatamente as pessoas velhas deveriam se esconder, em motivo de serem elas a “antítese da modernidade”.

Na esteira desse processo, as deliberações mostravam como os efeitos da passagem do tempo não diriam respeito somente às necessidades capitalistas concernente ao trabalho, mas à própria formulação de identidades sociais, especificamente urbanas, as quais pareciam direcionar parte de suas expectativas para um núcleo de vivências juvenis, eufóricas e centradas na constante transformação do cotidiano. Por conseguinte, assuntos os quais poderiam ser entendidos como “fúteis” se apresentavam como importantes meios para destacar as ideias referentes ao envelhecimento. Em texto referente ao carnaval, era constante a indicação do autor a respeito da tristeza e amargura de uma mulher madura diante da felicidade dos jovens, nas palavras do articulista com o pseudônimo “Pan Demonio” era possível compreender esse dilema, especificamente femininos, o autor formulava as seguintes deliberações: “se és jovem, esperas o carnaval, como esperarás por mezes ou annos, o noivo que te há de falar de sonhos lindos e pintar um mundo de illusões: se, porém, a neve da velhice derramou-se-te por sobre a cabeça, que sei eu?, bôa, terás um sorriso de indulgencia para com os que são novos”.⁵⁵

Esses sentidos dados aos momentos de lazer e diversão indicavam a discrepância existente entre uma abordagem centrada na felicidade e outra na tristeza: de um lado, a juventude, de outro, a velhice. Nesse preâmbulo, as mensagens colocavam em cena a “pessoa velha” como mero “expectador passivo e sem direito à notabilidade” frente aos acontecimentos que davam sentido à vida, proporcionadores de satisfação. Essas configurações apontavam para condições de existência muito particulares: para fazer parte da vida social num contexto burguês, era preciso ter o corpo ágil, aparência jovial e vontade de se movimentar. Essa era uma das formas de marcar o envelhecimento, pouco esclarecedor de uma condição etária, mas muito de uma forma de representar as mudanças na aparência, no traquejo social e na capacidade de movimentação corporal, de modo que pouco importava a idade do sujeito, se ele perdesse essas condições, seria taxado como velho e como indesejado.

Concernente a elementos semelhantes, em estudo voltado a discutir a cidade de São Paulo na década de 1920, o historiador Nicolau Sevcenko menciona a euforia daquela

⁵⁵ A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, nº. 44, p. 10.

sociedade diante das mudanças urbanísticas e comportamentais. Para o autor, houve acentuada cisão entre as perspectivas de lazer e de diversão modernas quando comparadas aos períodos históricos anteriores, ocasionando mudanças na forma pela qual as pessoas enxergavam a necessidade de utilizar o tempo para relaxar e se divertir. Em suas palavras: “O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua, é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice”.⁵⁶ Diante do assinalado, apesar do autor discutir outra região do País, os sentimentos em relação ao novo e ao urbano se aproximavam com alguns discursos presentes na cidade de Belém, os quais evidenciavam o choque gerado pela “aproximação” de uma sociedade mais “tradicional” com outra dita “moderna” e “reformulada”.

Existia uma maior presença de elementos relacionados ao jovem, num universo pensado, em boa parcela, para os adolescentes e os recém-chegados à vida adulta, em razão de representarem a esperança de futuro próspero, e as idealizações do microcosmo urbano apontavam para as melhores formas de dar resposta às demandas daquele grupo geracional. Nesse percurso, a juventude, em determinados discursos, era chamada à missão de reestruturar a sociedade, em detrimento da velhice, apresentada com rechaçar.

Demonstrando essa ideia, a articulista Aline Mattos, em “A Semana”, refletia acerca de algumas expectativas para o futuro nacional, de acordo com a autora: “A Mocidade é o supremo bem, representa no cenário multiforme das sociedades humanas, o papel primordial, porque a sua voz é a esperança que alada refulge e nas atitudes choreográficas dos seus folguedos, canta a plastica do Entusiasmo”.⁵⁷ Nesse intercurso, Mattos dicotomizava os significados de jovem e velho, principalmente aos dizer que: “A mocidade é a ventura. Confiança, luta, espera. A velhice é a descrença. A mocidade é a esperança. Os moços não conhecem a tristeza. A Tristeza é a Morte. A alegria é a Vida. A Mocidade é alegre”.⁵⁸ Nesse primeiro exemplo, a ideia de envelhecimento era relacionada à determinada angústia, numa perspectiva de esgotamento. Por outro lado, as aspirações da juventude seriam responsáveis pela conquista do “sucesso”, tanto no plano individual quanto coletivo, em uma caminhada rumo à prosperidade, associada ao próprio sentimento nacionalista: “Com ella,

⁵⁶ SVECENKO. “Orfeu extático na metrópole”. Op. Cit., p. 33.

⁵⁷ A Semana. Belém, 24 de abril de 1920, nº. 108, p.7.

⁵⁸ A Semana. Belém, 24 de abril de 1920, nº. 108, p. 7.

principalmente, se formam o futuro e a glória das nações. Mocidade! Luctae para vencer gloriosamente, valorosamente”.⁵⁹

A apologia da juventude iria dizer da velhice frases vexatórias e atribuí-la à impotência. Isto posto, as condições necessárias para ser admirado eram construídas pela mentalidade intelectual numa teia discursiva pretendida influente, nesse percurso, tentariam acionar o mecanismo da linguagem escrita para transferir suas opiniões aos leitores, de forma a serem aceitas e implementadas cotidianamente. Ao analisar questões análogas, Guita Debert menciona que, no decorrer do século XX, a juventude viria a ser entendida para além de uma fase da vida, mas enquanto um “estilo de vida” a ser exaltado e perseguido de maneira freme. Para a autora, essa definição tornaria cada vez mais pesado o “fardo” do envelhecimento, onde somente aqueles os quais conseguirem se adequar em padrões juvenis de aparência e de agilidade, mesmo diante da idade madura, seriam considerados dignos de valorização social.⁶⁰

A representação de um valor de eficiência estava implantada em um corpo jovem, num jogo de ligação imagética entre o objeto e o significado, como afirma Roger Chartier, no processo de significação, uma relação decifrável é postulada entre o signo visível e o referente significado, mas isso não quer dizer que será necessariamente decifrado tal como deveria ser.⁶¹ As elucidações de Chartier contribuíram para pensar como as construções observadas nas fontes históricas em Belém do Pará revelavam a necessidade de apresentar símbolos para o dito desenvolvimento nacional, os quais deveriam ser facilmente assimilados pelos sujeitos, sendo a representação da vida jovem umas utilizadas nesse percurso. Ademais, o mais importante a ser destacado seria que a vida velha, necessariamente, era representada por tudo aquilo o que não era uma vida jovem. Daí, talvez, a delimitação de um marcador etário específico não fizesse tanto efeito nesse intercurso, como alternativa, eram mais recorrentes os destacamentos de símbolos tais como a beleza, a força e a produtividade, encontrados em apenas uma categoria de sujeitos. Portanto, a ausência de tais símbolos fazia identificar o envelhecimento humano. Como razão, para parte da sociedade belenense de outrora, as rugas, os fios de cabelos brancos, o cansaço e a tendência aos sentimentos melancólicos seriam partes essenciais da caracterização de uma velhice indesejada.

⁵⁹ A Semana. Belém, 24 de abril de 1920, n.º. 108, p. 7.

⁶⁰ DEBERT. “A reinvenção da velhice”. Op, Cit., p. 66.

⁶¹ CHARTIER. “O mundo como representação”. Op. Cit., p. 184.

Mas para além desse aspecto, seria importante mencionar as diversas tensões existentes no bojo das diferenças relacionadas às posições de poder ocupada pelos sujeitos, enxergados de maneiras diferentes diante do envelhecimento (as rugas pesavam mais para uns do que para outros). Afinal, se as qualidades da juventude angariavam admiração para determinadas pessoas, de modo parecido, as características da vetustez poderiam sancionar olhar prestigioso para alguns eleitos: os homens em grande medida.

Nesse ínterim, a desigualdade de representações entre os homens e as mulheres influenciou as formas de estabelecer os espaços concernentes à vetustez. Em quantidade de textos nada irrisória, eram mencionadas diversas instâncias da vida as quais foram significadas de maneiras diferente entre os sexos diante do “outono da vida”; dessa forma, os debates cotidianos acerca da beleza, do charme e da admiração se transformaram em grande marca da arguição intelectual, na qual se falava da juventude e beleza encontradas em alguns sujeitos – mesmo passados os seus trinta anos de idade – e da velhice e feiura identificadas em outros na mesma faixa etária. Diante desse aspecto, se tornou importante mencionar que os trinta anos era a idade ao redor da qual giravam boa parte dos discursos relacionados ao envelhecimento. Entendia-se que, a partir daquele momento, se tornava mais fácil perceber a passagem do tempo e suas marcas na aparência física e na subjetividade humana.

Essas características serão dissecadas atentamente no capítulo dedicado à sexualidade; entretanto, vale ressaltar algumas especificidades desse processo, elas indicavam como os discursos viriam a ser atravessadas por recortes de classe e gênero. Isto é, existiam muitas mensagens as quais buscavam enfatizar a presença da beleza e do prestígio masculinos, diante da idade madura, as quais negavam a própria ideia de “velhice”, quando falavam do vigor do homem com seus cabelos brancos. Como era o caso de uma crônica focada na idade masculina, presente na revista “A Semana”, o qual viria a afirmar a grande jovialidade de um homem quando dos seus trinta e oito anos, nas palavras do articulista: “O dr. Oscar não passou ainda dos 38...mais rijo, mais elegante que muito amofadinha. Em questão de idade, repetimos, não metteremos o bico”.⁶²

Quando a temática era o dilema da idade, as visões acerca dos homens foram estabelecidas através de eufemismos, tudo deveria ser posto como se eles, diante da maturidade, tivessem ainda o corpo bastante juvenil, atlético e atraente. A partir dessa retórica, fundavam autoimagem da virilidade, para a qual os cabelos brancos se tornavam uma dádiva – os fios grisalhos estavam longe de significar o desprestígio e o distanciamento. Não

⁶² A Semana. Belém, 1 de novembro de 1924, n.º. 341, p. 37.

seria novidade dizer que, esse processo de construção da identidade, se apoiava em signos antiquíssimos do homem enquanto ser dotado de uma potência quase inesgotável, na ideia de dominação masculina levada à constituição de corpos viris e compactos, do fantasma da onipotência, com base em agregações arcaicas e primitivas.⁶³ Todo esse processo de fundação do eu masculino viria a influenciar diretamente as formas de visualizarem o envelhecimento; elemento relacionado ao medo, deveria ser neutralizado, nem que fosse apenas no âmbito discursivo, por causa da sua forte capacidade de destruir os signos da força masculina, baseados em eficiência e velocidade.

A ideia de virilidade inesgotável, entretanto, não era garantia de opiniões contrárias acerca do homem maduro. Quando se colocava em xeque os desígnios da aparência, não havia unanimidade de opiniões, e alguns sinais da idade pareciam ser apresentados de maneira vexatória. Tal como era o caso da calvície – empecilho para a imagem de potência almejada – tornando os senhores alvos de desrespeito e zombaria, muito recorrentemente exposta nos textos analisados. Existia medo, por parte de muitos homens, de mostrarem suas carecas em locais públicos, sobre isso, escrevia o articulista “Miracy” em coluna de “A Semana” dedicada a comentar os acontecimentos da cidade de Belém nos anos 1920, o escritor falava da vergonha de alguns sujeitos ao frequentarem o Cinema Olympia – importante local de sociabilidade burguesa de Belém no começo do século XX – dizia ele: “a respeito dos <pirocas>, muita gente tem pirocado o joelho só para não exhibir a sua... O dr. Burlamaqui está nesse caso, e eis a razão porque assiste aos “films” do Olympia de chapeo á cabeça”.⁶⁴

O medo de ser percebido qualquer sinal de desgaste revelava a importância dada para simbologias da virilidade, como condição de perpetuação do poder, nada poderia abalar a concepção do homem como centro de admiração, para o qual até mesmo os cabelos funcionavam como instrumento de legitimação. Portanto, aos homens, o conjunto de representações do processo de envelhecimento ganharia perspectivas marcadas pela dualidade, ora eram centro de admiração, ora de infortúnio. No entanto, eles detinham privilégios mais aparentes em detrimento das mulheres, as quais seriam alvo de forte estigmatização no que diz respeito a observação dos cabelos brancos e das rugas. E aqui nesse ponto vale ressaltar duas características: os sistemas culturais a envolver o casamento e a

⁶³ HEROUCHE, Claudine. “Antropologias da virilidade: o medo da impotência”. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Vol. III. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 28.

⁶⁴ A Semana. Belém, 19 de janeiro de 1924, nº 300, p. 15.

própria concepção de reprodutividade pesavam mais sobre as mulheres diante da idade madura.

Essa característica não era específica do período histórico analisado, ela se estabeleceu durante séculos da história ocidental, marcada por dominação masculina. Mas, de toda forma, esses fenômenos relacionados aos costumes e à tradição acendiam uma luz para visualizar o envelhecimento, a exemplo de sua reverberação nas instâncias matrimoniais e sexuais, porquanto, casar-se representaria um ponto de virada para estabelecer um novo status social. Para a mulher moça, o enlace com homem mais velho poderia ser oportunidade de alcançar novo status social (geralmente mais prestigioso), principalmente tendo em vista as relações e necessidades financeiras existentes. Mediante a tais condições, a idade para o casamento femininos e masculino eram moldadas. A historiadora Cristina Donza Cancela, numa verificação aproximada, teceu algumas considerações em face às diferenças de idade estimada para o matrimônio em Belém do Pará entre os anos 1870 e 1920; neste período, o percentual de homens acima dos quarenta anos que vieram a contrair matrimônio girava em torno de 12%, entre as mulheres essa proporção chegava a mínimos 4% dos casamentos realizados, entendia-se que se tornava muito mais difícil para uma mulher acima dos quarenta anos vir a casar-se em relação ao homem.⁶⁵

Os estágios de maturidade revelavam situações de descompensação entre os gêneros. Ou seja, socialmente, construía-se ansiedades lançadas para as mulheres mediante a passagem do tempo. Por causa da grande quantidade de estigmas, elas teriam grandes dificuldades em encontrar marido após a terceira década de vida. Também seria um enfrentamento “ao que era dito ser a própria natureza feminina: *casamento-esposo-filhos-casa*” numa sociedade na qual ser celibatária significava o julgamento social, de modo que “o propósito era o casamento de todas; este, aliás, significava salvo-conduto às suas aspirações”.⁶⁶ Assim, diversas características da cultura e da sociedade belenense indicavam pontos de localização dos sujeitos na escala do tempo de vida, cada passo dado representava o ganho de novo status social, e tudo ia depender da forma pela qual estavam inseridos no jogo de relações existentes.

O envelhecimento, portanto, não era dimensionado apenas pela estrutura biológica do corpo, muito menos a partir de um padrão etário, mas era um processo complexo em direção ao qual todos esses âmbitos seriam analisados e divagados no seio das representações sociais

⁶⁵ CANCELA, Cristina Donza. Casamento e família em uma capital amazônica: Belém, 1870-1920. Belém: Açai, 2011, p. 175.

⁶⁶ CAMPOS, Ipojucan Dias. Solteirismo e tempo matrimonial, Belém (1916-1925). Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, nº 13, 2014, p. 35.

existentes. Tudo dependeria da expectativa e das afirmações de responsabilidade transmitidas no universo cotidiano, no qual a imagem do corpo, diante da passagem do tempo, seria analisada e dissecada minuciosamente. Se a juventude era sinônimo de glória relacionada ao mundo moderno, com a esperança de futuro e do trabalho eficiente, a velhice se tornava, na contramão, o infortúnio e o rechaço. Se, no universo matrimonial, o homem maduro era buscado pelas famílias para casar-se com moças pré-adolescentes; então, as mulheres se tornariam propensas às preocupações constantes com a passagem do tempo, pois “sair da mocidade” representava o esvaziamento das chances de ter um “bom partido”. Tudo isso revelava complexos procedimentos de significação, e é esse o ponto no qual mais se interessa a presente pesquisa. Porquanto, o envelhecimento que procuro analisar seria “um processo biológico revestido de construções sociais, relacionadas às formas de compreensão da vida, presentes em grupos de indivíduos”.

Tendo em vista essa definição, nas linhas que seguem, busco demonstrar como foram elaboradas representações do envelhecimento corporal humano, com foco em ideias as quais circunscreveram a saúde, o corpo e a sexualidade, constantemente vinda à tona nas divagações intelectuais na cidade de Belém do Pará entre as décadas de 1920 e 1930. No decorrer dessas análises, evidenciarei determinadas visões e procedimentos os quais elaboravam inúmeras desigualdades entre os sujeitos frente ao tempo vivido.

O trabalho realizado com a documentação tenta perceber as nuances de uma vida madura ou velha, diante desse sistema de diferenciação baseado em classe e em gênero, algumas informações às vezes surgidas de maneira indireta, tais como as experiências de adoecimento de pessoas pobres e velhas, assim como, os possíveis usos da sexualidade em mulheres maduras. Para que esse empreendimento fosse possível, tentei investigar as próprias aflições relacionadas a passagem do tempo, esses medos tinham diferentes motivações, desde aquelas tidas como fúteis, a exemplo dos ditames da aparência e do “não desejo” sexual, até as mais graves, como a perspectiva de adoecimento, a qual se apresentava como um destino quase sem saída para muitos sujeitos.

CAPÍTULO 2

ENVELHECIMENTO CORPORAL

2.1 Ciência médica e manipulações constantes: corpos doentes, velhos e pobres

Quase inseparáveis, o corpo envelhecido e os discursos científicos foram dois elementos recorrentemente colocados em cena a partir dos documentos analisados, locais em que o desgaste físico era apresentado de maneira ampla, principalmente nos diversos estudos médicos voltados para a compreensão de determinadas moléstias, as quais afligiam grande parte da população paraense. Dentro desse conjunto, o elemento orgânico se tornava alvo de verificações constantes, através das discussões acirradas entre os membros de instituições científicas na Belém do período em tela. Os detentores do chamado "saber médico" expunham os corpos de pessoas envelhecidas e pobres quase como maneira de ilustrar a capacidade da dita "engrandecedora medicina pátria", equacionando descobertas científicas com discursos de exaltação dos preceitos de higiene, saúde e bons hábitos, principais meios de se firmar uma sociedade desenvolvida e moderna. Nesse arsenal discursivo, a ideia do envelhecimento quase sempre seria apresentada como próxima a das privações relacionadas aos aspectos tidos como característicos de determinadas enfermidades recorrentes nos primeiros anos novecentistas. Em consonância, aqueles corpos ficariam cada vez mais suscetíveis às observações, aos diagnósticos e aos tratamentos ditos eficazes, numa visão idealizadora do processo de cura e da melhor qualidade de vida aparentemente disponível para boa parte da população. Contraditoriamente, as próprias divagações revelariam maneiras de se experienciar o envelhecimento e o adoecimento corporal diferentes das idealizações de uma sociedade "desenvolvida", principalmente quando os textos informavam a existência de populações desfavorecidas economicamente e distantes do centro urbano.

Mas, em face às projeções da qualidade de vida e dos cuidados corporais, lançadas para os que envelheciam, os avanços da medicina e das tecnologias farmacêuticas foram compreendidos como imprescindíveis na restauração do vigor e da saúde quando passado o período quadragenário, fenômeno consideravelmente notado em todo mundo ocidental. Em tal conjuntura, a imagem corporal viria a se destacar como parte das propagandas relacionadas às possibilidades de uma vida feliz e cheia de energia, mesmo em idade dita avançada. Em propaganda divulgada em "A Semana", o anunciante estampava as seguintes formulações: "Queres ser eternamente jovem? Tomae o delicioso Guaraná efervecente SIMÕES".⁶⁷

O redator demonstrava o entusiasmo da possibilidade de viver energeticamente disposto, qualidade naturalmente atribuídas ao corpo jovem. Em equação, devido aos conceitos do

⁶⁷ A Semana. Belém. 10 de janeiro de 1925, nº 351, p. 6.

higienismo muito recorrentes em sociedades pretendidas avançadas e modernas, a corporeidade seria formulada através dos inúmeros instrumentos capazes de configurar uma boa relação entre o sujeito e o mundo, leia-se: pela beleza, pelo vigor e pela eficácia, somente atribuídos a um organismo com todas as suas funções em plena capacidade. Nesse ínterim, a ideia do corpo “consciente” estava na ordem do dia, como no incentivo aos exames e aos tratamentos, onde os aspectos físicos denunciavam qualquer mudança que estivesse relacionada às doenças ou às desordens corporais. Esse fenômeno estava relacionado aos discursos defensores da aptidão para o trabalho, neles, era verbalizada a vontade de tornar o organismo livre de qualquer prejuízo: por causa do plano de fundar uma sociedade mais desenvolvida nos moldes capitalistas e republicanos, por isso, a apologia da “saúde pública” era recorrentemente introduzida nas mensagens. Essa teia discursiva, no entanto, não se restringiria somente aos desejos de determinados homens envolvidos com a política e com a ciência médica, mas eram debates cotidianos, muito presentes nos meios de comunicação de massas, locais onde o desejo por juventude, vigor e saúde seriam desenfreadamente lançados aos leitores e consumidores no contexto histórico em tela.

Sem surpresas, processo de desgaste físico, naturalmente ocasionado pela ação do tempo, não deixaria de entrar no rol das discussões, pelo contrário, era mencionado como um dos agravantes das disfunções que atingiriam diretamente o organismo humano. Em Belém do Pará, cidade envolvida pelo apanágio da modernização, esses intercursos estiveram divulgados de maneira recorrente na imprensa, local onde a compleição viria a ser concebida enquanto desejosa de aprimoramento e receosa mediante às intempéries ocasionadas pela idade e pela doença. Como consequência, era constante a presença de conjuntos de anúncios, quase sempre relacionados ao campo farmacêutico, os quais viriam a defender a conquista de um “envelhecer com dignidade”. Na promessa de resolver determinadas desarranjos relacionados ao tempo, foi massiva a divulgação dos remédios, das soluções, das emulsões, dentre outras fórmulas e denominações que tentariam conquistar o público a partir de chamadas apelativas e verborrágicas. Nesse arsenal, utilizavam o corpo como manobra propagandística, no sentido de concebê-lo enquanto um produto a ser aprimorado, envolvido por inúmeros discursos que propunham o alongamento da qualidade de vida diante do envelhecimento.

Figura 2 – Anúncio de suplemento alimentar direcionado aos velhos
 “Gozar a vida nas últimas décadas não só é lógico, mas possível”



Fonte: Estado do Pará. Belém, 25 de novembro de 1922, nº 4164, p. 2.

Nessa seara, visualizar o corpo que envelhecia, depois direcioná-lo às intervenções, começaria a fazer parte dos comportamentos verificados em Belém, com isso, ele viria a ser explorado como instrumento de evocação das aflições pessoais e coletivas. As experiências particularmente observadas nas sociedades ocidentais concluíram que o corpo envelhecido seria quase na sua totalidade entendido como muito próximo ao corpo enfermo,⁶⁸ e, à vista disso, não importava o quão longe o “outono da vida” estivesse dentro das representações coletivas, aquelas mensagens tentariam conceber o “temor do envelhecimento” como parte dos processos de subjetivação da vida de todos. Dessa maneira, o século XX proporcionou, como nunca, uma explosão de ideias relacionadas aos cuidados pessoais e aos tratamentos de antienvelhecimento, porque as inovações tecnológicas/científicas se apresentavam como resolução possível para tais problemas, fazendo parte de debates cotidianos acirrados.

Por vários meios, era divulgada a possibilidade de uma vida mais longa, muito em função dos avanços medicinais relacionados à cura de determinadas doenças, das vacinas para prevenir epidemias e dos desenvolvimentos das técnicas cirúrgicas. Naquela conjuntura, o corpo seria, como nunca, utilizado como instrumento de manobra para discursos evocativos do desenvolvimento de determinadas sociedades, fazendo parte do próprio cerne da construção da nacionalidade. Nesses intercursos, a saúde física seria valorizada como parte de um projeto mais amplo, numa necessidade imprescindível de construir um futuro envolvido pela prosperidade, muito ligada à existência de um povo forte e livre de doenças.

Neste particular, a revista “Pará-Médico”, criada com a intenção de ser porta-voz de pesquisas médicas e científicas na cidade de Belém, divulgava mensagens no bojo da saúde do corpo. Esses textos tentavam mostrar o grande aporte relacionados aos tratamentos médicos e às instituições de saúde presentes na cidade, ambientes onde se defendia a ideia de tornar o brasileiro um povo saudável. Segundo muitos “doutores”, essa empreitada

⁶⁸ ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

contribuiria para a prosperidade almejada pelos governantes e pelos núcleos intelectuais burgueses. Como afirmava o articulista de nome não identificado: “os paizes que mais progridem economica, social, moral, intellectual e etnicamente, são justamente os paizes dos povos mais activos, povos mais sadios portanto, e não somente aqueles onde menos se morre mas sim tambem onde melhormente se vive”.⁶⁹

Logo, a ideia de um corpo sadio e ativo era afirmada a partir do primado da juventude, necessariamente relacionada às realizações traduzidas pelo trabalho e pela força. Por conseguinte, a medicina seria estabelecida como uma aliada na tentativa de conceber uma estrutura física ativa, jovem e saudável por mais tempo. Seria nas clínicas, nos hospitais, nos centros de cuidados médicos que se encontrava a resolução para os problemas de saúde e, no fim de contas, esses espaços eram oportunos para tentar “minimizar” a ação do tempo no organismo. O desejo de alongar a vida ficaria estampado nas idealizações, tanto dos médicos, quanto dos leigos, e as verbalizações buscariam mostrar a dita capacidade dos sistemas de saúde em lidar com diversas demandas populacionais. De tal forma, Belém tentava se inserir em um contexto ocidental, no qual as manipulações dos corpos se tornavam característica pujante.

Diante de tal contexto, é importante assinalar que no século XX houve um aumento significativo na expectativa de vida em muitas nações do mundo.⁷⁰ O fenômeno se relacionava, em grande parte, ao avanço da ciência médica condizente ao aprimoramento das práticas cirúrgicas e à cura de muitas doenças responsáveis pela morte em grande escala, o que condicionou o surgimento de um aparato de proteção à vida muito mais diversificado e robusto. Dessa forma, a vida mais longa, de maneira significativa, viria a contribuir para o surgimento de novos significados para o processo de envelhecimento, mais ainda, em relação aos corpos velhos, os quais seriam usados como meios para revelar os avanços científicos, aparentemente colocados ao alcance da população no Brasil. A medicina, aliada ao sentido de progresso, não era agenda nova, mas sua recorrência demonstrava uma preocupação do estado em desenvolver um arsenal cada vez maior de instrumentos que dessem conta de uma determinada reformulação da sociedade. No Pará, os discursos médicos e sanitaristas eram divulgados, sobremaneira, na imprensa, como forma de demonstrar a qualidade da medicina

⁶⁹ Pará-Médico. Belém. Setembro de 1922, n° 10, p. 3.

⁷⁰ DATTANI, Saloni; RODÉS-GUIRAO, Lucas; RITCHIE, Hannah; ORTIZ-OSPINA, Esteban; ROSER, Max. “Life Expectancy” Published online at OurWorldInData.org. Retrieved from: <https://ourworldindata.org/life-expectancy>”.

no Estado e os inúmeros locais de atendimento hospitalar construídos para amparar a população.

O entusiasmo era nítido, os membros da Sociedade Médico Cirúrgica do Pará⁷¹ divulgavam textos de exaltação para com as instituições construídas na cidade de Belém, para eles, aquele fenômeno marcava uma virada de chave na história da medicina paraense, afinal, frente a todas essas ideias promissoras, eram os doutores quem seriam vangloriados como os realizadores do progresso no presente e no futuro.⁷² A partir dessa seara, o dr. Amanajás Filho, em texto condizente aos métodos cirúrgicos modernos, eram ditas palavras elogiosas ao aparato médico e cirúrgico paraense: “Já longe vae o tempo em que a Europa ou o Sul nos disputavam os doentes: hoje a esclarecida corporação a que tenho a honra de pertencer, rivaliza com os melhores profissionais do Paiz, compreendendo e executando tudo o que se faz no mundo moderno”⁷³.

As ideias expostas buscariam, demasiadamente, equiparar os paraenses aos europeus na forma de gestão dos corpos enfermos chegados aos institutos de saúde, no centro de tais argumentos, havia o desejo de se estabelecer uma “clientela” ampla (doentes), principalmente num contexto regional de cirurgia, de tratamento e de medicalização, uma vez que, o autor o informava da plena capacidade do sistema de saúde do estado do Pará em lidar com as doenças e com os transtornos que necessitassem de acompanhamentos mais complexos (como era o caso das operações cirúrgicas). Nesse preâmbulo, as visões lançadas para os corpos enfermos continham, em grande parte, uma sensação de orgulho, destarte, os doutores se sentiriam vangloriados pelos ditos sucessos dos prognósticos, das manipulações dos órgãos deficitários e dos membros danificados.

Se constatava a premissa da saúde como engrandecedora do ser humano, se exaltava o sucesso da comunidade médica paraense em lidar com os problemas mais urgentes. Nesse conjunto, a visão do doente como um objeto de experimentação não sairia daquele rol de práticas levadas a cabo em Belém, os sujeitos adoecidos viriam a entrar nas salas de exames e

⁷¹ Organização fundada no ano de 1914, com a intenção de tornar o Pará mais bem preparado em relação aos estudos e práticas médicas, se inseriram numa conjuntura de grandes projetos relacionados ao desenvolvimento estadual, nesse conjunto, nomes importantes para a medicina paraense da época fizeram parte de tal empreitada, como os Drs. Porto de Oliveira, Oswaldo Barbosa, Jaime Aben-Athar, Veiga Cabral, J. de Magalhães, Arthur França e Penna de Carvalho.

⁷² SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. Em busca da cura: a institucionalização da medicina acadêmica em Belém e sua relação com outras práticas terapêuticas, entre 1889 e 1925. 2014. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2014.

⁷³Pará-Médico. Belém, maio de 1915, n° 1, p. 21.

nos espaços cirúrgicos para serem manejados por jovens médicos bastante empolgados com a profissão, os doutores estavam entusiasmados com as descobertas científicas mais recentes em questão de terapia, de cirurgia e de medicação. Diante de todos esses intercursos, era dito que os pacientes não deveriam se preocupar, em motivo de existir “grande segurança” relacionada aos tratamentos – fossem cirúrgicos ou terapêuticos – por causa dos métodos de cura mais recentes e eficazes. Sobre essas evocações, mais uma vez as palavras de Amanajás se fizeram importantes, quando afirmou as seguintes concepções: “O Pará, aparelhado como está, contando com a pleiade de illustres médicos que aqui exercem a sua atividade em cujo seio a mocidade sedenta de saber se esforça por bem desempenhar a missão de que se revestiu, não precisa mandar a outrem aquilo que póde fazer”.⁷⁴

O esforço de estabelecer o Pará como um grande exemplo de assistência médica faria parte de projeto ensejado pelo governo. No que diz respeito ao sanitarismo e à urbanização, durante a década de 1920, o governador e médico Souza Castro (1921-1925) compartilhava discursos apologistas da primazia de um povo saudável para o trabalho, afirmando ser necessária a ação de profilaxia rural, como consequência, a conquista da saúde daria “vigor aos filhos da terra” e “valorizaria a raça” tornando os homens “vigorosos e mais aptos a produzir riquezas”.⁷⁵ Intercursos parecidos já tinham ocorrido décadas antes, a exemplo do auge da economia da borracha na Amazônia, época marcada por inúmeros projetos de “desenvolvimento da sociedade”. Tal como explica a historiadora Maria de Nazaré Sarges, aquele período fora envolvido por ampla atmosfera de reformulações urbanísticas, sanitárias e culturais, principalmente tendo como modelo a sociedade europeia – símbolo de civilidade e avanços tecnológicos – em mensagens sumariamente utilizadas pelos governos, sobretudo, o de Antônio Lemos (1897-1911), para construir uma Belém adequada às necessidades das elites locais: a cidade deveria ser o apanágio da limpeza, da ordem e da saúde.⁷⁶

Guardada as devidas proporções, seria possível afirmar que ambos os contextos colocaram o corpo humano dentro do arsenal de constantes avaliações, em um conjunto de prescrições relacionadas ao desejo de uma “sociedade melhor”. No avançar do século XX, em Belém, esse conjunto de discussões ficaria demasiadamente exposto, mais ainda quando da

⁷⁴ Pará-Médico. Belém, maio de 1915, n° 1, p. 21.

⁷⁵ HENRIQUE, Márcio Couto; AMADOR, Luiza Helena Miranda. Da Belle Époque à cidade do vício: o combate à sífilis em Belém do Pará, 1921-1924. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 23, n°2, 26 de janeiro de 2016, p. 365.

⁷⁶ SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870 – 1912). 3°. Belém: Paka-Tatu, 2010.

fundação da Sociedade Médico Cirúrgica do Pará em, 1914, e da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 1919, instituições essenciais para o projeto de desenvolvimento ensejado. Os membros dessas duas organizações viriam a explorar o corpo humano de maneira constante, como forma de provar a eficiência da ciência paraense, fosse através dos tratamentos de doenças infecciosas ou das práticas cirúrgicas modernas, os sujeitos doentes viriam a ser colocados dentro de determinadas experimentações e estudos científicos que ocorriam no interior das salas dos hospitais e das clínicas, essas pesquisas tinham como principal meio de divulgação da revista “Pará-Médico”, em páginas que hoje se apresentam como vasto campo de possibilidades de análise aos olhos do historiador.

Mas, o aspecto essencial seria a recorrência de pessoas pobres e envelhecidas dentro de contextos de manipulações corporais e experimentações, realizadas por médicos e cientistas providos de conhecimentos científicos sobre as doenças e as disfunções que afligiram parcela considerável da população. Mediante esses intercursos, os pacientes eram expostos em textos com linguagem exacerbadamente técnica, mas que testemunharam de maneira abrangente a realidade vivenciada por determinados grupos sociais em relação às privações corporais que, aliadas ao processo de envelhecimento, relegavam sofrimento e angústia. Consequentemente, não era raro a ocorrência de muitas moléstias infecciosas, sobretudo a malária e a sífilis, as quais causavam danos consideráveis nos corpos de homens e mulheres que, não reconhecendo o problema, evitariam procurar ajuda médica dentro do tempo recomendado, deixando a infecção ou a disfunção agir por longos anos no organismo, fator que se aliava às limitações físicas da idade e, por sua vez, evidenciava um cotidiano de grandes intempéries e aflições principalmente das populações interioranas e distantes do centro urbano belenense.

Concernente às manipulações corporais em velhos e doentes, na tentativa de consolidar a imagem do sistema de saúde paraense enquanto eficaz e robusto, aqueles médicos expuseram variados casos de moléstias nas páginas do “Pará-Médico”. Nesse ínterim, algumas circunstâncias peculiares de sucessos e de fracassos clínicos seriam sempre mostradas com a intenção de contribuir para o avanço das pesquisas científicas. Foi nesse contexto que, diante dos olhos e dos ouvidos atentos do doutor Castro de Andrade, um homem vindo do interior do Estado com complicações relacionadas às intensas dores sentidas no decorrer de algumas semanas, detalhava seu sofrimento em exposições acerca das partes corporais comprometidas pelo que denominava como “reumatismo”. Próprio dos leigos, o doente parecia estar confuso em relação às causas do problema, mas, em busca de tratamento, procurou o hospital. De tal maneira, a partir de critérios pré-definidos pela clínica especializada, foi submetido a extensos exames. Andrade, em seu relatório, abreviaria o nome

do sujeito para as iniciais “O.P”, todavia, não deixaria de indicar domínios da realidade vivenciada pelo sujeito:

O. P., lavrador do campo, homem de expressão rústica, emagrecido e palido, com 40 anos, conjuntivas descoradas, andar tropego, veio á consulta por causa de um reumatismo em uma das pernas. Reumatismo como? – eu pergunto. Uma dôr, exclamou, que ha um mês me incomoda e ás vezes até me priva de trabalhar! Na verdade a dôr ficava bem na face externa da coxa direita, ocupando toda a sua extensão; nevalgifôrme, com manifesta irradiação para o joelho, panturrilhas e para o lado de cima continua quasi no lombo.⁷⁷

A imagem do corpo denunciava a existência de condições de vida profundamente marcadas pelo desfavorecimento econômico. Nesse sentido, muitos indivíduos não compreendiam como proceder mediante aos sintomas, e as dores se confundiam com consequências do trabalho árduo. De modo que o tempo se tornava uma instância fundamental para mediar a diferenciação entre um “reumatismo” de algo mais grave, em cadeia de eventos conturbados, principalmente relegados às pessoas em idade avançada. Diante do desconhecido, era empreendida observação meticulosa do médico em relação ao âmbito físico da patologia, tendo em vista a correspondência de incertezas entre o paciente e o “doutor”, então, ficava clara a necessidade de manipular o corpo a partir de ampla investigação – em mecanismos de observações envolvidos por métodos e práticas científicas ditas eficazes – pois, era dessa forma que se fazia executar as configurações modernas de supervisão e agência sobre os corpos doentes. Nessa conjuntura, para além de testemunhar a falta de conhecimento do paciente em relação ao funcionamento do organismo e das doenças, como na afirmativa “veio a consulta por causa de um reumatismo em uma das pernas”, o texto diria das próprias inconclusões do método científico. Nesse ínterim, tendo em vista a complexidade das manifestações de novas enfermidades naqueles primeiros anos do século XX, esses experimentos poderiam ser interpretados como descobertas mútuas entre o médico e o enfermo, era a partir da elucidação das queixas frente aos membros, aos locais, às funções afetadas pelas dores, pelo enrijecer, pelas manchas ou feridas, que se poderia chegar tanto ao diagnóstico, quanto ao prognóstico mais preciso e, assim, estabelecer novos critérios mais bem desenvolvidos para analisar casos futuros no cotidiano hospitalar.

Esse universo de incertezas clínicas fora exposto diversas vezes pelo doutor Castro de Andrade, sobretudo tendo em vista as contribuições do seu texto para outros médicos envolvidos pelas mesmas incertezas frente às manifestações do paludismo, como dizia: “O

⁷⁷ Pará Médico. Belém, junho de 1939, n° 48, p. 11.

paludismo dispõe de inúmeras mascaras e fantasias de modo que não se sabe quando ele se apresenta em seus sintomas classicos como froi, febre e suor”.⁷⁸

Acompanhar de perto o progredir da doença frente ao tratamento assegurava ao médico (pesquisador) um eixo para construir panoramas mais assertivos, tal como elaborar prognósticos e formas de combate mais eficazes para os desarranjos físicos causados pelas moléstias. Para além desse efeito, o que interessa neste ponto seria perceber as diversas maneiras pelas quais os corpos de pessoas pobres, doentes e envelhecidas, principalmente vindas do interior do Estado, foram colocados em contextos de análise e manipulações constantes em nome de uma dita abrangência médica, com a intenção de mostrar e vangloriar o aparato de saúde existente. Nessa seara, as mensagens chegadas ao presente viriam a revelar inúmeros contextos de usos dos corpos como sinônimo de experimentos científicos, a imagem do doente e a do velho nas salas de tratamento e de cirurgia conduziria para uma dilatação da corporalidade, no sentido de tornar o aprimoramento do aspecto físico a razão para testar a eficiência de tratamentos, de remediações e de técnicas cirúrgicas.

Discutindo questões análogas, a historiadora Anne Marie Moulim analisou como o corpo humano foi recorrentemente colocado em discussão pelo viés interpretativo da medicina ao longo do século XX. Para a historiadora, o mundo ocidental viria a ser palco de programas de experimentação, reivindicados pelos médicos como sinônimo de poder, quase como se ignorassem a importância de um consentimento, principalmente por parte dos pobres e das minorias (como os colonizados as mulheres e as crianças) majoritariamente afetados por essas práticas.⁷⁹ Nesse conjunto, seria possível observar a constante presença de populações envelhecidas em contextos de usos dos corpos como objetos de intervenção; em conformidade, esse processo se estabeleceria em Belém como parte de uma condição para o desenvolvimento, mas viria a delatar a presença de inúmeras desigualdades e limitações existentes. Pois a população pobre e envelhecida, consecutivamente, passava por privações relacionadas à saúde e, tendo em vista a necessidade de trabalhar em locais insalubres.

No que tange às moléstias e às deformidades físicas que atingiriam os corpos de maneira dramática, aqueles sujeitos de camadas populares (fossem urbanas ou rurais), muitas vezes, pouco saberiam como proceder. Aliado a isso, nem mesmo a dita ciência teria as respostas ou os tratamentos mais eficazes para algumas complicações ainda pouco conhecidas (alvos de estudos e de avaliações). Para muitos, restava mergulhar no conhecimento popular

⁷⁸ Pará Médico. Belém, junho de 1939, n° 48, p. 10.

⁷⁹ MOULIM, Anne Marie. “O corpo diante da medicina”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do corpo. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 41.

ou esperar a ação do próprio tempo, na maioria das vezes, o “fazer nada” era tido como a única escolha diante dessas intempéries. Nesse processo, a agência da doença se aliava às limitações próprias da idade avançada, causando mudanças e danos consideráveis nos corpos daquelas pessoas. Eram muitos os exemplos desse tipo de situação, alguns surgiam em contextos de vanglorio aos sucessos clínicos e cirúrgicos, outros em narrativas concernentes às peculiaridades das doenças estudadas pelos cientistas paraenses de outrora. Como era possível observar em um caso de “prolapso total do reto” acompanhado pelo dr. Amanajás Filho, a enfermidade se caracterizava pelo deslizamento do intestino grosso para fora do ânus, formando uma grande camada de tecido na região pélvica, local onde ocorriam dores extremas. O homem foi exposto na revista “Pará Médico”, onde era informado sobre o sucesso da cirurgia de remoção do prolapso.

Figura 3 – Paciente acometido por prolapso total do reto



Fonte: Pará-Médico. Belém. Maio de 1915, nº 1, p. 21.

Ao detalhar o episódio, Amanajás revelava as circunstâncias vividas pelo paciente, em conformidade, o enfermo informou que sua doença teve progressão no decorrer de extenso período: “conta que desde a idade de 3 anos botava a via para fora (sua expressão), mas com o pequeno esforço a reduzia facilmente. Há uns 2 mezes, em consequencia de um maior esforço na defecação deu-se a queda do recto”.⁸⁰ Doravante, o homem realizou inúmeras tentativas de reduzir o prolapso, entretanto, não obteve sucesso, no decorrer de muito tempo o sujeito não procuraria ajuda médica para resolver o problema que o acompanhava desde os três anos de idade, e somente com a chegada de um período mais avançado da vida sinalizaria para a necessidade de buscar da ajuda médica. Como deixa exposto o trecho: “Então, á falta de

⁸⁰ Pará-Médico, Belém, maio de 1915, nº 1, p. 21.

médico, buscou alívio na sabedoria local, sendo-lhe aplicados vários cataplasmas especiais. Cremos que d'esses medicamentos mais perigosos que salutareis, resultou a ulceração do tumor".⁸¹ Apesar de o autor demonstrar o sucesso clínico no texto, naquela conjuntura, a estrutura física do doente já havia sido manipulada inúmeras vezes no decorrer das próprias contingências de sua vida, demonstrando determinada fragilidade no alcance das ditas técnicas modernas de tratamento, principalmente aos homens e mulheres em situação financeira precária. A circulação de sujeitos vindos do interior para a capital parecia ser constante, em grupos de pessoas acometidas por doenças, ocorria principalmente a chegada de trabalhadores empobrecidos. Não obstante, em boa parcela dos incidentes os protagonistas estavam na faixa etária superior aos quarenta anos de idade.

Nos anos os quais ocorreram essas experiências em Belém, a geriatria – área da medicina direcionada aos sujeitos envelhecidos – ainda estava seu processo de nascimento, tendo pouca reverberação no contexto hospitalar, ou seja, os velhos eram tratados como qualquer outro grupo de sujeitos, e não era examinado em suas especificidades biológicas e sociais.⁸² E mesmo nos dias atuais, como afirma o psicólogo Daniel Groisman, os geriatras ainda tem bastante dificuldade de estabelecer as bases de sua ciência, como agravante, se tornou bastante difícil de reconhecer em qual momento o organismo começaria a ser “atingido pela ação do tempo”, ou mesmo de diferenciar o processo de envelhecimento do de adoecimento, como afirma o autor: “desse modo, o que podemos salientar é que o envelhecimento não parece ser definido pela idade de uma pessoa, mas pelos efeitos que essa idade teria causado no organismo”.⁸³ Todas essas dificuldades conceituais caracterizaram os procedimentos médicos diante dos corpos que envelheciam, como resultado, os constantes acionamentos desses sujeitos em discursos científicos faziam parte do interesse pelos “desdobramentos da senescência” (envelhecimento aliado ao adoecimento), como maneira de tentar confirmar determinados paradigmas científicos que, até os dias hoje, ainda são pouco esclarecidos.

No decorrer desse processo, naquelas primeiras décadas do século XX, o manejo dos corpos envelhecidos ainda seria muito próximo das práticas verificadas ainda no século XVIII e início do XIX quando. Segundo aponta Carole Haber, os médicos não viam os velhos como

⁸¹ Pará-Médico. Belém. Maio de 1915, n° 1, p. 21.

⁸² HABER, Carole. Geriatrics: a speciality in Search of specialists. In: TASSEL, David Van et al. Old Age in a bureaucratic Society. Nova York: Greenwood Press, 1986.

⁸³ GROISMAN. “A velhice, entre o normal e o patológico”. Op. Cit., p. 66.

uma categoria separada de pacientes, a requerer tratamento específico, por conseguinte, a maioria dos clínicos prescrevia o mesmo que receitariam para as pessoas mais jovens.⁸⁴ Diante desse contexto, o discurso médico belenense buscava assinalar de todas as formas a plena capacidade de resolver todos os problemas de saúde da população, colocando homens e mulheres em contextos de avaliação e em salas de cirurgia para serem manejados. De tal maneira, o corpo envelhecido configurava oportunidade de exibição das próprias ideologias e da euforia dos membros de sociedades médicas. Apesar dos sujeitos envelhecidos estarem na mesma categoria que os demais, a grande presença dessas pessoas nos estudos empreendidos indicava que aquele corpo precisaria estar muito mais vezes em contextos de análises e manipulações, tendo em vista a sua capacidade reduzida de lidar com os agentes infecciosos, com as doenças crônicas, com os tumores e com os ferimentos.

Figura 4 – Senhora acometida por Myxoma operada pelo dr. Cruz Moreira no Hospital da Caridade



Fonte: Pará-Médico. Belém, setembro de 1922, nº 10, p. 75.

A imagem do envelhecimento corporal seria apresentada como próxima das doenças e das limitações, ou mesmo como um agravante desses processos. Tudo isso aliado aos desfavorecimentos relacionados à classe social, principalmente ao se levar em consideração aspectos tais como a moradia e a forma de trabalho precária, os quais motivaram um envelhecimento pouco tranquilo. Aos empobrecidos, acometidos por moléstias, restariam aguardar pacientemente nas filas de hospitais de caridade, quando não, teriam de aprender a conviver com as limitações físicas por longos períodos. Dessa maneira, as experiências do envelhecimento seriam marcadas socialmente, elas estavam para além de um fator meramente biológico, eram influenciadas pela condição financeira, pelos hábitos de higiene, pelas possibilidades de moradia dos sujeitos, conseqüentemente, as “vivências senis” eram orquestradas pela materialidade do meio circundante.

⁸⁴ HABER. “Geriatrics: a speciality in Search of specialists”. Op. Cit., p. 68.

O reconhecimento dessa realidade foi possível mediante a leitura dos casos de adoecimento chegados ao presente, porque os doutores costumavam investigar diversas variáveis para concluir os prognósticos, e praticavam o detalhamento de informações acerca dos doentes. Nesse caminho, algumas vivências puderam ser observadas, como as do paciente identificado como “E.T.S”, de modo que determinada elucidação da vida deste sujeito foi localizada em meio às palavras do dr. Castro Andrade, médico paraense que realizou estudo concentrado nas características da malária. Segundo o autor, o enfermo “E.T.S” era “comerciante, 40 anos, maranhense, desde a juventude residente nas margens dum rio excessivamente assolado pela malária, branco, do tipo hiperestênico, cabelos grisalhos, compareceu ao meu consultório para exame médico de seguro de vida”.⁸⁵ Eram demonstrados, nesse fragmento, alguns pontos da realidade complexa vivenciada pelos sujeitos interioranos chegados à capital paraense em busca de auxílio, porquanto, seus apelos não se restringiriam somente aos cuidados médicos. O senhor “E.T.S” estaria à procura de exames para contratar o de seguro de vida e, como agravante das dificuldades, ele morava em lugar nada propício à manutenção de uma vida saudável e higiênica; então, tudo leva a acreditar que seria consideravelmente mais baixa a expectativa de vida para homens e mulheres com o perfil do sujeito apresentado nos escritos do dr. Andrade.

Como agravante desses problemas, vale ressaltar as limitações do sistema previdenciário brasileiro no contexto em questão, as quais influenciavam diretamente a baixa qualidade de vida dos sujeitos chegados à velhice. Segundo o sociólogo Júlio Assis Simões, a Previdência Social no Brasil – criada somente no ano de 1923 – estivera muito relacionada à uma perspectiva econômica liberal. Assim sendo, os benefícios seriam concedidos mediante a administração por parte das empresas em relação às contribuições periódicas dos membros restritos das chamadas “Caixas de Aposentadorias”, as quais teriam dificuldades de arcar com despesas à longo prazo, como os próprios seguros por invalidez, velhice ou doença. Havia grande limitação na assistência às populações fora do núcleo de trabalhadores urbanos, nesse caso, a cobertura para a população rural ocorreria somente nos anos 1970.⁸⁶

Não seria difícil imaginar as inúmeras camadas de problemas enfrentados pelos sujeitos sociais trabalhadores e empobrecidos vindos aos ambientes de cuidados médicos em Belém do Pará nas primeiras décadas do século XX. As limitações eram constantes, mesmo para populações minimamente organizadas na intenção de obter a ajuda financeira em momentos

⁸⁵ Pará Médico. Belém, junho de 1939, n° 48, p. 12.

⁸⁶ SIMÕES. “Entre o lobby e as ruas”. Op. Cit., p. 63.

de impossibilidade de trabalhar – ora devido ao envelhecimento, ora em face aos problemas de saúde causadores de invalidez – não havia garantia de serem cumpridas tais demandas, mediante às demais contingências, caberia investir na iniciativa privada para obter este apoio financeiro, às vezes essa procura ocorria já em momentos tardios da vida, quando a fragilidade que acometia o corpo se alastraria de maneira mais acelerada, como era o caso de “E.T.S” citado no texto de Castro de Andrade anteriormente.

Direcionado à questões análogas, em “A solidão dos moribundos”, Norbert Elias transcorreu as expectativas relegadas aos velhos nas sociedades modernas. Para o autor, a maioria das pessoas morrem gradualmente quando adoecem ou envelhecem. Nesse processo, apesar de as últimas horas serem importantes, muitas vezes a partida começa muito antes, por isso, a fragilidade corporal seria motivo suficiente “para separar os que envelhecem dos vivos”. Tendo esses aspectos em vista, o autor afirma que a sociedade ocidental relegaria aos que envelheciam a necessidade de se abrigarem em instituições tais como asilos e manicômios, sendo muitas vezes abandonados à própria sorte.⁸⁷

Tendo em vista o vasto campo de dilemas assinalados, os ambientes hospitalares e clínicos se tornavam centro de apoio aos corpos desfavorecidos e envelhecidos, lugares onde encontrariam parcela de ajuda em relação às intempéries vivenciadas, como uma espécie de “segundo lar”. As experiências do envelhecimento e da doença, nas sociedades ocidentais, foram caracterizadas pelo distanciamento potente. Nesse processo, as instituições médicas poderiam configurar pontos de formulação das subjetividades, em sentimentos de medo, de apreensão e de esperança, principalmente em relação aos desfavorecidos. Como parte desses arranjos, os hospitais seriam um dos espaços mais frequentemente requeridos por aqueles sujeitos em períodos avançados da vida. Em equação, quando as consequências das doenças se tornavam insuportáveis, eles teriam de recorrer às intervenções corporais, levadas a efeito pelos conhecedores de técnicas científicas, em uma tentativa de aliviar a dor ou corrigir uma falha. Ademais, as concepções de corpo diante do envelhecimento seriam organizadas na relação bilateral médico/paciente, em um núcleo de múltiplas jornadas e expectativas da senilidade, sobretudo, tendo em vista o compartilhamento de informações, emoldurando aprendizados que iriam agir diretamente na forma pela qual o sujeito entenderia sua condição, isto é, os hospitais se tornavam espaços propícios a higienizar e a educar.

Em concordância, a ideia do cuidado pessoal, característica pujante daquelas primeiras décadas do século XX, seria inserida no rol de discussões em torno do corpo doente, em

⁸⁷ ELIAS. “A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer”. Op. Cit., p. 1.

verbalizações profundamente higienistas. Nesse ínterim, o discurso médico evidenciaria a responsabilidade do próprio sujeito em face às enfermidades, tendo como aspecto central a questão da higiene, a qual não se restringia somente à limpeza, mas a todo um conjunto de comportamentos relacionados à autovigilância compulsória em relação ao corpo. Em estudo voltado a entender um caso de “Myopathia Atrophica Progressiva” em um trabalhador rural de trinta e seis anos, o dr. Arthur França deixava clara a sua visão no tocante às causas das moléstias, leia-se, constantemente sancionava a ação do indivíduo no bojo da falta de higiene como um dos agravantes do quadro, pensamento destacado no seguinte recorte:

Muitos, ao envez da riqueza com que sonham, tombam victimas de graves enfermidades, não porque seja uma realidade a apregoada inhospitalidade do clima amazonico, mas tão somente porque, sem um previo preparo hygienico, obra exclusiva da sciencia humana, que rasga e inutiliza o preconceito da fatalidade climaterica outrora injustamente invocada para a condenação de preciosas regiões, sem esse preparo hygienico os imigrantes aventuram-se a perigosas empresas.⁸⁸

Todos esses fenômenos indicavam a complexidade de relações existentes dentro do contexto de manipulações a envolver o corpo doente e envelhecido. Sendo assim, para além da teia de exames, tratamentos e cura, havia, dentro dos hospitais e das clínicas, profunda sondagem das práticas comportamentais dos pacientes. Com determinada iniciativa educativa, eram recomendados os cuidados corporais a partir de concepções modernas de higiene, as quais a viriam impor regras de limpeza, de atenção para com a alimentação, as roupas, a casa, tendo como ponto de partida uma nova definição: a dos “hábitos de risco” (condutas que precisariam ser evitadas a todo custo).

Caberia àquele homem, portanto, fazer valer os bons hábitos, aspectos direcionados ao entendimento do envelhecimento corporal, pois a concepção de “envelhecer bem” abrigaria todos esses aconselhamentos focados nas práticas cotidianas. Por conseguinte, ficava difícil encaixar esses sistemas de maneira abrangente, tendo em vista um conjunto de mulheres e homens vindos de regiões extremamente desfavorecidas em relação ao acesso à saúde, à moradia e à educação. Naquela realidade, os comportamentos, condicionados pelo meio circundante, viriam a impulsionar o desgaste físico ao longo do tempo, motivando a piora dos quadros de doenças, como divagava Arthur França a respeito dos agravantes do quadro de seu paciente: “Sem ter em conta a impotência de suas forças, o infeliz aventura-se na extracção do ouro negro em invias florestas! Evidentemente esse homem não poderia vencer e sim ser vencido na lucta tão desigual que empreendeu”.⁸⁹

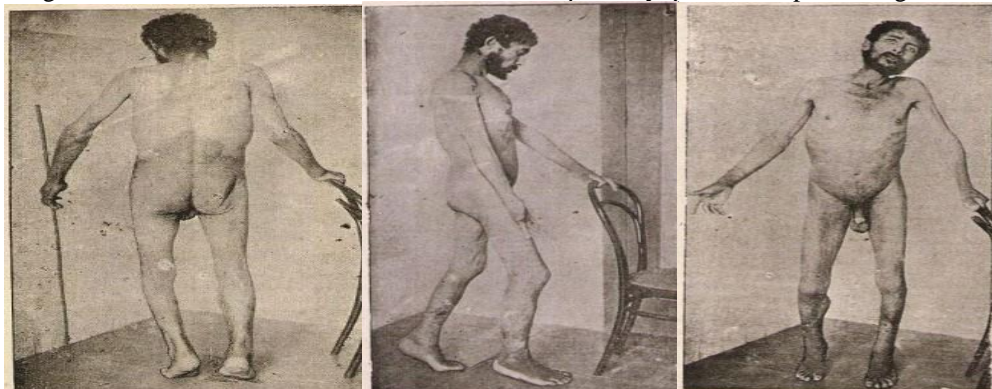
⁸⁸ Pará-Médico. Belém, agosto de 1917, nº 5, p. 19.

⁸⁹ Pará-Médico. Belém, agosto de 1917, nº 5, p. 19.

O processo de adoecimento do corpo, como sugerido nessa linha de interpretação, era em muito relacionado às “escolhas” dos sujeitos; da mesma maneira, a contribuição do tempo era igualmente dissecada como parte da composição das características próprias de cada enfermidade; diante dessas projeções, as pessoas mais abatidas frente às moléstias seriam justamente aquelas que buscariam tratamento somente em períodos tardios da vida. Talvez, por isso, existia a grande recorrência de pessoas envelhecidas chegadas aos hospitais, pois elas deixavam as doenças se alastrarem por muitos anos, talvez por décadas.

Porquanto, o hábito de protelar a necessária investigação clínica parecia ser bastante comum, fenômeno indicado na seguinte afirmação chegada ao presente através das letras do dr. França: “quanto ao começo de sua affecção, o doente ainda é pouco preciso nos informes. Entretanto, elle a reputa longa de alguns annos e diz ter se iniciado pelos musculos do braço esquerdo”.⁹⁰ A necessidade de trabalho, a distância dos centros de saúde e a ação impiedosa do tempo, esses três aspectos iriam indicar como a experiência do envelhecimento poderia ser confundida com a de adoecimento, em suas condições favoráveis para um estágio de degradação acentuada do corpo. Em meio a essas conjunções, tais homens estavam sujeitos às insalubridades constantes, falava novamente o dr. Arthur França: “Depois de uma odyssea, ocasionada por uma viagem longa de muitos dias, ora a pé, ora em canoa, elle veio ter a Belem procurando, desde logo, o hospital, onde, com efeito, de entrada a 2 de Maio do corrente anno”.⁹¹

Figura 5 – Paciente de trinta e seis anos acometido por “Myopathia Atrophica Progressiva



Fonte: Pará-Médico. Belém, agosto de 1917, nº 5, p. 20.

⁹⁰ Pará-Médico. Belém, agosto de 1917, nº 5, p. 19.

⁹¹ Pará-Médico. Belém, agosto de 1917, nº 5, p. 19.

Diante do assinalado, a capital paraense se tornava ponto de explosão das manipulações constantes dos corpos velhos, doentes ou moribundos por parte dos detentores dos saberes médico e científico, nesse preâmbulo, vinha à tona um nítido contraste. De um lado, havia grande entusiasmo e mensagens defensoras das possibilidades de cuidar do corpo e da saúde para ter um envelhecimento com maior qualidade de vida, mediante às descobertas da ciência moderna, com seus novos tratamentos e práticas cirúrgicas, esse caminho era apresentado extremamente possível. De outro, uma parcela da população parecia se manter distante de tais avanços, em grande parte por causa da pobreza, eles passavam um grande período sem compreender suas moléstias de maneira mais assertiva. Nesse aspecto, as salas dos hospitais se apresentavam como “último espaço de esperança” para angariar vigor ao organismo, ao mesmo tempo, esses corpos envelhecidos e pobres se tornavam materiais indispensáveis para um universo de experimentações e testes, fosse das técnicas cirúrgicas mais atualizadas, fosse dos fármacos ditos mais eficazes na cura de tumores, dores e infecções. Nos estudos, o sucesso das práticas era exaltado como significativo da grandeza do estado em assegurar qualidade de vida para a população, mas a concretização dessas idealizações não conseguiria ultrapassar em grande escala os muros das instituições científicas apresentadas nos escritos.

2.2 Corpo velho, um corpo inútil? Delineamentos da sociabilidade e da aparência diante do envelhecimento

As questões assinaladas anteriormente indicaram condicionamentos materiais da vida relegados aos corpos envelhecidos, assim como, representações que forjaram a corporalidade em idade madura; o primeiro fenômeno compreendido pelas múltiplas jornadas de pessoas pobres – quadragenários e sexagenários – frente às dificuldades de proceder mediante a doença; e o segundo, pelas projeções discursivas profundamente marcadas por concepções higienistas, defensoras da plena capacidade em restaurar a saúde e o vigor do povo através da ciência. Esses dois aspectos alargavam os processos de exclusão para quem não se encaixasse nos padrões estabelecidos, afinal, ficava evidente a estreita ligação entre a concepção de doença e a de envelhecimento (senilidade), causadoras do distanciamento e da solidão de determinadas populações, principalmente ao se levar em consideração alguns desfavorecimentos sociais evidenciados.

Esse conjunto de condicionantes da vetustez, para além de serem resultado da própria condição material da vida, fizeram parte de acirradas projeções relacionadas ao processo de produção da subjetividade humana. Na esteira desse fenômeno, novamente, se tinha o

entendimento do sujeito, passados seus quarenta ou cinquenta anos, construído pela tríade “pobre, moribundo e infeliz”. Efeito construído tanto nos discursos da intelectualidade literária burguesa, quanto nas divagações médicas e científicas; mas, em suma, todos estiveram concentrados no corpo como ponto de partida para fazer valer as idealizações.

Portanto, cabe realizar um preâmbulo acerca da forma de entendimento dos corpos velhos no contexto social, para assim “visualizar” as aflições e os desejos possíveis sancionados aos homens e mulheres diante do processo de envelhecimento corporal. Não obstante, as mudanças da estrutura biológica causadas pelo tempo se traduziam em constantes dilemas relacionados aos componentes essenciais da vida em sociedade, tais como: as festas, os divertimentos, o namoro e o próprio trabalho, caracterizados pela atribuição de espaços tidos como possibilitadores da felicidade, do bem-estar e da produtividade. De tal maneira, a escrita que apresentava tais aspectos parecia vir de um componente discursivo majoritariamente masculino e jovem, nessa seara, sancionavam aflições chegadas ao presente como importante ponto para compreender alguns dos arranjos relacionados aos processos de produção de uma vida madura e “velha”, definidos pelas práticas percebidas no convívio social, nos ditames da aparência e nas expectativas lançadas para a compleição.

Em consonância, seriam delimitados os espaços adequados para cada grupo de sujeitos. Diante da chegada das rugas, era assinalada a dificuldade de visualizar componentes imprescindíveis para a continuidade de determinadas vivências, como muitos dos comportamentos exaltados da juventude, os quais se apresentavam quase como única forma de “existir” aos olhos dos demais. Essas divagações viriam a expor arsenal de subjetivações dos jovens, dos maduros e dos velhos, em jogos discursivos que apresentavam importantes características do período histórico em tela, tais como a ideia de modernidade e os novos comportamentos alinhados ao âmbito da sexualidade, como a paquera, a sensualidade e a exposição corporal. Era nesse conjunto de expectativas que escrevia o articulista de nome Orlando, em pequena crônica opinativa sobre os homens que envelheciam, dizia ele:

Quando um velho, de cara toda pagueada, músculos flácidos, com dificuldade até de se locomover, conta-nos piraetas de sua vida; de que, quando era moço, fez isso e fez aquilo, namorou, brigou, teve mulheres que foram louquinhas por ele; nos salões, foi um pé de valsa magnífico... Jogou foot.ball; quando era creança muito deu que fazer aos guardas dos parques e jardins, nós ficamos assim... sorrimos incredulamente e dizemos depois: Ora que velho... Porque parece-nos impossível que aquele velho já tenha sido novo e que nós, novos, nunca fiquemos velhos...⁹²

⁹² A Semana. Belém, 11 de março de 1939, nº 1023, p. 8.

Em estudo centrado em discutir a construção da subjetividade humana na contemporaneidade, com foco em demandas direcionadas aos corpos, a historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna falou da propulsão de uma nova sensibilidade durante período posterior ao século XIX, pautada na necessidade de rapidez e agilidade na movimentação. A autora usa os avanços tecnológicos relacionados ao ramo automobilístico como analogia para um sentimento cada vez mais presente – a vontade de ser veloz. Nas palavras de Sant’anna: “velocidade, abstração e relatividade formam o tripé de inúmeras experiências humanas posteriores ao advento do automóvel e do avião, funcionando como condição de sucesso, poder e riqueza”.⁹³ Mediante tais demandas do corpo, coloca-se aqui as reverberações da concepção de “velocidade” frente ao seu oposto: a lentidão, sobretudo, aquela causada pelo processo de envelhecimento. Dada essa dicotomia, pensamentos como o de Orlando no fascículo de “A Semana” indicavam usos do corpo como ponte para realização dos prazeres que davam sentido à vida; entretanto, para que isso fosse possível, era preciso dispor de uma compleição ágil, forte e atenta, qualidades muito distantes daquelas encontradas em pessoas velhas. Isto é, para os vetustos, foram negadas algumas instâncias fundamentais da vida, como aquelas relacionadas ao lazer, à paixão e aos conflitos. Todo esse conjunto de dilemas sinalizava para determinada “esterilidade social” lançada aos que envelheciam, condicionalmente, as rugas e os cabelos brancos não significavam somente o malogro da feiura, mas o próprio esvaziamento do “sentir-se vivo”. Na afirmação: “parece impossível que aquele velho já tenha sido novo e que nós, novos, nunca fiquemos velhos”,⁹⁴ era mostrado como a imagem de um corpo desgastado pelo tempo fazia lembrar da transitoriedade da vida e, não seria exagero dizer, do medo constante de se ver em condições limitantes e deprimentes.

Essas concepções estavam estreitamente relacionadas às formas de se experienciar, do outro lado, a juventude, momento da vida marcado por profundos movimentos e descobertas, quando a passagem do tempo sobre o corpo era quase esquecida. Quando se era jovem, pouco se pensava em um futuro no qual o andar, o dançar e o paquerar se tornariam grandes desafios, esses comportamentos pareceriam tão atuais que, para os então moços, jamais viram a significar impossibilidades e aflições. Na mentalidade juvenil, era como se o estado da velhice não fosse precedido de um processo lento de envelhecimento e, para todos os efeitos,

⁹³ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 16.

⁹⁴ A Semana. Belém, 11 de março de 1939, nº 1023, p. 8.

os velhos sempre estiveram velhos. Tais construções expunham complexos dilemas subjetivos de negação e de espanto para com a expectativa de uma vida madura.

Em estudo voltado a entender as narrativas de vida dos velhos na cidade de São Paulo no período posterior a segunda metade do século XX, a psicóloga Ecléa Bosi indicou uma importante característica relacionada à forma pela qual as fases da vida se diferem no tocante aos processos de subjetivação relacionados às lembranças, como afirmou: “o passado pode ocupar quase todo o espaço mental do sujeito, como no caso dos velhos enfermos e aposentados; e pode, em situação oposta, ser desdenhado ou esquecido, como na infância e durante a adolescência”.⁹⁵ Para a autora, nos períodos anteriores à velhice, os sujeitos se encontrariam num eixo de interpretação da vida que pouco levaria em consideração o passado, dado que, por ser mais forte na mentalidade, o eixo “presente-futuro” silenciava o eixo “presente-passado”. Em sentido oposto, os sujeitos envelhecidos dependeriam completamente do passado, o qual se faria presente não como algo distante, mas como parte da própria força motriz da vida, com isso, os velhos a todo o momento se utilizariam do exercício de memória para confirmarem os seus lugares no mundo.⁹⁶

Para além dos efeitos relacionados à memória, esses aspectos demonstravam como a diferença de percepção do tempo influenciava a própria maneira de se compreender a materialidade do corpo, de forma a visualizar o aspecto físico desgastado (representação do passado) enquanto inconcebível para mentalidade de determinados jovens, sempre envolvidos de novas descobertas, em experiências de deleites existenciais quase intermináveis. Na mentalidade juvenil, ao observar a dificuldade de se locomover por causa do enrijecer dos músculos causado pela ação do tempo, era difícil de projetar o dia no qual seus hábitos eufóricos cessariam, ou seja, tais comportamentos configuravam o próprio estabelecimento das identidades as quais dariam sentido à vida. Diferente dos vetustos, para eles, o exercício de subjetivação estaria em uma escala de menor movimentação corporal, ao menos era o que tentava afirmar tal divagação, como se a tarefa do velho estivesse alinhada com diretrizes da quietude, quase sempre relacionada à infelicidade e ao desânimo.

Parecia ser menos comum, no início do século XX, entender o envelhecimento como uma parte da vida na qual seria possível estabelecer novos direcionamentos, os quais nada teriam a ver com o apagamento dos momentos de felicidade. De outra maneira, a partir da década de 1970, para a antropóloga Guita Debert, o velho começou a ser alvo de um novo

⁹⁵ BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 68.

⁹⁶ Ibid., p. 68.

discurso midiático, o qual defendia a oportunidade para viver de maneira prazerosa. Doravante, o envelhecimento passou a ser entendido como um processo “privado”, ou seja, o sujeito seria o único responsável pela sua qualidade de vida na velhice. Isto posto, o autocuidado, a ginástica e a boa alimentação se tornariam imprescindíveis para popularizar uma imagem menos obscura da vetustez, esses dinamismos ajudariam o corpo a permanecer ágil e veloz. No entanto, para a autora, isso não significou o apagamento de estigmas, diante da constante ideal da juventude enquanto um lugar a ser alcançado, o cuidado pessoal se tornou uma ponte para permanecer “jovem” pela maior quantidade de tempo possível, excluindo aqueles os quais não se motivassem a entrar no estilo de vida desportivo e dietético.⁹⁷ Já nas décadas de 1920 e 1930, a imagem da velhice ainda era demasiadamente atravessada pela da incapacidade, talvez por causa da baixa expectativa de vida e da pouca quantidade de direitos relacionado a proteção financeira da população em idade considerada avançada, ou seja, se envelhecia um poucos mais cedo (comparado ao período atual) e o cuidado pessoal ainda não era tão amplamente entendido como possibilidade de “envelhecer bem”.

Diante desses contextos, muitas vezes se colocava o processo de envelhecimento no campo do chocante e do bizarro, tratando como impossível a assimilação de uma estrutura física envelhecida, principalmente quando comparada ao seu passado juvenil. Ao dar continuidade ao seu texto, o autor Orlando, de “A Semana”, novamente viria a frisar sua perplexidade diante da observação da compleição desgastada pelo tempo, como nas seguintes afirmações: “As mulheres também são assim. Talvez uma pouquinho pior... As vezes, passamos um desses typos cujas formas nos faz pensar que nunca em sua vida ella foi creança ou moça”.⁹⁸ Em tal percurso, a incapacidade de imaginar aquele corpo em contextos de juventude confirmavam o receio juvenil mediante o destino triste e amargurado dos anos avançados da vida, de forma que, nos espaços de produção do cotidiano: dos encontros e das vivências, as pessoas vetustas seriam observadas como objetos apáticos e quase irrelevantes, incapazes de se apresentarem de forma vivaz e eufórica. No fim de contas, aqueles corpos estariam em muito relacionados à própria ideia da morte.

Novamente nas palavras de Orlando, se colocava em cena ordenações de características corporais inadequadas no seio dos convívios sociais, como na seguinte sentença: “Não deve ter nascido...já surgiu no mundo assim. Obesa, grandalhona, toda amarrada para evitar o

⁹⁷ DEBERT. “A reinvenção da velhice”. Op, Cit.

⁹⁸ A Semana. Belém, 11 de março de 1939, nº 1023, p. 8.

balanço das carnes, andar pesado e difícil. Entretanto, há quem nos diga que houve até quem se matasse por ella. Parece impossível”.⁹⁹ Diante dessas afirmações, compreendeu-se que a corporalidade condicionava maneiras de viver, de sentir, de estar socialmente, mediante aos critérios para as vivências prazerosas, algumas elaborações saltavam aos olhos como pontos cruciais de separação entre a capacidade de gerar admiração e, do outro lado, o rechaço sem economia de palavras.

Mas, em suma, esses componentes discursivos apresentavam características do processo de subjetivação acionado pela materialidade do corpo, principalmente diante em relação ao sentimento de angústia diante da impossibilidade de manter-se jovem eternamente. No entanto, o processo de envelhecimento não se apresentava como algo próximo, mas enquanto uma instância quase inexistente na memória dos jovens. Essas configurações se relacionam com determinadas características do desenvolvimento das sociedades modernas ocidentais, nas quais, como explicou Norbert Elias, existiu percurso marcado pela potente negligência diante do destino da morte, estabelecido na mentalidade sob a forma de recalçamento. Nesse preâmbulo, os sujeitos “naturalmente” mais próximos do final da vida seriam visualizados pelos “mais distantes” como anomalias, pois, dentro da psique juvenil, funcionava a tendência de criar a “ficção da imortalidade”, maneira de distanciar da memória o fato irreversível da finitude existencial. Nas palavras de Elias: “conheço pessoas que não são capazes de envolver-se com moribundos porque suas fantasias compensatórias de imortalidade, que mantêm sobre controle seus terríveis medos infantis, seriam perigosamente abaladas pela proximidade deles”.¹⁰⁰

Essas projeções, relacionadas a uma juventude tida como qualidade a ser universalizada, eram legitimadas por determinadas características da própria cultura popular, aspecto observado nos inúmeros contos os quais falavam de “seres decrepitos e velhos”, sempre apresentados enquanto antítese da possibilidade da admiração e do respeito. Em conto intitulado “No tribunal diabólico” da revista ilustrada “Flirt”, era contada a história de um casal de velhos que morreu e foi para o inferno, lugar em que seriam julgados pelo próprio diabo. Quando o autor mencionava as características desses dois personagens, elaborava as seguintes considerações: “Não podia haver mais desagradáveis visão! Velhos, narizes floridos de verrugas rubicudas, lábios pendentes, produziram na assembléa diabolica (aliás muito

⁹⁹ A Semana. Belém, 11 de março de 1939, n° 1023, p. 8.

¹⁰⁰ ELIAS. “A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer”. Op. Cit., p. 3.

habituada a encarar fealdade) uma impressão de repugnância”.¹⁰¹ Esses padrões de mensagens, divulgadas em meios de entretenimento cotidiano, se tornavam testemunho do envelhecimento como um processo relacionado ao horror e à repulsa, indicavam as proporções dadas aos corpos como forma de condicionar complexos processos de exclusão e rechaço, como na continuidade da narrativa: “corcundas, coxos, zarolhos, enfim horríveis como eram, provavam que mesmo quando adolescentes deviam ter sido horrorosamente repugnantes”.¹⁰²

Essas maneiras de sustentar a tríade “envelhecimento, distanciamento e morte”, tinha na observação dos corpos o seu modo de operação mais eficiente. O organismo envelhecido era a própria lembrança do pesado destino que aguarda a todos, aquela materialidade estava intrinsecamente relacionada ao último estágio da vida. De tal modo, o andar lento, o acúmulo de gordura, a pele deteriorada, tudo isso confirmava as expectativas mais profundamente indesejadas aos olhos de observadores jovens. Não obstante, a construção da corporalidade se relacionava a própria condição de existir, tal como afirma a gerontóloga Eliane Blessmann: “o corpo é a condição carnal que nos dá acesso ao mundo, a dinâmica que expressa o modo de ser do homem, mas o corpo só emerge pela ajuda da linguagem que dele significa”.¹⁰³ Entendida essa questão, em Belém existia conjunto de linguagens corporais no convívio social, elas se transformavam em elementos instaurados para legitimar posições sociais, em conformidade, a aparência era muito importante, através dela, elaboravam critérios necessários para dizer da adequação de alguém aos espaços de sociabilidades diversas.

Tendo em vista esses ditames do discurso, o articulista Orlando, mais uma vez, viria a dissecar seus anseios sobre a senilidade: “O que devemos lamentar, a morte prematura de um moço ou a morte lenta da juventude pela velhice?”. Esse escritor parecia recorrentemente se voltar para o tema do envelhecimento, na atribuição de determinadas imagens pessimistas, nesse sentido, quando o assunto girava em torno dos momentos de divertimento na cidade, sempre assinalava a impossibilidade de velhos participarem desse conjunto de eventos os quais forjavam a felicidade e o bem-estar. Mais adiante, Orlando segue a afirmar:

Farrear é bom. Gozar bem a nossa mocidade, tirar dela tudo o que pudermos, é magnífico... Aquele velho que mora ali adiante, coitado... vive (se aquilo é viver)

¹⁰¹ Flirt. Belém, janeiro de 1931, nº 12, p. 38.

¹⁰² Flirt. Belém, janeiro de 1931, nº 12, p. 38.

¹⁰³ BLESSMANN. “Corporeidade e envelhecimento”. Op. Cit., p. 22.

cheio de achaques, reumatismos, o diabo a quatro. Disse-me ele, em conversa que, quando moço, foi um grande farrista.¹⁰⁴

Diante desses aspectos, observava-se a imagem do envelhecimento como antítese da velocidade, a qual se relacionava até mesmo com práticas cotidianas entendidas como fúteis (tais como os momentos de diversão), mas que eram completamente exaltadas numa sociedade pretendida moderna. De maneira análoga, a concepção da jovialidade estava intrinsecamente ligada aos meios de produção da vida como o casamento e a própria sexualidade, os quais passavam por mudanças aceleradas no período em questão. Isto é, mesmo coexistindo com uma perspectiva mais conservadora, os comportamentos exaltados das novas gerações se traduziam em demasiada admiração para boa parte dos observadores, em razão de assinalarem para o que de mais novo existia no mundo.

Como afirmou Nicolau Sevcenko, as grandes metrópoles se tornavam palco principal dessas projeções, com os seus “vórtices de efeitos desorientadores, suas múltiplas faces incongruentes, seus ritmos desconexos, sua escala extra-humana e seu tempo e espaço fragmentários, sua concentração de tensões” tudo isso dissipou, segundo o autor, “as bases de uma cultura de referências estáveis e contínuas”.¹⁰⁵ Diante desse universo de mudanças e de movimentos efervescentes, os corpos os quais não acompanhassem a corrida cotidiana da vida moderna, se apresentando de maneira lenta e apática, imediatamente seriam julgados a partir de estarecedoras penalidades. O envelhecimento corporal poderia ser lido como um empecilho dessa atualização constante dos modelos de formação da vida cotidiana, fenômeno que em Belém não tiveram dificuldade de se instalarem.

Tudo isso indicava projeções de uma sociedade eufórica com os desenvolvimentos do capitalismo, sistema que teve no ambiente urbano o seu maior cartão postal. Era na cidade o lugar de concentração da maior quantidade de serviços, de produtos e de sociabilidades e, nela, o corpo deveria estar sempre pronto para os mais diversos movimentos. Diante do assinalado, o envelhecimento corporal, tido como muito próximo ao processo de adoecimento, se apresentaria como o retraimento da modernização e, na maioria das vezes, tais expectativas não se davam conta da complexidade de elementos destoantes.

As realidades observadas e vivenciadas pelos escritores das revistas estiveram inseridas em contextos citadinos e burgueses, locais onde ocorriam aceleradas mudanças referentes às sociabilidades na dita modernidade. Esclarecendo um ponto importante dessas perspectivas,

¹⁰⁴ A Semana. Belém, 9 de setembro de 1939, nº 1203, p. 7.

¹⁰⁵ SVECENKO. “Orfeu extático na metrópole”. Op. Cit., p. 32.

Denise Bernuzzi Sant’Anna fala do “aerodinamismo” como uma sensibilidade, a qual explicaria a explosão das perspectivas de modernização empreendidas durante todo o século XX, neste momento, “os corpos longilíneos, capazes de mostrar agilidade e flexibilidade, especialmente no trabalho, pareciam oferecer um atestado de decência e elegância incontestável”.¹⁰⁶ Era preciso recorrer ao corpo e à sua movimentação para diferentes fins no universo cotidiano, ele seria o responsável pela prosperidade individual e coletiva, para isso, precisava ter vitalidade. Legitimava-se, assim, a interferência médica, em experimentos de modelagem corporal para melhor aproveitamento da existência e maior capacidade de realizar tarefas. Ainda segundo Bernuzzi, para majorar a saúde e acelerar a produtividade, os médicos “e conselheiros da imprensa logo se apropriaram do ideal do aerodinamismo: principalmente ao decretarem o fim das roupas pesadas, dos espartilhos, chapéus e penteados complicados”.¹⁰⁷ O ataque à lentidão e à ineficiência viria de todos os lados, pois demonstrar esperteza era essencial para ser bem-sucedido, mas não somente isso, tinha-se a necessidade possuir uma estética corporal agradável aos olhos dos demais.

Em texto voltado a discutir algumas características dos procedimentos estéticos praticados naquele momento histórico, falava-se de um erro muito comum das mulheres ao tentarem burlar a ação do tempo em seus rostos. O fascículo foi intitulado “Consultorio da Belleza”, escrito pelo Dr. Pires Rebello, que mencionava importantes domínios das intervenções corporais com fins estéticos. Em suas palavras, o autor afirmava ser “condemnavel a aplicação de injeções de parafina para tratamento das rugas, esse processo, sobretudo, introduzido ha uns dez annos na arte de embellezar teve numerosos adeptos, sobretudo pseudo-medicos”.¹⁰⁸ Nesse ínterim, o escritor viria a assinalar algumas práticas tidas como ineficazes e prejudiciais, observadas durante alguns anos de experiência com o trato da aparência feminina, ele denunciava os falsos médico que, “não podendo praticar as operações estheticas, injectavam a parafina debaixo das dobras ou depressões do rosto, afim de curar as rugas”.¹⁰⁹ Dessa forma, falava das graves consequências de tais práticas para o organismo: “um grande inconveniente não tardou a apparecer: a parafina abandonada sob a pelle dava origem aos parafinomas (designação que se dá a essa especie de tumores)”.¹¹⁰ Após

¹⁰⁶ SANT’ANNA. “Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea”. Op. Cit., p. 46.

¹⁰⁷ Ibid., p. 43

¹⁰⁸ A Semana. Belém, 23 de junho de 1934, nº 806, p. 14.

¹⁰⁹ A Semana. Belém, 23 de junho de 1934, nº 806, p. 14.

¹¹⁰ A Semana. Belém, 23 de junho de 1934, nº 806, p. 14.

dissecar todas as problemáticas envolvidas na aplicação de parafina para combater as rugas, o médico finalizava o seu texto dizendo: “Sómente a cirurgia esthetica das rugas não offerece perigo algum e os resultados são excelentes”.¹¹¹

Determinada aflição coletiva levou mulheres maduras aos consultórios de beleza para se submeterem às intervenções pouco eficazes, tais comportamentos estavam inseridos no complexo processo de socialização da ideia do envelhecimento relacionado à feiura. Todos esses contextos colaboravam para legitimar o manejo dos corpos por vezes de maneira experimental e perigosa. Aqui, as formas de cuidar da aparência não se distanciavam das maneiras de tratar as doenças, pois os “doutores da beleza” se apresentavam como capazes de “curar o mal da velhice”. Nessa relação, quando se pensava a ideia de doença, ao longo do século XX, o exibicionismo do enfermo vai ficando cada vez mais inadmissível, aliado a isso, o corpo e tornava o lugar onde “a pessoa deveria esforçar-se para parecer que ia bem de saúde”.¹¹² Desse modo, a medicina ocidental viria lançar uma dúvida constante para os sujeitos em relação ao seu próprio estado de saúde, requerendo exames periódicos, na análise da probabilidade do organismo para as moléstias.¹¹³ Poderia se afirmar que, toda a ansiedade, frente às doenças, iria se relacionar com os medos colocados diante da velhice, tratada como algo passível de se investigar e intervir, mesmo sem garantia de “cura”, mas poderia ser amenizada e escondida por determinada tempo.

Em um mundo burguês, esses fenômenos falavam da possibilidade que alguns sujeitos teriam de usar o capital como vantagem diante da maneira de se experienciar o avanço da idade, em virtude da restrição dessas “práticas medicinais e curativas”, mais acessíveis às populações abastadas. Igualmente, a preocupação em se apresentar socialmente de maneira adequada era, em grande parte, característica essencial daquele grupo de sujeitos, principalmente ao se ter em mente a necessidade de obter prestígio e boas relações. Nesse quadro, a aparência não servia como mero acessório dispensável, mas contribuía até mesmo para estabelecer relações política.

A historiadora Daniella de Almeida Moura, que estudou as festas republicanas e o poder simbólico em Belém entre os anos 1890 e 1911, explicou que esses encontros públicos eram envolvidos por “jogos de aparências”, visto que, “muitos desses eventos não se tratava de

¹¹¹ A Semana. Belém, 23 de junho de 1934, nº 806, p. 14.

¹¹² MOULIM. “O corpo diante da medicina”. Op. Cit., p. 19.

¹¹³ Ibid., p. 19.

“reuniões de amigos”, mas espaços de sociabilidade política, expressão de influência e demonstração de etiqueta”.¹¹⁴ Mas, nesse contexto, seria possível visualizar uma importante diferença entre as expectativas lançadas para os homens e para as mulheres. Se, para eles, os cabelos grisalhos e as rugas poderiam significar respeito, para elas, isso não acontecia com frequência.

Dado que, o processo natural do envelhecimento era atravessado por representações coletivas, as quais se traduziram em constante necessidades de manipulações corporais. Tendo em vista a visão de um sujeito no “outono da vida” quase como inválido ou inútil, as características relacionadas à senilidade deveriam ser escondidas ou minimizadas; em coligação, a corporalidade era construída a partir das mensagens externas, chegadas aos sujeitos como direcionamentos para a forma correta de existir socialmente. Quando se falava das rugas, consequência da lentidão da renovação celular causada pela ação do tempo, era dito ser apropriado interferir no corpo para tentar minimizar esses sinais de feiura. Existira a ideia de reverter tais prejuízos com o auxílio de técnicas científicas ditas inovadoras e eficientes, mas isso não se traduzia em menor ansiedade, pelo contrário, poderia aumentar os devaneios conduzidos em direção às próprias identidades subjetivas, principalmente quando inauguravam a constante autovigilância em relação a qualquer sinal do desgaste, principalmente para as mulheres.

“Si és moça toma este conselho: enxuga tua lagrima as vezes que puderes. Quem chora invoca uma futura ruga e a ruga é sempre o occaso das mulheres!”¹¹⁵ escrevia o articulista A.F em “A Semana”. Esses tipos de mensagens se tornavam recorrentes nas colunas sociais, nelas, os escritores pareciam lançar determinadas angústia para o público leitor, como forma de estabelecer na psique uma cadeia de condições para se sentir bem frente a autoimagem corporal, tais arranjos de sentimentos viram a ser constantemente abalados pela noção da passagem do tempo – sempre envolvido de muita expectativa quanto às suas consequências na estrutura corporal – então, a experiência de envelhecer era compartilhada. Habitualmente, a pele enrugada não denunciava somente a idade, mas os inúmeros significados os quais viriam a guiar os olhares, as conversas, as formas de tratar alguém dentro do grupo ou no contexto no qual se estava inserido. Aqui reside uma complexidade maior do que apenas a análise temática de um conjunto de textos para ajudar a elucidar uma “mentalidade”, afinal, tal como

¹¹⁴ MOURA, Daniella de Almeida. A República paraense em festa (1890-1911). Dissertação de mestrado, História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, 2008, p. 79.

¹¹⁵ A Semana. Belém, 10 de janeiro de 1925, n° 351, p. 37.

considera Roger Chartier, cada série de discursos deve ser compreendida em suas especificidades, inscritas em lugares (e meios) de produção “e suas condições de possibilidade, relacionada aos princípios de regularidade que a ordenam e controlam, e interrogada em seus modos de reconhecimento e de veracidade”.¹¹⁶

Tendo em vista essas nuances discursivas, apesar de boa parcela dos discursos apresentarem homens imunes às consequências negativas da idade, determinadas características relacionadas ao envelhecimento não deixavam de assinalar constante preocupação masculina. Por exemplo, uma atitude constante era a comoção diante da perda dos cabelos com o passar dos anos, nesse preâmbulo, os homens viriam a ser constantemente alvos de opiniões e olhares maliciosos, algumas claramente irônicas. Como parte desse fenômeno, existiam textos de cunho humorísticos os quais colocavam em cena a imagem corporal masculina na vetustez envolvida por sentenças pejorativas.

Em notícia intitulada “Concurso de Carecas”, o articulista de pseudônimo “Figaro” lançava mão de sarcasmo para descrever homem diante da ausência de cabelos: “Registramos hoje com especial satisfação uma careca de alto-lá-com-ella!... Pertence essa preciosidade, raríssima, aliás, ao deputado e coronel dr. Vicente Miranda, abastado fazendeiro em Marajó, barytono, engenheiro”¹¹⁷; na continuidade, “Figaro” dizia que Vicente Miranda era “digno de possuir essa joia de sua caréca”¹¹⁸. As observações lançadas aos homens proeminentes diante do processo de queda capilar – pelo fato de condicionarem o riso – apontavam para expectativas menos exaltadoras da masculinidade em idade madura, à vista disto, a careca se tornava uma marca de vergonha. Mais adiante, o autor seria ainda mais irônico: “Quando se lhe passa a mão, tem-se a impressão de que o fazemos sobre um pompom macio, branco, carinhoso, brando... Esta é a promettedora caréca do dr. Manenio Lobato, que aqui fica no papo”.¹¹⁹

A estigmatização encontrava no “estar em público” uma vasta gama de oportunidades para fazer efeito, e a ideia da vergonha era traduzida na necessidade de esconder o próprio corpo, perante tais construções, a autoaceitação da velhice se tornava tarefa difícil. Diante do envelhecimento, talvez o recato fosse apresentado como caminho mais aconselhado, com efeito, o velho ganhava aspecto de determinada “monstruosidade” nos discursos cotidianos,

¹¹⁶ CHARTIER. “O mundo como representação”. Op. Cit., p. 187.

¹¹⁷ A Semana. Belém, 23 de junho de 1923, nº 270, p. 17.

¹¹⁸ A Semana. Belém, 23 de junho de 1923, nº 270, p. 17.

¹¹⁹ A Semana. Belém, 23 de junho de 1923, nº 270, p. 17.

estes não se limitavam a uma visão vexatória, de maneira mais grave, os velhos eram cercados por determinada “repulsa”. Tendo em vista esses alinhamentos, o sentimento de timidez de alguns homens carecas era traduzido em diferentes textos de entretenimento cotidiano divulgados em Belém, como aqueles que falavam dos eventos da cidade, eis um exemplo:

No cinema Olympia dão-se casos engraçados. Um delles, o que vamos referir, foi-nos contado pelo sr. Mario Gurjão, que embirrava com a careca do sr. Souza Filho e, agora, quer fazer escala pela do dr. Odilon Burlamaqui. O sr. Gurjão contou-nos que depois da invenção do Elmano, a respeito dos <pirocacas>, muita gente tem pirocado o joelho só para não exhibir a sua... O dr. Burlamaqui está neste caso, e eis a razão porque assiste aos “films” do Olympia de chapeo á cabeça...¹²⁰

As tendências de camuflar os sinais da idade não eram somente parte de conflitos individuais, mas estavam inseridas em ideias compartilhadas e reproduzidas – na condição de observados, os sujeitos se portariam a partir das normas de conduta necessárias à reprodução social – nas instâncias relacionadas aos padrões de beleza e de comportamento, os corpos se direcionavam para destinos marcados pelo distanciamento caso não se enquadrassem no escopo desejado por ampla cadeia de indivíduos. Quando os sinais da idade eram claramente percebidos, esses intercursos se tornavam ainda mais fortes, como mostrado no texto de “Miracy” na coluna acima. Naquele percurso, o autor demonstrou como a ansiedade e a insegurança quanto a aparência masculina faziam parte dos contextos supracitados, principalmente dentro das relações interpessoais. Tudo isso se aproximava bastante das novas perspectivas comportamentais do período novecentista, de modo que a preocupação masculina com a aparência e a beleza, como elucidou o historiador Pascal Ory, tiveram propulsões no decorrer do século XX, aliada ao aumento da evidência dos cuidados corporais feminino e dos homossexuais, os quais contribuíram para “feminilizar” as “práticas corporais do sexo masculino, agora sensível aos discursos e induzido a práticas de cuidados corporais antes reservados ao sexo feminino”.¹²¹

E a documentação histórica frequentemente mostrava essa ocorrência. O articulista “D. João”, de “A Semana”, falava do cuidado corporal e da relação desse comportamento com o rejuvenescimento masculino, segundo o escritor: “A thesoura impeccavel do meu Pull a gymnastica methodica e a massagem diaria de mister John dão-me, felizmente, este aspecto

¹²⁰ A Semana. Belém, 19 de janeiro de 1924, nº 300, p. 15.

¹²¹ ORY, Pascal. “O corpo ordinário”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do corpo. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 193-194.

de 35 anos galhardos. É a ilusão da mocidade”.¹²² Esse tipo de formulação falava muito das formas pelas quais os sujeitos viriam a enxergar o próprio corpo diante das mensagens externas, condicionado por esses ditames, apesar de D. João ser crítico aos conjuntos de valores que atribuíam à beleza um status privilegiado, ele estava contente em “parecer moço” – era “bom” estar de acordo com os padrões estabelecidos – em um mundo onde a juventude fora intrinsecamente ligada à perspectiva do belo e do admirável. Num universo de explosão das mensagens relacionadas ao aprumo da estética, o envelhecimento se transformava em um ponto propício para repensar a sua posição no mundo.

Instrumento de legitimação, o corpo masculino não estava ausente no debate cotidiano: nas conversas, nos jargões e nas maneiras de expressar opinião. Por esse motivo, as representações viriam instaurar maneiras de ajustar a pele, a postura e os membros para sua melhor apresentação, nesse conjunto de dilemas, as próprias indumentárias se tornavam instrumentos de regulação dos limites de exposição do corpo senil. Os hábitos de usar boné, colocar lenço no cabelo, vestir roupas mais compridas, não diriam apenas das formas de inibir a sexualidade mais exaltada dos jovens, mas de impedir a visualização da “monstruosidade” dos corpos velhos, a qual gerava constantes constrangimentos.

Todos os estigmas mencionados seriam sentidos de maneira gradual no percurso da vida, pois existiam normas etárias, estabelecidas por critérios de ordem social, as quais viriam a definir localizações específicas do sujeito em meio a percepção dos demais, elemento mais acentuado para as mulheres. Como acréscimo, as características da “monstruosidade” eram usadas em narrativas circunscritas no corpo em processo de senescência. No centro de algumas verbalizações, as mulheres eram comparadas às bruxas – figuras mitológicas que atravessaram os séculos na cultura popular – usadas para representarem as senhoras velhas e feias. Tudo isso não se distanciava de uma certa sensibilidade, muito comum no século XIX e início do século XX, a qual colocava em evidência as estranhezas e as deformidades humanas como alvos de olhares e especulações, alimentando a curiosidade através da indústria de entretenimento, como o que ocorria nos circos de aberrações europeus.¹²³ O envelhecimento se tornaria, analogamente, campo propício para gerar curiosidade, nesse ponto, diversas narrativas de entretenimento cotidiano tentavam chamar atenção do leitor e colocavam em evidência a decrepitude da velhice, usada para chocar.

¹²² A Semana. Belém, 04 de outubro de 1930, nº 638, p. 09.

¹²³ COURTINE, Jean-Jacques. “O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do corpo. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 256.

Em conto intitulado “Vozes da velha Bruxa”, Antonio Tavernad dava voz a uma mulher que refletia sobre a passagem do tempo e as marcas deixadas em seu corpo. Para a personagem, a perda da juventude era quase como se desgarrar da própria razão de viver, diante desse processo, restava apenas o sentimento de melancolia, como elucidava no trecho: “– Meu cabelo já foi assim dourado!... Minha bocca já foi assim vermelha, rosa de carne provocando a abelha da carícia de amôr e de pecado!... Já fui mais pura que a mais pura ovelha, e mais feliz que um sonho de noivado!”.¹²⁴ Traduzindo o sentimento de angústia, o autor buscava narrar de maneira poética os conflitos internos femininos, onde várias instâncias da felicidade estavam esgotadas com o processo de envelhecimento. Nesse ínterim, o infortúnio não era somente ser feia e enrugara, mas, sobretudo, estar triste e sozinha frente a chegada do “outono da vida”. Adiante, continuava a narrativa com a seguinte sentença melancólica: “Já tive, emfim, a graça que assemelha uma donzela a um anjo humanizado!... Mas o ouro tornou-se prata velha, a rosa feneceu, fugiu a abelha. Buscando outros rosaes...E como de mim zombas, mocidade, bebe a cicuta e o fel desta verdade: tu também passarás”.¹²⁵

As condições de admiração eram muito necessárias, pois oportunizavam a realização pessoal. De tal modo, a ideia do corpo vivaz e potente não se apresentava como parte insignificante da vida, pois tudo se relacionava com costumes característicos do esteio de sustentação da sociedade, tais como as configurações de matrimônio, sempre envoltas de contextos de efervescência das relações de poder. Ali localizada, a corporalidade funcionava como dispositivo ativo, não somente em relação às formas de ser percebido socialmente, mas da legitimação de experiências projetadas como essenciais ao percurso da vida, tais como casar-se, momento tido como proporcionador de grande felicidade. Desse modo, para as mulheres, o envelhecimento representava o terror da solidão afetiva, em um contexto no qual moças de vinte e cinco anos já poderiam ser consideradas “tias”, elas deveriam buscar seu porto seguro nos homens o mais cedo possível, caso contrário, muitos problemas ocorreriam em suas vidas.¹²⁶

A imagem do corpo envelhecido funcionava como um lembrete da impossibilidade de percorrer novamente os caminhos prazerosos vivenciados na mocidade, talvez essa fosse a observação mais alarmante, o corpo era entendimento enquanto receptáculo de uma subjetividade construída a partir da busca por realização pessoal, de modo que o desgaste

¹²⁴ A Semana. Belém, 19 de novembro de 1938, nº 1007, p. 21.

¹²⁵ A Semana. Belém, 19 de novembro de 1938, nº 1007, p. 21.

¹²⁶ CAMPOS. "Solteirismo e tempo matrimonial". Op., Cit, p. 36.

físico barrava todos os caminhos possíveis para chegar àquele fim. Era no microcosmo das observações, das conversas e das opiniões que se alertava para determinadas características da aparência diante de quaisquer sinais da idade, imediatamente relacionados à feiura. Alguns textos demonstravam essas projeções de maneira constante, informavam o leitor acerca dos assuntos mais comentados nas “rodas sociais”. Leia-se, falar do corpo alheio não era atitude meramente automática, mas fazia parte de uma potente convulsão social, muito influenciada pelos meios de publicização a vida, tais como o cinema, o rádio e a própria imprensa.¹²⁷

Diante do assinalado, os corpos velhos foram tidos como quase incapazes por boa parcela dos discursos e mensagens chegadas ao presente, fosse na condição de observados em momentos de lazer na cidade – quando as dificuldades de se locomover eram apresentadas de maneira vexatória e excludente – fosse quando os contos falassem de pessoas com aparência monstruosa, das rugas femininas como características intrínsecas às bruxas. Todo esse conjunto de imagens traduziam os medos e os conflitos subjetivos de uma sociedade pouco habituada em entender o envelhecimento sem os preceitos dominantes de produtividade e eficiência, próprios de uma modernidade que almejava a “juventude inesgotável” e significativa do desenvolvimento. Era um universo marcado por inúmeras desigualdades nas maneiras de se visualizar e experienciar o envelhecimento, para uma população burguesa e urbana, a qual vivia constantemente imersa em valores da aparência, quem chegasse ao “outono da vida” de uma maneira menos “promissora”, em relação às possibilidades de “movimentar” o corpo, era entendido como “inútil” socialmente.

Como será possível perceber no próximo capítulo, o qual divaga sobre sexualidade, todas essas maneiras de se compreender o envelhecimento corporal influenciavam as formas de se posicionar frente à sedução, aos desejos e aos afetos, principalmente tendo em vista as atribuições de vanglorio da juventude, ponto a ser entendido como essencial na manutenção de uma performance baseada em saúde sexual inesgotável, em verbalizações as quais, novamente, demonstravam as maneiras desiguais de estabelecer critérios de aceitação do aspecto físico aos olhares dos demais.

Diante do assinalado, as discussões a envolver a sexualidade viriam a destacar pontos de diferenciação entre os sujeitos aptos para o universo da admiração e do desejo e aqueles para os quais essas vivências deveriam ser interditas, principalmente ao se ter em mente as desigualdades sociais existentes no passado histórico em questão. Nesse preâmbulo, os

¹²⁷ MARTINS, Rui Jorge Moraes. Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX. Dissertação (mestrado), História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, 2010.

testemunhos colhidos indicavam importantes definições: como as maneiras de enxergar a libido no homem maduro em detrimento da mulher madura, tudo baseado em um olhar para o corpo marcado por projeções da juventude e do vigor. Entretanto, existiam mensagens que viriam a informar práticas e comportamentos diferentes daqueles esperados para determinados sujeitos na maturidade. As análises que seguem buscaram destacar alguns pontos importantes, tais como: as disputas relacionadas aos sentidos dados aos desejos amorosos e sexuais diante do envelhecimento, tais arranjos tiveram como parâmetro principal a concepção da juventude como ponto de confluência de muitas das visões sancionadas aos corpos na construção de identidades performáticas.

CAPÍTULO 3

ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE FRENTE ÀS DISPUTAS DE SENTIDO

3.1 Mulheres jovens: desejos e visões

Nas revistas ilustradas que circulavam pela capital paraense durante as primeiras décadas do século XX, para além das informações jornalísticas cotidianas, fora exposto um vasto campo de dilemas afetivos, sexuais e comportamentais, num conjunto de temas que surgiam dos fenômenos percebidos na cidade, os quais poderiam ser inseridos nos contos românticos, nos textos cômicos, nas notícias e nas crônicas, tais discursos transmitiam várias inquietações relacionadas ao universo sexual, discutido pela via de apreensão burguesa, seara na qual as mulheres jovens – naturalmente vistas como atraentes, sensíveis e sedutoras – eram alvos do desejo, várias vezes exposto de maneira deliberada. A jovialidade costumava ser encarada como sinônimo de felicidade inesgotável, do mesmo modo, ponto de construção que expunha modelos das vidas amorosa e sexual instigantes. Dessa forma, as senhoritas estavam relacionadas à urbanidade como palco de grandes agitações, aos sentimentos eufóricos causados pelas novas possibilidades dos usos do corpo, do prazer e dos instintos característicos da puberdade.

Tendo em vista esses aspectos, a sexualidade entendida para além da prática sexual, mas como um conjunto de projeções, dilemas e desejos próprios da construção da identidade humana, vivenciada e influenciada pelo meio social circundante, no qual as ideias relacionadas à sedução, à paquera e à sensualidade agiriam como potentes condicionantes das vivências construídas naquele passado histórico. Com foco nessas questões, os discursos das revistas falavam de práticas e representações coletivas muito presentes entre os belenenses de outrora, uma vez que, esses escritores viviam inseridos em contextos propícios às observações comportamentais múltiplas, das relações sociais experienciadas em Belém, recorrentemente expostas nos textos em questão.

Diante do assinalado, as épocas carnavalescas (períodos de euforia geral) se tornavam momentos para olhar atenciosamente para aquelas meninas recém-chegadas à mocidade: o “sair para diversão” nos bailes da cidade era envolvido por grande vigilância, nada poderia ser colocado em cena de maneira desinteressada, a todo o momento esses autores buscavam mostrar ao público as prováveis expectativas eróticas e carnais de donzelas ingênuas, em conjunto de temáticas tangenciadas numa tentativa de formar cadeias de significados atribuídas ao ato sexual das meninas, nessa corrente, a idade se tornava um importante gatilho para debater múltiplos dilemas. Na coluna intitulada “Garotice” de “A Semana”, o articulista, ao mencionar a época do carnaval em Belém, expressava as prováveis expectativas das jovens moças da cidade. Eis um trecho:

Elles estão organizando um bloco carnavalesco para um caminhão e foram convidar aquela garota morena, deste tamaninho... E ella, 15 annos, cabellos lisos cortados á inglesa, respondeu com o seu sorriso de bêbê: <<Só si vocês convidarem o... >>. Cuidado, garotinha, olhe que os cavalheiros dessa família são piratas e você não tem prática no flirt.¹²⁸

Como de um panorama complexo, as práticas de sedução não se limitavam a um universo de frivolidades cotidianas, elas estavam amparadas nos diversos dispositivos psíquicos acionados para exercer influência em *outrem*. Na conquista, existia um amplo campo de jogos a envolver desde meros sentimentos de euforia, até descobertas do corpo e relações de contato sexual vivenciadas por amplo conjunto de sujeitos. Destarte, a imaginação masculina, quanto ao início das experiências afetivo e sexual femininas, buscava imprimir um sentido de vulnerabilidade, exemplificada na excitação da púbere frente ao cenário multiforme dos contatos amorosos. Nesse ínterim, a idade era tangenciada como fator fundamental para gerar um *frisson* masculino diante daquilo que se poderia considerar uma “presa fácil”: geralmente garotas muito jovens e “incapazes” de calcular seus passos em direção às vivências amorosas.

As épocas carnavalescas constituíam momentos adequados ao desenvolvimento dessas articulações, na medida em que instigavam a prática do *flirt* e dos envoltimentos afetivos mais fogosos. No decorrer dos eventos, ocorriam diferentes tipos de contatos sociais, desde os mais inocentes, até aos mais libidinosos, como os indicados na ânsia juvenil feminina ao sair de casa e se imaginar nos braços de algum rapaz: o “fantasiar-se” seria como elaborar uma “personagem de si mesmo”, no êxtase por possíveis encontros, para realização de vontades afloradas. Concentrada em aspectos semelhantes, Cristina Donza Cancela, em sua obra “Adoráveis e dissimuladas”, apresentou os momentos festivos que ocorriam na cidade de Belém no início do século XX enquanto cenários facilitadores das práticas sexuais entre os amantes jovens no período histórico em tela. Segundo a autora, as meninas de camadas populares da cidade elaboravam suas vidas sexuais de maneira consideravelmente distante dos papéis tradicionais atribuídos socialmente às mulheres (namoravam às escondidas e praticavam sexo de maneira constante).¹²⁹

¹²⁸ A Semana. Belém, 7 de fevereiro de 1925, nº. 355, p. 32.

¹²⁹ CANCELA, Cristina Donza. Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX. Dissertação (mestrado), Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1997, p. 65.

Diante do assinalado, compreende-se os momentos específicos da vida cotidiana enquanto ambientes suscetíveis aos aprimoramentos da experiência sexual, como pontos de realização, de frustração, de exibição, na oportunidade para fugir de muitas das regras socialmente estabelecidas, como o recato, a quietude e o silêncio. Estar em festa possibilitava a retirada de alguns “filtros” impostos pela tradição, por isso a mensagem de determinado receio diante da presença de garotas “desprotegidas”, tendo em vista a possibilidade delas desviarem o caminho do baile em detrimento do quarto de algum rapaz malicioso.¹³⁰ No contexto da família burguesa essa preocupação poderia ser bem mais recorrente, tendo em vista a necessidade de manutenção do poder mediante a imagem prestigiosa dos sujeitos abastados elaborada socialmente, onde as questões a envolver o desejo sexual e o namoro estavam muito ligadas ao campo moral, sobretudo, amparado na necessidade do matrimônio.

Em “Amor, sedução e violência”, estudo voltado para a cidade de Vigia no Pará, Fernando Arthur de Freitas Neves explica como o julgamento dos crimes de defloramento, transcorridos na primeira metade do século XX, expuseram elementos contraditórios da sociedade vigiense: mesmo diante ao discurso social lançado à mulher, vista apenas enquanto receptáculo assexuado, os réus masculinos assumiam existir o protagonismo feminino na sedução, culpando as moças, para assim escaparem da justiça (recebiam o casamento como pena capital em detrimento da prisão).¹³¹ Esse aspecto indicava que o discurso sobre a mulher era instrumentalizado segundo os interesses envolvidos; no entanto, sabia-se do pleno condicionamento feminino ao prazer, de modo que elas poderiam questionar os padrões existentes.

De forma parecida, as abordagens a cingir a sexualidade feminina surgiam de modo recorrente na escrita impressa, onde afirmavam a ferosidade das moças em diferentes mensagens, em grande parte relacionadas às da “ingenuidade” e, nesse percurso, a ideia da dominação masculina assumia o protagonismo. Em proximidade a essas formatações, o poeta Sobral Bentes, num conto divulgado em “A Semana”, deleitar-se sobre o complexo arranjo de dilemas juvenis femininos: Sabina, moça de 15 anos, apaixonada e rejeitada por Ambrósio, não cansava de ter sonhos eróticos com o amado, vivendo num universo bucólico e distante, ela só pensava em encontrá-lo para desfrutar dos prazeres “oportunizados pela carne”. Dizia Bentes por meio de um excerto chegado ao presente:

¹³⁰ Ibid., p. 71.

¹³¹ NEVES, Fernando Arthur de Freitas. Amor, sedução e violência. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), Belém, v. 06, n. 01., jan. / jun. 2019, p. 69.

Nessa noite de emoções, Sabina não dormira. A sua carne moça exuberante, na verdolescencia duns quinze annos, estremecida, vibrava, pedindo carinhos, rogando beijos quentes d’outra carne tão nova e sadia quanto a sua... ella era aquilo que todos viam – bella; quando não fosse no pysico, tinha aquelas pernas roliças, aqueles seios duros e ponteagudos como dois exagerados botões de rosa; os quadris cheios e arredondados duma carne sadia.¹³²

A imagem do corpo feminino jovem foi atravessada pela questão da atração sexual, da beleza e da saúde, assim como, a ideia do intercurso sexual surgia para gerar no leitor os sentimentos instigantes mediante o “fervor” típico da adolescência, de uma maneira tal que as garotas parecessem altamente vulneráveis diante das sensações naturalmente afloradas naquela fase da vida. Nesse preâmbulo, a construção masculina, frente à sensualidade e à libido feminina aflorante, revelava os próprios anseios de poder, de performance dominante e de características viris, o homem se tornava o responsável por saciar a sede sexual de garotas pouco entendidas de seus corpos e sensações. Tais desfechos do discurso não poderiam ser compreendidos apenas como entretenimento elaborado para leitores ingênuos, mas indicavam as relações possivelmente verificadas no cotidiano das intimidades dos belenenses de outrora: nas perspectivas performáticas indiretamente lançadas para as moças desde tenra idade. Isto posto, esses discursos falavam dos anseios no bojo dos desejos e das práticas íntimas das mulheres, tendo em vista o esmiuçar dos procedimentos, dos sentimentos, dos delineamentos corporais, que apareciam de maneira quase subliminar: como numa espécie de “educação sexual indireta”.

Em Belém, a aptidão feminina para o intercurso sexual na juventude poderia ser detalhadamente apresentada. Evidenciavam o êxtase diante da exploração da sensualidade, em contextos de observação cotidianamente presentes na seara intelectual: como nos inúmeros contos eróticos que angariavam leitores curiosos. Entretanto, a maioria desses textos não conseguia propor imagens do comportamento libidinoso não calcadas em profundo maniqueísmo – ora a prática sexual era sinônimo de prazer e realização, ora de infortúnio e interdição – porque entendê-lo enquanto natural da vida constituía uma dificuldade devido à moral cristã; portanto, cabia tentar decifrar um conjunto transversal das aflições pessoais dos autores em relação aos desejos prováveis existentes na psique juvenil das moças de outrora.

Tendo em vista esses dilemas, viver a adolescência, em quaisquer tempo e espaço, significou estar diante de questões angustiantes; hodiernamente, no mundo ocidental, para além das experiências que envolvem a descoberta da sexualidade, desvela-se cada vez mais identidades e práticas sexuais alternativas ao estabelecido pela concepção cristã.

¹³² A Semana. Belém, 12 de maio de 1919, nº. 60, p. 22.

Todavia, não seria preciso ir muito distante no passado para entender que os dilemas sexuais das moças de Belém do Pará nos anos iniciais do século XX não se traduziam em menor complexidade. Desde tenra idade, geralmente aos doze anos, seus corpos poderiam ser observados e sexualizados, esses aspectos foram entendidos como naturais; afinal, naquele período, os casamentos entre homens de quarenta anos com garotas de doze estava firmado socialmente sem contrapelo, e o universo de enlances afetivos e sexuais de púberes femininas se tornava muito requerido pela imprensa ilustrada (na forma de um conteúdo instigante a ser consumido e debatido). Existia, nesse sentido, relações de instrumentalização da sexualidade, para criar efeito performático, em grande parte relacionado ao pouco controle sobre os instintos, tal arquétipo foi bastante importante à construção das identidades subjetivas do prazer feminino. Imersa nele, a poetisa Adelia Lacerda, na revista ilustrada “A Cigarra”, mostrava como se desenvolviam alguns “psicodramas” das vontades sexuais femininas:

De quando em quando, arfava num longo e dolorido suspiro seu peito virginal, escriptorio sacrosanto de sonhos vagos, desejos indefinidos, límpido céu azul, em que como véo commungante todo irrisado de pureza e innocencia, fulgia perennemente a Via-Lactea da esperanza, da chiméra, do amor ardente alternativamente sensual e mystico, cheio de profundo sentimentalismo.¹³³

A “indefinição dos desejos” elencava em seu arcabouço todo um conjunto de “armadilhas do pensamento” e, nesse espaço, o sequenciamento de imagens conflitantes sobre os intercursos sexuais, quando se estava na puberdade, dificultava o estabelecimento de estratégias para lidar com as aflições, essas soluções requeriam prática, tempo e inteligência emocional, pouco comuns nessa fase da vida. Desse modo, a virgindade foi muito relacionada à pureza e estabelecida numa perspectiva sentimental caótica, tendo em vista alguns constrangimentos possíveis relacionados ao pouco conhecimento do corpo que perderia as características infantis (como após o crescimento dos seios). Existia, na exposição dos conflitos, padrões de juventude e de sexualidade marcados pela ausência completa de aptidão a resolver questões emocionais, principalmente relacionadas ao instinto sexual e aos afetos, diante de tais anseios, restava mergulhar no desconhecido sem nenhum tipo de instrução mais detalhada, compreender eficientemente os desejos parecia fora de cogitação nesse arsenal de efeitos performáticos empreendidos.

De vários ângulos, foi possível identificar mensagens cadenciadas para informar os dilemas da prática sexual, nesse aspecto, destacavam-se conjuntos de estigmas lançados sobre as meninas, principalmente às virgens. Nos preâmbulos do discurso, surgia a preocupação

¹³³ A Cigarra. Belém, 21 de janeiro de 1921, nº1, p. 4.

com a preservação do hímen, num sistema de manutenção de poder sobre o corpo feminino que, conseqüentemente, transformava o primeiro ato sexual em uma das principais aflições existentes. Por conseguinte, elas ficariam à mercê de tabus, dessa maneira, não se revelariam muitas informações sobre os procedimentos sexuais ou como lidar com as vontades mal compreendidas: teriam somente a noção de que a prática sexual seria útil em um contexto matrimonial e, nesse modelo, as próprias instituições agiam como coordenadoras de efeitos desejados.

Em face a tais concepções, os historiadores Ipojucan Dias Campos e Alessandra Patrícia de Oliveira Dias Campos no trabalho “Corpo como representação: mulheres em crimes sexuais”, ao analisarem processos crime de defloração, rapto e estupro ocorridos na cidade de Bragança no Pará, expuseram as diversas maneiras pelas quais fora realizada perícia corporal nas mulheres “vítimas” de tais delitos. Os autores revelaram extensa exploração das características de órgão genitais femininos como forma de averiguar a dignidade da moça. Então, o comportamento sexual da vítima constituiu fator determinante em tal processo, como explicam: “Investiam-se em determinadas características do corpo da mulher como a flacidez dos seios e a da facilidade à realização do toque vaginal, as quais ajudavam, segundo as técnicas da época, a atestar se a ofendida era dada ao sexo, se se prostituía”. Esse processo poderia contribuir com a conclusão investigativa e sancionar a culpa ou a inocência do acusado.¹³⁴

Dessa forma, ficavam evidentes os diversos requerimentos da sexualidade feminina como sinônimo de honra familiar: o âmbito da libido transcendia mero anseio subjetivo e individual, mas fazia parte de discussões públicas, finalmente, elas não perderiam sozinhas a virgindade, esse acontecimento resultaria em imediatas conseqüências para seus familiares; para esse núcleo, a manutenção da dignificação da imagem virava prioridade, ou seja, comportamentos “vergonhosos” não combinariam com o escopo desejado.

Existia contexto de recorrente vigilância sancionada à prática sexual feminina, não somente na capital paraense; nos universos interioranos esse fenômeno foi percebido inúmeras vezes pela historiografia, principalmente através dos processos crimes de defloração. Sobre tais testemunhos, se concentrou o historiador José Renato Carneiro em Vigia do Pará, cidade na qual ocorria vasto arranjo de situações em que a dignidade feminina estava colocada à prova entre os finais do século XIX e o início do XX. De tal forma, nos

¹³⁴ CAMPOS, Ipojucan Dias; CAMPOS, Alessandra Oliveira Dias. O Corpo como Representação: Mulheres em Crimes Sexuais (Bragança-PA, 1916-1940). Revista Eletrônica História em Reflexão 16, nº 32., 30 de setembro de 2022, p. 111

juízos dos crimes de defloração e agressão ocorridos no município, os vigienses lançavam mão da cultura do “ouvir dizer” para informar a presença ou ausência de honra no comportamento das mulheres “vítimas” da violência masculina: as testemunhas, por vezes parentes ou vizinhos, delatavam se a mulher traía o esposo, ou se era vulgar.¹³⁵

Ao visualizar esses intercâmbios do cotidiano, compreende-se que, em muitos momentos, a sexualidade feminina era sinônimo de debates coletivos, de tal modo, a deflagração do medo se tornaria cenário provável. Nesses cálculos, fazer sexo virava sinônimo de grandes tormentas, e certamente existiam “contratos sociais” que prescreviam posições nada privilegiadas, indicados na predominância de alocações dramáticas a respeito de práticas “sensuais”, a dimensionar o grande peso de tais comportamentos no seio do grupo pertencente. Postos esses conflitos, o desejo feminino não se mostrava como algo a ser compreendido de maneira direta, ele ficaria nas entrelinhas do discurso, como emaranhado de problemas mal resolvidos, muitas vezes, misturado com provocações exacerbadas da imaginação masculina mediante ao supracitado primeiro contato libidinoso feminil.

Simone de Beauvoir, ao discorrer acerca do início das experiências sexuais das mulheres, entendia que, devido a opressão patriarcal, não possuíam consciência necessária para compreender afundo o despertar do universo das práticas carnavais, elas ficavam dependentes dos outros e, na maioria das vezes, usavam ferramentas de imaginação sobre fatos e acontecimentos os quais presenciaram. A virgindade era supervalorizada por diferentes meios: numa educação severa, o medo do pecado, perdê-la fora do casamento constituía-se num verdadeiro desastre. A noite de núpcias, momento em que um homem virá para “torná-la mulher”, se configurava num completo terror.¹³⁶

Em Belém do Pará, mesmo quando sexuadas, as moças estavam inseridas em sentidos de inocência, do não conhecimento da potência do corpo; entretanto, essas não poderiam ser as principais características da sexualidade feminina, no fim de contas, se tratava de idealizações feitas por membros de uma intelectualidade restrita. Mas, o essencial seria entender aspectos de interesses coletivos em face ao corpo feminino jovem e suas nuances, principalmente dentro de cadeias de sentido e de relações de poder. O conto “Reparação”, de

¹³⁵ NASCIMENTO, José Renato do. Relações conjugais e amorosas em Vigia, Pará: códigos, crimes e poder. Tese (doutorado), História Social, Programa de Pós-Graduação em História, UFPA, 2016, p. 198.

¹³⁶ BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo – Livro 1: Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, p. 118.

autor não identificado e divulgado na revista ilustrada “Belém Nova”, colocava em cena este aspecto:

Hilda, no arroubo maximo de uma paixão fremente, exaltados os sentidos aos paroxismos do orgasmo venereo, immolára a sua virgindade nos braços potentes de Rogerio. Fôra um colapso da sua dignidade; o sacriício voluptuoso da ilimitada confiança que depositava nos sentimentos de seu apaixonado. Cessada a fase aguda dos enlevos, veio-lhes o arrependimento fatal, mas d’um modo diverso, elle repudiando-a, ella idolatrando-o.¹³⁷

Parecia imprescindível confirmar determinada insanidade no desejo despertador, a culpa por perder a dignidade seria um fardo a ser carregado e, por conseguinte, definiria identidades sexuais. Ao deitar-se com um homem a senhorita levaria, além do natural desejo ensejado pelos hormônios, todo um conjunto de ideias sobre moralidade que seriam “implantadas” na subjetividade independente de sua vontade. Em tais deleites profanos, o arrependimento se tornava característica pujante, devido ao conteúdo disciplinar que o intercuro sexual transgredia; todavia, em inúmeros contextos a vontade pelo prazer falaria mais alto.

Depois do século XVII, o discurso sobre o sexo foi amplamente difundido em vários campos de debate, tal como explica Michel Foucault. O tema transgrediu mero constrangimento social para a formulação de diferentes tipos de instituições capazes de regular os comportamentos, como as condenações judiciárias de perversões no mundo ocidental. Vinculou-se às irregularidades sexuais à doença mental; da infância à velhice foram definidas normas de desenvolvimento sexuais. Nesse ínterim, caracterizaram cuidadosamente todos os desvios possíveis, “organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também, sobretudo, os médicos, trouxeram à baila todo o vocabulário enfático da abominação”.¹³⁸

Existia a sexualidade tida como norma, sobretudo, a dos casais heterossexuais; no entanto, constantemente se perguntava das “sexualidades desviantes”, como a dos homossexuais, a das crianças e a dos pervertidos. O afloramento de discursos condizentes a esses desvios denunciava grande conjunto de práticas “doentias”, e acionou a necessidade de elaborar diversas especificações de comportamentos, ora tidos como crime, ora como anormais, altamente recorrentes. Nessa perspectiva, o discurso sobre o coito quase sempre vinha precedido de julgamentos relativos às práticas suspeitas, e em grande escala essas

¹³⁷ Belém Nova. Belém. 14 de agosto de 1926, nº 59, p. 18.

¹³⁸ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 37.

vivências alternativas operavam na clandestinidade; mas, de outra maneira, poderiam ser observadas e divagadas no seio de um grupo pretendido hegemônico, como o da burguesia.

O receio burguês mediante o afloramento do desejo em meninas púberes se estabeleceria na ordem do dia. Diante disso, diferente das moças das classes populares, colocadas em contextos de usos desenfreados da libido, as meninas burguesas tinham o dever, presumidamente, de se manterem alheias aos desdobramentos da vida sexual por causa da necessidade do casamento. Mediante tal a perspectiva, o marcador “quinze anos” sempre viria a ser acionado, ora para demonstrar a vivacidade sexual, ora para dizer que as donzelas respeitáveis deveriam se resguardar, tudo dependeria da posição social do alvo do discurso. Mas, de todas as formas, o corpo feminino sempre era posto em cena como altamente suscetível às “paixões desenfreadas”, principalmente por causa das novas formulações em torno da feminilidade inauguradas pelo século. Era nesse contexto que o articulista Nilo Franco escreveria as seguintes ideias num conto intitulado “Rosa Maria”:

Tudo isso elle se puzéra a recordar agora, no dia em que Rosa Maria completava os quinze anos. Rosa Maria fazia quinze annos nesse dia. Quinze annos! E ha quasi um que se perdera no lodaçal da vida, que rolára no abysmo do vício, que despenhára na desgraça do pecado, que se prostituira.¹³⁹

O medo do promíscuo, do malvisto e da devassidão tinha de lidar com situações pelas quais precisariam ser provados. Em um contexto de grande expectativa sobre a chegada da “primavera da vida” nas garotas, enfatizava-se o cuidado necessário para elas não desviarem do ideal feminino existente; todavia, as moças vislumbravam, muitas vezes, sair dessa seara do recato para viverem de maneira mais ousada, causando grande alarde aos mais conservadores. Na pretensão de criar um mundo ideal para mulheres, o contrato social converge com a disciplina da libido; no entanto, essas prescrições não conseguiam levar em consideração as expectativas particulares mediante questões como a do corpo jovem e a da sexualidade. A fabulação criada pelo autor revelava contextos de ebulição de dimensões da construção de identidades sexuais pouco capazes de se enquadrar em arquétipos até então dispostos, principalmente para jovens “inocentes”, que muitas vezes possuíam formas subjetivas autônomas de entender os usos do prazer sexual.

Na continuidade de sua narrativa, Nilo Franco expunha tais conflitos para trazer à tona aflição potencialmente verossímil aos membros do *set belenense*: a euforia de um pai que rapidamente se transformava em melancolia com a chegada dos quinze anos da filha. Como demonstrado no trecho: “Era-lhe agora menos azul o céu, o dia nublado. Justamente o dia

¹³⁹ A Semana. Belém, 23 de maio de 1931, nº 659, p. 46.

porque elle tanto esperára”.¹⁴⁰ Sentimentos como este possibilitaram visualizar universo onde a sexualidade e a idade não conseguiam ser explicadas fora de uma rede muito mais complexa de relações, quando a família exercia a sua influência – em meio a conjunto de prescrições sentimentais, comportamentais e cognitivas – interferia na construção de medos e de conflitos. Entretanto, no âmbito subjetivo das moças, essas cadeias operavam gerando algo próprio, em sentidos de autenticidade: no prazer, nas relações, nos usos do corpo, ou seja, as adolescentes também faziam escolhas individuais.

Diante de tais arranjos, Nilo Franco escrevia: “Quem sabe lá, onde e com quem, esta mesma hora Rosa Maria não estava, talvez, cigarro aos lábios, numa orgia louca, desgraçadamente louca a festejar o seu decimo quinto aniversario?”.¹⁴¹ Essa narrativa parecia despontar num quadro muito real de angústias da família burguesa, mediante a um possível descontrole feminino na tenra idade, vale ressaltar que o medo da prostituição configurava aspecto comum na sociedade brasileira daquela época, no texto “Ser mulher, mãe e pobre”, estudo voltado à cidade de Porto Alegre, a historiadora Claudia Fonseca menciona que devido aos ideais de modernidade e saneamento urbanos propagados pelo Brasil da Primeira República, a manipulação da prostituição ganhou grande destaque como mais um dos vários estigmas lançados às mulheres ditas “públicas” (trabalhadoras pobres e mães), para elas, a suspeita de venderem seus corpos se fazia recorrente, principalmente por causa da grande desconfiança em relação ao dinheiro adquirido de maneira desconhecida; nesse processo, a ideia de “falta de moral” feminina ficou tão ampla que se tornou arma em potencial para rotular qualquer mulher adulta.¹⁴²

Notava-se em Belém, dentro dessas concepções, determinada contradição: o comportamento sexual e os desejos eram cotidianamente acionados, mas não poderiam fugir de uma regulação prescrita, então, as moças não deveriam escapar a barreira da ingenuidade de meigas e frágeis donzelas. Mas escapavam inúmeras vezes, e os documentos informam em demasia sobre esses sobressaltos, indicados numa explanação cotidiana dos diferentes contrastes comportamentais e no exercício da sexualidade.

Principalmente relacionados às novas perspectivas de feminilidades, as quais se chocavam com opiniões mais conservadoras, sobretudo, as da Igreja Católica: tema

¹⁴⁰ A Semana. Belém, 23 de maio de 1931, n° 659, p. 46.

¹⁴¹ A Semana. Belém, 23 de maio de 1931, n° 659, p. 46.

¹⁴² FONSECA, Claudia. “Ser mulher, mãe e pobre”. In PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (Orgs.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004, p. 44.

amplamente discutido pela historiografia, a exemplo do estudo “O rebaixamento moral” de Ipojucan Dias Campos, no qual aborda a grande presença de mulheres com vestimentas mais curtas nas ruas de Belém no início do século XX, causando determinados impactos entre os moralistas da época; como explicou o pesquisador “o clima da capital paraense passou a ser usado como motivo essencial para o uso de tecidos mais delicados, finos, maleáveis, transparentes, logo, a distância entre o corpo feminino e o mundo exterior diminuía numa velocidade nunca antes percebida”.¹⁴³ Para além das mudanças no traje indicadas por Campos, recorrentemente surgia a presença da mulher conquistadora, vista cotidianamente nos bailes, ela tinha a paquera como a principal maneira de ser reconhecida entre os membros de determinado grupo abastado na cidade de Belém. Tais personalidades não foram vistas com unanimidade de opiniões, às vezes com juízos de valor moral, outras vezes apenas com euforia mediante as suas atitudes atrevidas. Belmiro Braga, colaborador de “A Semana”, dissertava sobre essas *mademoiselles* sempre notadas na cena social. Eis um fragmento do seu pensamento:

Aqui, nesta bella cidade de Santa Maria de Belém, mlle. bate o “record” do “flirt”. E’ a maior “flirteuse”... Noiva de um rapaz distincto, engana-o, no entanto, com a mais revoltante facilidade, com maior franqueza... Quando diz que dá, dá mesmo... E’ franca, coração nas mãos.¹⁴⁴

Certamente esses caminhos da sexualidade nada tiveram de ingênuos e, pareciam estar ocorrendo dentre as moças abastadas da cidade. Em equação, existiam esquemas elaborados pelas senhoritas para assentar as proporções dos usos do corpo e da libido, fosse através de comportamentos mais ousados, fosse na multiplicidade de parceiros. As visões de mundo dissecadas não podem ser interpretadas como imagem literal da realidade vivenciada pelas mulheres da cidade, mas demonstram observações do autor sobre fenômenos provavelmente firmados na ordem do dia. Naquela conjuntura, o comportamento “sensual” percebido em Belém poderia ser entendido como um dos gatilhos de um processo investigativo sobre os dilemas sexuais e afetivos vividos por mulheres adolescentes, causando diversas projeções na mentalidade intelectual burguesa na época em questão. A incapacidade de desenvolver explicações coerentes, expunha um “subconsciente” de desejos mal resolvidos dos próprios homens, mas, incorretamente dimensionados para explicar os hábitos femininos (eles

¹⁴³ CAMPOS, Ipojucan Dias. “O rebaixamento moral”: moda, corpo e família (Belém-PA, 1915-1920). *Revista História: Debates e Tendências* 19, nº 2, 2019, p. 278.

¹⁴⁴ A Semana. Belém, 13 de março de 1920, nº 102, p. 13.

poderiam ser entendidos como muito complexos devido à imagem de feminilidade maculada historicamente).

Concernente às práticas afetivas e sexuais de moças pertencentes às classes populares em Belém do Pará do início do século XX, Cancela trouxe para o debate historiográfico a existência de determinado cotidiano marcado por vivências libidinosas significativamente alternativas em detrimento do modo de vida defendido pelo “discurso oficial”. A historiadora apresentou diversas estratégias de encontros amorosos elaboradas pelas jovens, as quais envolviam ampla rede de apoio: das amigas, das vizinhas e dos familiares. Esses arranjos se transformavam em típicos exemplos de insurgências sexuais muito comuns entre mulheres de classes populares, moças que, sobremaneira, estiveram nas chefaturas de polícia por causa das denúncias relacionadas aos crimes de defloramento. Sob esse olhar, beijar, namorar, trair e ter relações sexuais fora de um contrato matrimonial não poderiam ser descortinadas como tramas pouco estabelecidas na vida das garotas de classes populares na cidade de Belém do Pará no início do século XX.¹⁴⁵

Exemplos de atitudes contrárias a uma concepção cristã de feminilidade eram, com frequência, reveladas nos textos conduzidos ao vivenciado na cidade de Belém, pois existiam inúmeras práticas “modernas” de sedução feminina claramente percebidas e divulgadas pelas letras dos articulistas: como em escritos referentes às roupas ousadas, da paquera, da malícia das mulheres que costumavam aparecer nos bailes em companhia de diferentes rapazes. Tais características foram elucidadas por Alessandra Patrícia de Oliveira Dias Campos no trabalho “Izabel é dona de si e não se rende”, estudo voltado a compreender, dentre outros aspectos, os usos ditos “indecentes” do corpo feminino em contextos festivos na cidade de Bragança no Pará em décadas iniciais do século XX; naquele contexto, as moças que desafiassem a ordem e transgredissem a imagem ideal atribuída ao feminino (indo aos bailes para se divertir na companhia de muitos rapazes) rapidamente foram desqualificadas. A historiadora se concentrou, principalmente, no universo das festas populares, tendo em vista o cotidiano de uma população que incansavelmente trabalhava nas lavouras e casas de farinha da região bragantina (aquelas pessoas ficavam ávidas por diversão nos momentos de folga). Nesses espaços ocorriam muitos crimes de rapto e defloramento; isto posto, os homens acusados assumiam o papel de “seduzidos por mulheres indecentes” na pretensão de serem absolvidos

¹⁴⁵ CANCELA. Adoráveis e dissimuladas. Op. Cit.

diante do tribunal.¹⁴⁶ O que demonstravam, novamente, contextos de efervescência sexual nos quais as mulheres se tornavam protagonistas.

Em Belém, essas condutas femininas causavam grande impacto na quimera da libido na mocidade, afinal, acenavam para liberdades nada aconselháveis, entretanto; ao mesmo tempo, aflorava na “psique” a euforia e a admiração em relação às “novas” identidades sexuais em ebulição. A idade jovem constava como fator de eclosão de tais características singulares, entendia-se que, para cada primavera da vida, foram criados discursos os quais forjavam identidades performáticas subjetivas do prazer, e determinados caminhos alternativos da prática sexual evidenciavam tais cadeias complexas de relações, como na sedução e no hábito de ter “diversos parceiros”.

A juventude, neste cenário, aparecia socialmente a partir de um modo de ser experimental, momento de acionar novas condutas que seriam apresentadas como sinônimos do desejo, da atração, de beleza e de felicidade: a pouca idade era motivo para se firmar, na imaginação masculina, a ideia de “excitação” perante os dilemas vividos pelas moças. O ar de sexualização lançado para garotas pré-adolescentes e meigas entrava na esteira da normalidade, os redatores se “deleitavam” naquele universo instigante de sensações “deliciosamente perturbadoras”. De maneira recorrente surgia a analogia entre infantilidade e desejo amoroso, esse aspecto demonstrava um fascínio daquela sociedade burguesa e letrada por “intrigantes conflitos de uma vida jovem” que, como mencionado anteriormente, expunham discussões sobre vivências afetivas acompanhadas de inúmeros conflitos internos. Nesse ínterim, se criavam significados para a juventude feminina por determinado grupo de intelectuais letrados, eles pareciam tentar “educar sexualmente”, como uma forma de falar do comportamento sexual sem ser demasiadamente específico.

Ao mesmo tempo, indicavam a premissa de uma sociedade jovem, de uma cidade moderna, no entanto, os ânimos exaltados mediante tais “novidades” lidavam com opiniões conservadoras e contrárias às “fogosidades exaltadas”. Sair de casa de uma maneira menos recatada, na maioria das vezes, representava um descuido e o perigo de macular a dignidade almejada pelos familiares. Porém, algumas das meninas de outrora, às vezes, transgrediam tais regras ao vestirem roupas ditas “modernas” e ligadas ao fator “novidade”. No tocante à sexualidade, se tornava muito difícil desvincular as roupas do comportamento sexual ou da indecência, as indumentárias eram parte significativa de tais simbologias, existia muita

¹⁴⁶ CAMPOS, Alessandra Patrícia de Oliveira Dias. *Izabel é dona de si e não se rende: produção de corporalidades e moralidades em Bragança/PA (1916-1940)*. Gênero na Amazônia, SEÇÃO A: Pesquisas Bibliográficas e Documentais, junho de 2022.

conjectura ao redor das meninas ditas despudoradas, a erotização dessas figuras imediatamente preocupava os mais retrógrados e defensores da moral. Lançava-se, portanto, às meninas de 15 anos, profunda vigilância devida à necessidade em permanecerem virgens, o importante seria manter-se distante dos olhares maliciosos, tal como define o autor, de nome desconhecido, que escrevia para a coluna “Os contos da Semana”:

E para as meninas solteiras? Eu não sei muito bem o que pensam essas bonitas creanças que antes dos quinze anos já aparecem na sociedade com modo senhoril e muitas fitas. Essas futuras noivas, castas, puras, recatadas, não se contentam com o tule branco, nem com as roupas rosas do seu jardim; mostram, á claridade amarela e quente do gaz dos clubs, os seus hombros e os seus braços nús, nos decotes dos vestidos de seda, prendem broches caros ou ramos de flores artificiaes.¹⁴⁷

A busca por admiração da beleza, a vontade de estar na moda, de ser notada, de seduzir, de causar *frisson*, eis algumas das prováveis motivações das garotas ao saírem de suas casas com indumentárias tidas como sensuais, tais condutas sugerem a ebulição de subjetividades contestatórias, da possibilidade de escolher entre uma imagem vista socialmente como necessária para as casadoiras (a do recato) e outra imagem que poderia estar relacionada aos desejos e aflições particulares das meninas (a da sedução). Novamente, a idade foi acionada como ponto inicial para lançar uma ideia de sexualidade, principalmente pela via de debate relacionado às roupas; de outra forma, a idade surgia enquanto instância para formulação de personalidades e desenvolvuras, estar na adolescência possibilitaria ter sobre si inúmeras formas de construir identidades, auxiliadas pelo vestuário, assim como pelo cinema, instrumentos de ampliação das formas de expressão social recorrentemente verificados no cotidiano belenense de outrora.

Ao se tomar como base as reflexões de Rui Jorge Moraes Martins, em trabalho intitulado “Visto, logo existo”, no qual trouxe à tona questões importantes para o debate historiográfico regional a respeito dos usos de indumentárias como forma de comunicação, percebia-se que, mediante determinado contexto de opressão patriarcal vivenciado, as vestimentas modernas das mulheres pertencentes às classes burguesas paraenses poderiam ter sido usadas como estratégias efetivas para burlar os paradigmas de moral impostos. Aquele novo guarda-roupa feminino teve um papel de comunicação simbólica e, na falta de outras formas de poder, as mulheres provavelmente usaram ícones não verbais: a exemplo das roupas, dos cortes de cabelos e das maquiagens, como meios para se expressarem.¹⁴⁸ Nesse

¹⁴⁷ A Semana. Belém, 20 de agosto de 1921, nº 176., p. 4.

¹⁴⁸ MARTINS. “Visto, logo existo”. Op., Cit.

sentido, se pode afirmar a existência de conjuntos de medos e visões inseridos nas subjetividades femininas prontos para serem colocados à prova em diferentes contextos da vida cotidiana, esses sentimentos influenciavam formas de compreensão do comportamento sexual. Em determinado momento, essas aflições poderiam contribuir de maneira considerável na construção das personalidades; todavia, a contestação de tais estigmas era ponto essencial no modo de ser mulher no período em tela.

Esse jogo conflituoso de perspectivas foi exposto inúmeras vezes nas produções historiográficas e antropológicas no mundo ocidental, vale ressaltar a contribuição conceitual do historiador francês Jacques Le Goff, dentre suas abordagens acerca da história recente, aponta o fenômeno denominado “modernização por tentativas” para explicar os conflitos existentes entre uma tradição fixada e as novas perspectivas sociais: em um contexto urbano, o convívio do novo com o antigo nem sempre acontece de maneira harmoniosa, a modernização ocorre por “tentativas”, gerando apenas efeitos e mudanças parciais.¹⁴⁹ Ao refletir sobre tais características elucidadas por Le Goff, entende-se que as disputas em questão não ocorriam apenas nos movimentos econômicos ou políticos, mas nas próprias construções sociais a circunscrever instâncias como as da sexualidade, as quais, em Belém do Pará, pareciam estar em ebulição contestatória, se não aos moldes de projetos mais amplos, mas dentro da própria formulação de subjetividades, nas personalidades sedutoras, nas libidos eufóricas.

Concernente às aflições dos escritores contribuintes de revistas ilustradas na Belém do Pará de outrora, eles pareciam estar imersos em forte dualidade, alguns condenavam determinada “devassidão” presenciada no cotidiano da cidade, e outros conduziam suas narrativas para exaltar aspectos que poderiam ser interpretados como lascivos, instigando pensamentos focados no intercuro sexual de maneira recorrente, e o corpo adolescente era tangenciado numa abordagem eloquente de desejo, de vivacidade, de satisfação, inserido em campos de interesse coletivos, em afirmações pouco reguladas de sentimentos profanos. Caracterizavam partes do tórax, do busto e das pernas como alvos de olhares maliciosos, nesse percurso, ser jovem significava não passar despercebida e os mínimos detalhes corporais precisavam ser analisados. Naquele contexto de amplas confluências discursivas sobre comportamentos e vestimentas modernos, ocorria o interesse inquestionável pelo desvelamento de partes corporais ditas erógenas, como as pernas, os braços e os seios escondidos embaixo dos tecidos e dos acessórios.

¹⁴⁹ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 187.

Em momento anterior, foi mencionada a grande presença de garotas exacerbadamente jovens no centro de discussões sobre o desejo e as aflições em face à prática sexual. Da mesma maneira, existia grande comoção mediante a própria materialidade do corpo feminino e, nesse particular, os homens gostavam de acionar determinados padrões discursivos, na tentativa de caracterizar as partes corporais tidas como proporcionadoras do prazer e da fascinação, a exemplo dos seios, que parecia causar grande admiração e mistério, gerando gatilhos relacionados à imaginação masculina transposta em narrativas eloquentes, esses caminhos dissertativos elencavam exacerbado êxtase, como em texto do literato Agenor de Souza o qual, em sua aparente lubricidade, dizia:

Com dois rubis finíssimos e caros, engastados por Deus, em cada pomo, esses teus seios meu amor, são como dois pedaços de Marmore de Paros. As mais custosas joias, os mais raros perfumes do mundo... tudo eu tomo p'ra procurar imagem, e não domo um frenesi, quando os prevejo, claros, mornos e rijos, por detraz do escudo do corpete; adivinho-os muito brancos, entre torturas vãs e vãos anseios. Ah! Minha flôr dos seios de velludo! Quem me dera, premir-te pelos flancos, sêr o teu pequenino porta-seios!¹⁵⁰

A erotização virou um importante traço do discurso na tentativa de extasiar o leitor. Os autores elaboravam expectativas da imaginação frenética mediante ao mistério de zonas erógenas femininas, em contextos em que imperava o pudor, tais refúgios da imaginação podem ser compreendidos como parte de um microcosmo no qual foi possível assegurar práticas possíveis de desfrute sexual pouco contidos. Durante esses percursos, o belo e o jovem acabavam por se tornar condicionantes imprescindíveis, elaboravam tipos específicos de corpos a serem consagrados e sexuados, alvos das sentenças de dominação masculina em hipotéticas performances deflagradas no interior do eu lírico. Ficava exposta, portanto, a presença de inúmeras camadas de significação, de um lado, existia o discurso masculino sancionando potente especulação em face aos dilemas sexuais de púberes garotas na cidade de Belém; de outro, havia o grande receio, de parte da sociedade, frente às “jovens respeitáveis” que saíam de suas casas. Por fim, em muitas das ocasiões, as meninas falavam por si, quando se comportavam de maneira chocante, quando seduziam e quando se apropriavam de vestimentas ousadas.

Mas, em suma, o corpo jovem era ativo, vivaz e cheio de desejos, esse fator condicionava olhares maliciosos lançados às moças que saíam de suas casas para “conhecer” o mundo, elas pareciam angariar todo um conjunto de imagens eufóricas diante dos seus instintos, de suas vontades e de suas aflições. Essas configurações sociais, muito

¹⁵⁰ Belém Nova. Belém, 14 de junho de 1924, nº 16, p. 6.

provavelmente, foram debatidas no cotidiano belenense, acionando imagens sacralizadas das fases da vida de cada sujeito, pois “fazer sexo” se tornava um desses marcadores da idade, componente relacionado à saúde e à beleza corporal. A robusteza das pernas e a dos seios indicavam a primazia da admiração, tais como a vivacidade no olhar e o rubro dos cabelos, logo, a presença dessas características físicas marcariam a diferenciação entre os corpos desejáveis e os excluídos. Em conformidade, o importante seria buscar entender como esses significados oferecidos à fase da juventude feminina, frente ao comportamento sexual, reverberavam nos sentidos igualmente atribuídos ao envelhecimento. Compreende-se, portanto, que os elementos relacionados ao envelhecer estiveram inseridos num campo de significação múltiplo, dentre eles, surgia a sexualidade enquanto relacionada ora à juventude, ora ao envelhecer. Ao redor da sexualidade, esses ditames incluíam a vivacidade como marcador da diferenciação entre moças muito jovens em relação às mulheres chegadas aos períodos trintenário e quadragenário, essas divagações estavam envolvidas por muita especulação, principalmente masculina (dos desejos femininos e suas nuances) quase sempre numa ideia de dominação em relação às púberes; em vista disso, se tornou necessário apresentar esse primeiro ponto da discussão para dissecar outros rearranjos dos conflitos chegados ao presente nos documentos colhidos.

3.2 Mulheres maduras frente aos estigmas

A fascinação mediante ao corpo jovem influenciava as atribuições de significados dados aos corpos “velhos”, principalmente nas questões de aparência, do desejo e de vivacidade, porquanto, todas estas pesavam de maneira considerável sobre as senhoras que chegavam à terceira década de vida. Se os conflitos de sentidos da sexualidade na puberdade eram muitos, eles não se tornaram poucos quando a performance em uma idade madura vinha à baila; na exegese intelectual, existiam considerações sobre as “idades úteis”: vivências possíveis e características corporais propícias ao desejo erótico para cada período da vida. Nessa abordagem, quando mais velhas, geralmente em momento posterior trinta anos, seria esperado que as mulheres se mantivessem distantes dos universos sexual e afetivo. Deveriam esconder seus corpos, acalmarem os ânimos, pois a chamada “primavera da vida” teria terminado, afirmações as quais convidavam os leitores para uma ampla rede de distribuições de significados; todavia, essas elaborações iriam de encontro às práticas verificadas em muitos contextos da vida social.

Em “A Semana”, num conto intitulado “Envelhecer”, o cronista e poeta Paulo Maranhão escrevia sobre a maturidade mergulhado em um sentimento melancólico. A descrição da “idade feminina avançada” apresentava um “ser” quase anônimo na cena dos prazeres e sentimentos. Com a chegada das rugas, as mulheres não mais possuiriam determinadas qualidades, tidas como essências para alavancar o “apetite” masculino. Em momento anterior, foi possível perceber como a qualidade juvenil, principalmente relacionada à aparência, se tornou essencial na construção do imaginário sexual: as pernas, os seios, os cabelos vistos como partes corporais dignificantes, causadoras de êxtase; no entanto, apenas algumas eleitas possuíam as características perfeitas (aquelas as quais o tempo não tinha maculado a imagem necessária para tal). Em vista disso, o envelhecimento corporal era tido como altamente grave aos olhos dos demais, fenômeno exposto de maneira fremente nos dizeres de Maranhão: “Ainda é rubro o teu lábio, ainda as trevas reinam em teus cabelos, porém o viço juvenil dos 15 anos não unge mais o arzinho da tua face. Ao matiz delicado da juventude, seccede o tom crestado dos 30 anos”.¹⁵¹

Nesse primeiro trecho, ficava evidente um julgamento recaído sobre as mulheres trintenárias: sua aparência, na percepção masculina, começava a perder os aspectos juvenis, relacionados à beleza e ao desejo. Em outro fragmento, Maranhão iria além:

Hoje, não. Hoje, ninguém mais se volta para te vêr, porque ha milhares de raparigas, no vigor dos anos que desafiam os olhares dos homens...perdoame se te digo que me alegre porque envelheces... ninguém mais te cobiçará.¹⁵²

As interpretações de Paulo Maranhão também foram analisadas pelo historiador Ipojucan Dias Campos em sua discussão concernente ao problema do “solteirismo”. Para Campos, a denúncia do “fator tempo” feita por Maranhão tinha um elemento discursivo o qual alertava para o processo de envelhecimento, pois as características físicas desgastadas pelos anos se configuravam como maneiras de mostrar o “terror” enfrentado pelas moças chegadas à terceira década de vida sem contratar matrimônio.¹⁵³ O corpo, a sexualidade e a afetividade, esses marcadores pareciam vibrar a todo o momento nas ideias expostas, as mudanças corporais atribuíam determinadas periodizações para as vivências, dessa forma, os anos percorridos por um sujeito estavam inseridos num jogo de significações sociais distintas: às

¹⁵¹ A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, n.º. 44, p. 9.

¹⁵² A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, n.º. 44, p. 9.

¹⁵³ CAMPOS. “Solteirismo e tempo matrimonial”. Op., Cit, p. 40-41

jovens, as expectativas de uma vida “animada” podiam ser constantes; já às velhas, tentativas de impedir aqueles “sentimentos calorosos” foram divulgadas através de diferentes meios.

Ocorria a disputa, principalmente entre os sentidos de masculinidade e os de feminilidade, operacionalizando importantes clivagens do desejo sexual: o envelhecimento automaticamente definido enquanto um momento de melancolia, recato e uma quase “asexualidade”, mulheres maduras deveriam se manter alheias ao desejo sexual, chegando o “outono” da vida, ela não representaria mais tantos movimentos; tendo em vista essas expectativas, longe da excitação, da descoberta do corpo e dos sentimentos eufóricos, somente existentes na adolescência, restaria para senhoras a tristeza. Ademais, a questão da aparência caía como um grande peso, dado o persistente fascínio da beleza juvenil, num tipo de concepção sobre a vida do qual impunha “prazos” para os usos da libido, limites percebidos conforme ocorriam mudanças no aspecto da estética corporal. Consequentemente, essas mudanças conferiam privação ao âmbito dos desejos afetivos, e essas elaborações possibilitaram entender a aparência enquanto um fator fundamental na atribuição de sentidos para as categorias juventude e envelhecimento, as quais surgiam de maneiras diferentes entre os sexos.

Firmava-se a concepção da sexualidade feminina entendida pelo viés de determinado esgotamento, presente em verbalizações direcionadas marcadas por necessidade de beleza, ou seja, perder a “vivacidade do olhar” ou o “rubro dos cabelos” poderia significar a exclusão, a melancolia, o desgaste. Destarte, esses pensamentos não permaneciam isolados, faziam parte de exercícios de construção de significados coletivos.

Da sexualidade feminina, Michelle Perrot, ao questionar as concepções aristotélicas das diferenças sexuais, indica o seguinte contraste: “Ela é passiva e ele, ativo. O homem é criador, por seu sopro, o *pneuma*, e por sua semente. Na geração, a mulher não passa de um vaso do qual se pode esperar apenas que seja um bom receptáculo”.¹⁵⁴ Nesse arsenal, ao homem foi atribuída uma potência sexual engrandecedora, visto que, no contexto reprodutivo, ele deveria ser o responsável por dominar e tornar o corpo da mulher “útil” à comunidade. Por eles possuírem a “semente” capaz de iniciar a gestação, o prazer não podia ser dividido e elas deveriam aprender a lidar com duras restrições de uma construção falocêntrica. Postas essas questões, apesar de a autora não discutir Belém do Pará, suas interpretações contribuíram para elucidar pontos importantes das expectativas lançadas às mulheres durante a construção histórica ocidental. Por exemplo, em “Figuras e Papéis”, a historiadora se debruçou sobre o

¹⁵⁴ PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007, p. 23.

contexto familiar da segunda metade do século XIX até o começo do século XX, usando a sociedade francesa como parâmetro, Perrot pontua a existência de aparatos jurídico e moral que dava aos homens direitos irretocáveis em relação às mulheres e aos filhos; dessa maneira, ficava evidente a submissão feminina ao marido, o qual teria plenas condições de exercer controle sobre diferentes contextos, tais como: as saídas das esposas de casa para os passeios na cidade, o casamento dos descendentes e, até mesmo, a internação de esposa considerada “louca” (tendo em vista a necessidade de contenção da mulher, tida como propensa às paixões desenfreadas).¹⁵⁵

A ideia da limitação do desejo sexual das mulheres segue desde a antiguidade: a libido deveria ser neutralizada através de diferentes estratégias; entretanto, para parte dos articulistas em Belém do Pará das primeiras décadas do século XX, essa ideia estivera sumariamente transferida às mulheres na idade madura em detrimento às jovens. Para a mulher jovem, o uso de sua sexualidade fora entendido de maneira menos associada ao anormal, apesar do grande tabu existente em torno do tema, em determinados recortes se entendia como natural os desejos, as conexões românticas e as atitudes ousada no que tange ao microuniverso sentimental das meninas. Ao contrário das mulheres velhas, pensadas distantes desse “âmbito sensual” do cotidiano, em concordância com esses termos, quando as questões amorosas e os arranjos sexuais apareciam, os redatores usavam de qualquer pretexto para inserir o tema da idade avançada em construções vexatórias.

Festas na cidade e locais de convívio público se concretizavam em espaços propícios para se tecerem comentários focados nas vivências percebidas; porém, não se limitavam a isso, buscavam desvendar as proporções do prazer, do toque, do beijo. Por esse motivo, a afirmação da amargura mediante os anos passados, quase sempre, contrastava com cenários de felicidades juvenis e a euforia proporcionada pelos sentimentos multiformes da adolescência, numa visão masculina a qual buscava exemplificar e medir tipos possíveis de aflições vividas por mulheres maduras. Como no seguinte excerto extraído de texto sobre o carnaval em Belém; nele, o articulista de pseudônimo “Pan Demonio” tecia aferições, no que tange às formas pelas quais aquelas senhoras enxergavam tais períodos festivos no decorrer do tempo:

Leitora, se és jovem, esperas o carnaval, como esperarás por mezes ou annos, o noivo que te há de falar de sonhos lindos e pintar um mundo de illusões: se, porém, a neve da velhice derramou-se-te por sobre a cabeça, que sei eu?, bôa, terás um

¹⁵⁵ PERROT, Michele. “Figuras e papéis”. In: PERROT, Michele (org). História da vida privada no ocidente: da revolução à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

sorriso de indulgencia para com os que são novos: egoísta, condemnarás os prazeres que libaste em tempos outros e que não podes ver outrem fruir sem que o acicate da inveja te fira o coração.¹⁵⁶

Havia, nessa seara, um contraponto de tendências discursivas: aparentemente mulheres aos trinta anos, tidas como velhas, deviam cessar as suas vivências afetivas e sexuais, em oposição às moças muito jovens e até mesmo às pré-adolescentes, constantemente inseridas em uma visão eufórica quanto a tais aspectos. Os marcadores quinze e trinta anos pareciam ser recorrentes nessa elaboração dicotômica de representações, sobre tais sistemas etários, a antropóloga Guita Grin Debert expõe o processo de individualização, próprio da modernidade, como fator importante no sentido de institucionalizar o curso da vida em dimensões essenciais: uma forma de vida em que a idade cronológica passava despercebida, foi substituída por outra na qual a idade se torna fundamental na organização social.¹⁵⁷ Tais critérios etários, no mundo moderno, cada vez mais tendem a estabelecer direcionamentos específicos, a organizar o universo do trabalho, do consumo, da educação. E o percebido nas mensagens analisadas era, sobremaneira, uma “cronologização” dos próprios sentidos da sexualidade. Em um exercício de poder, firmava-se as idades para inflar a imaginação, o desejo e a prática sexual, do lado oposto, as idades para as quais esse comportamento foi sumariamente negado. Às mulheres tidas como vetustas, para além dessa interdição sexual, não se lhes poderiam ser aconselhadas a entrada nos universos amorosos, a partir dessa desvantagem, pois elas precisavam lidar com sentenças pouco gentis para com os seus sentimentos.

Ao redor do envelhecimento, as mensagens quase sempre aparecerem sob o ponto de vista pretendido hegemônico: os critérios etários foram construídos socialmente e os intelectuais belenenses surgiam como elaboradores experientes de pesados estigmas. Nesse preâmbulo, ter uma aparência enrugada e “desgastada” se tornava um grande problema, e mesmo determinados padrões da moda eram deslegitimados na maturidade, como os cortes de cabelo e a maquiagem, tais modelagens deveriam estar diretamente relacionados à jovialidade e à sedução. Esse tipo de encaminhamento vinha tanto do discurso masculino, quanto do feminino; em texto dedicado a discutir cortes de cabelos modernos, a articulista de nome “Lucimar”, em “A Semana”, parecia não aprovar o hábito de mulheres maduras encurtarem as madeixas, como explica: “É bem verdade que, a uma senhora casada, a moda actual não

¹⁵⁶ A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, n.º. 44, p. 10.

¹⁵⁷ DEBERT, "A reinvenção da velhice". Op. Cit., p. 50–51.

condiz bem. Uma mulher depois dos vinte e quatro annos, começando a perder aquella graça de rosa em botão, que possuia, deve deixar crescer os cabellos e prega los”.¹⁵⁸

Esconder o corpo que envelhecia estava ligado à necessidade de limitação da sexualidade feminina, elas não poderiam se apresentar socialmente sensuais e desejáveis (condutas somente associadas ao corpo jovem). As vivências “prazerosas” deveriam ser consideravelmente curtas, as moças começavam a ter a vida sexual instigada por volta dos quinze anos, passavam a ser consideradas velhas perto dos trinta, ou até mesmo, como mencionava Lucimar, depois dos vinte e quatro. O cabelo branco e as rugas estariam muito longe de significar o charme, a beleza e a saúde (talvez esses fossem os requisitos essenciais para não ser vista como uma figura decadente), visão não muito distante das concepções correntes entre o século XIX e início do século XX que elencavam um conjunto de critérios avaliativos do fenótipo humano – do corpo e seus formatos e da aparência – para caracterizar as personalidades e, até mesmo, a propensão de um indivíduo ao crime e à perversão; sobre tais preâmbulos, o historiador francês Jean-Jacques Courtine indica que a chamada “frenologia” formulava um arsenal de indícios físicos, num testemunho inédito do corpo como nova visão da identidade: dispositivo que, estabelecido primeiramente para designar suspeitos, pode estender-se para designar a todos.¹⁵⁹

As senhoras de Belém do Pará, de maneira parecida com as especificações da frenologia, estiveram enquadradas em diferentes critérios de avaliação física que transbordava para os sentidos de pouca aptidão sexual na maturidade, e essas mensagens chegavam de diferentes lugares, adaptadas em contextos variados; em suma, exemplificavam como os marcadores físicos da idade madura geravam opiniões e consequências no próprio convívio social, em locais ditos oportunos, na moda dita adequada, no comportamento aconselhado para quem ultrapassava a terceira década de vida. Às vezes, tornava-se difícil mensurar quantos aspectos da vida foram explorados de maneira deliberada, os dispositivos de observação estavam equipados com ideias bastante hostis – nada passava despercebido aos olhos – sequer o mínimo fio de cabelo branco, em concordância com esses filtros, os homens sancionavam tais penalidades de maneira mais acentuada: se apropriavam dos corpos femininos, elaboravam um ponto de vista marcado pelo rechaço nada disfarçado.

¹⁵⁸ A Semana. Belém, 19 de julho de 1924, n.º. 326, p. 20.

¹⁵⁹ COURTINE, Jean-Jacques. “Traços, indícios, suspeitas”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do corpo. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 342.

Paulo Maranhão, no texto analisado anteriormente, expunha uma constante aflição mediante os cabelos brancos surgidos nas senhoras: “Occultam-se na sombra, á maneira de bandidos, e esperam, para se mostrar, a hora em que a mulher quer parecer mais bella – a hora em que ela desperta para o amor”.¹⁶⁰ Nesse sentido, envelhecer distanciava a mulher da realização pessoal e da felicidade, sentimentos que só existiriam no momento de um enlace amoroso, culminando no matrimônio. O surgimento de cabelos brancos se transformava e um lugar de mudança nada sutil, trazia consigo um pessimismo incessante, logo, o ponto de vista masculino tentava a todo custo implantar a angústia feminina. “A hora em que ela desperta para o amor” dizia Maranhão, tais sentenças imediatamente poderiam gerar preocupações por estar velha e sozinha, numa hipotética frustração por deixar o tempo passar e não buscar a dita felicidade.

Sem dúvidas, era imprescindível que elas fossem jovens. A admiração da juventude foi legitimada por causa da primazia de uma sociedade moderna e urbanizada, em face a tais aspectos, a historiadora Júlia Hasselmann Calvet, ao analisar as charges do cartunista J. Carlos, em suas representações femininas no Rio de Janeiro dos anos 1920, indicou a valorização das chamadas donzelas (moças jovens e atraentes) enquanto necessidade do artista de demonstrar as novas perspectivas sociais da época. Pois, em suas “feições de menina moça”, as adolescentes estariam sempre relacionadas ao sentido de novos hábitos, novos comportamentos observados na cidade, qualificados como o ápice do que havia de mais moderno.¹⁶¹ Os alardes mediante o novo, direcionados aos comportamentos e às aparências, influenciaram determinado sentido das construções sociais concentradas no envelhecimento, dado que, o fascínio pela juventude parecia estar intrinsecamente ligado ao almejado como modelo de sociedade em progresso, os comportamentos foram tangenciados como maneira de legitimar determinados espaços para alguns sujeitos em detrimento de outros, e a questão da aparência jovem ganhava grande respaldo nas ideias correntes.

As “velhas” deveriam esconder seus corpos da visão alheia, em razão de não transmitirem mais graciosidade; não fora aconselhado a casar-se, porque o tempo certo seria antes dos vinte e cinco anos, quando acendiam para o amor. Todas essas atribuições de sentido influíam na definição da “senescência” feminina, ideia oposta ao novo e ao belo, resultava que, a sensualidade, os sonhos eróticos, os toques lascivos, a prática do “flirt”, tudo

¹⁶⁰ A Semana. Belém. 25 de janeiro de 1919, n.º. 44, p. 9.

¹⁶¹ CALVET, Júlia Hasselmann. J. Carlos: imprensa e representações femininas na década de 1920. Anais do 2º encontro internacional, História&Parcerias, 6º Seminário Fluminense de pós-graduação em História, Rio de Janeiro, 2019, p. 9.

isso deveria se transformar em passado distante, geraria apenas a lembrança do tempo vivido, da felicidade de outrora. A libido feminina em idade madura acionava medidas de contenção na mentalidade masculina, impossível de assimilar uma mulher velha em contexto erótico, no fim de contas, a performance do macho devia estar alicerçada na dominação, no defloramento de moças ingênuas, na capacidade de manipular a imaginação, o toque, o gosto e os sentimentos (uma mulher dita madura não instigaria esse desejo de controle masculino), nesse ambiente simbolicamente hostil, a idade das senhoras se tornava uma “vergonha”, uma sanção pejorativa, uma marca de desânimo.

O humor configurava importante recurso discursivo usado para apresentá-las, em mensagens construídas para mostrar temores íntimos, os quais gerariam risos nos leitores, principalmente ao abordar as aflições e os medos, pouco levados à sério. Cercavam-nas de todas as formas, excluídas de determinados lugares e inseridas em outros, como no espaço do ridículo, para gerar entretenimento aos demais. As narrativas, à época, cômicas a respeito de históricas senhoras perante as suas questões íntimas, das rugas e da apreensão ao ser questionada a idade se firmavam como alguns dos exemplos verificados, como escrevia o cronista de pseudônimo “Poty”: “Até os 15 anos as meninas dizem a idade levemente, com ingenua alegria; dos 15 aos 20, ellas o dizem sem tristeza, porem tambem sem alegria: d’ahi aos 25, só o dizem contrariadíssimas”.¹⁶²

Segundo o autor, em tempo posterior aos trinta anos, ficava impossível “arrancar a idade de uma mulher”. Essa narrativa cômica, ao usar critérios etários como sinônimo de irritabilidade feminina, era marcada por determinada “cronologização da vida”. Afinal, indicava o quão curta deveria ser a duração de algumas vivências: em menos de dez anos – dos quinze aos vinte e cinco – as projeções da angústia se tornariam exacerbadamente fortes em relação ao tempo vivido, essas mulheres não poderiam conseguir visualizar suas vidas sem determinados critérios lançados pelo meio social circundante, numa ansiedade pretendida generalizada, sobretudo, ao se ter em mente alguns segmentos importantes, tais como: o casamento, os filhos e o lar, instituições que no mundo ocidental foram vistas como sinônimo de felicidade.

Em Belém do Pará, entretanto, as contingências dificilmente se encaixavam em modelos pré-concebidos (os quais explicavam melhor a mentalidade de quem discursava em detrimento dos alvos do discurso). Os textos divulgados em revistas ilustradas foram pensados em meio a universos burgueses e intelectuais, quase sempre masculino: os

¹⁶² A Semana. Belém, 08 de novembro de 1919, n° 85, p. 2.

articulistas discorriam sobre suas ideologias, suas percepções do mundo, dos contextos vivenciados na cidade de Belém do Pará, divagações indicadoras de interesses e ideias próprias do modo de reprodução dos costumes burgueses. Esse fator limitava a ocorrência de concepções mais diversas sobre algumas temáticas expostas, associava-se ao envelhecimento feminino diversos estereótipos: a prática sexual interdita, a beleza impossibilitada, o casamento desacreditado, conceitos lançados ao olhar dos demais, principalmente, para um público letrado e restrito de leitores, essas elencavam as principais estratégias deles no transcorrer das “negociações” de significados.

Ao mesmo tempo, nas entrelinhas discursivas, ficava evidente que a supressão de práticas amorosas por mulheres, com o surgimento dos primeiros fios de cabelos brancos, estaria longe de ser algo verificado no mundo real, inclusive o olhar de desejo voltado para elas – exposto como inexistente – viria a ser revelado em determinados discursos. Em momento anterior, quando o poeta Paulo Maranhão falava dos fios de cabelos brancos, era dito que as madeixas cinzas significavam a aflição feminina; entretanto, o autor revelava, contraditoriamente, seu deleite mediante ao desvelar da “aparência da mulher madura”, de modo que fez menção elogiosa para com aquela figura vista, em um primeiro momento, enquanto decadente. Nas palavras do autor: “para mim, tu continuas a ter de fogo no olhar, de carmim o lábio, de neve a pelle, de nacar as unhas, de ouro a voz, de crystal o riso”,¹⁶³ então a sensualidade feminina, com a chegada do chamado “outono da vida”, parecia causar determinada ambiguidade de sensações, tanto nas próprias mulheres, quanto nos homens que assistiam aquelas mudanças.

Consequentemente, prática sexual jamais deixou de causar determinado constrangimento. Em boa parte da história ela conseguiu gerar sistemas de significação dinâmicos e dessacralizados; no entanto, viver de maneira autêntica o prazer começou a conferir a culpa e o rechaço, como ponto de partida, o fator reprodutivo virou o essencial para os discursos religioso e cristão, em sua necessidade de assegurar influência diante aos dogmas milenares presentes na Bíblia. Mas, saindo da ótica cristã, o âmbito do lascivo estaria muito mais ligado aos complexos processos de subjetivação, automaticamente efluídos através de desejos desconhecidos e reprimidos que nunca deixavam de vir à tona; desse modo, determinados tipos de intercursos sexuais elaboravam personalidades e identidades, outros, poderiam motivar projetos mais amplos, como os do próprio estado. Em face à sexualidade,

¹⁶³ A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, n.º. 44, p. 9.

tornou-se imprescindível recorrer a Michel Foucault, dentre tantas formulações, indicou a seguinte questão:

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular.¹⁶⁴

O filósofo afirmou que no Ocidente, mais precisamente após o século XVIII, a sexualidade passou a ser extensamente requerida em mecanismos intrínsecos às relações de poder, como aqueles relacionados ao controle da natalidade, elaborados pelos discursos médico e político nos estados modernos; caberia, segundo a legislação, fazer o comportamento sexual funcionar de acordo com um “padrão ótimo” e “regular para o bem de todos”.

Nessa perspectiva, quando se observou os padrões sexuais da maturidade feminina nas visões de intelectuais em Belém do Pará, ficava determinado que aqueles comportamentos deveriam se estabelecer à maneira entendida como ideal ao sistema de reprodução social burguês; todavia, a necessidade de interdição sexual não significaria a impossibilidade de uma mulher madura construir suas próprias narrativas de vida, em práticas alternativas ao dito higiênico e normal; dessa forma, em relação às instâncias do desejo sexual, não seria sensato pensar que após os trinta ou quarenta anos as ditas senhoras viveriam uma castidade completa, apesar de existirem severas prescrições estabelecidas, vindas através de variados segmentos sociais. No curso da vida, elas teriam de lidar com acontecimentos, sentimentos e desejos bastante diferentes daqueles imaginados enquanto comuns para a maturidade: enfrentar desafios tão complexos quanto os preconceitos etários, à vista disso, o ambiente sexual não se conectava apenas com o discurso do permitido e do proibido, mas a um instinto, a uma vontade certamente não cessada na terceira década de vida.

Sobre tais aspectos, o período histórico em questão começava a sinalizar algumas mudanças atribuídas aos temas da sexualidade em idade madura, mesmo diante de tais concepções limitantes em relação às práticas sexuais das senhoras “no outono da vida”. Em estudo referente à sociedade francesa, a historiadora Anne-Marie Sohn transcorre diferentes formas pelas quais o corpo era colocado em debate sexualizado, segundo a autora, em meio às significativas mudanças, relacionadas à liberdade sexual no percurso do século XX, a ideia de envelhecer passou por determinadas transformações importantes, relacionadas ao

¹⁶⁴ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 27.

alongamento da expectativa de vida e aos progressos na saúde através do desenvolvimento da ciência médica e da indústria da beleza que, de maneira eficiente, possibilitaram uma ampliação dos usos dos prazeres por parte das pessoas velhas; como após a Primeira Guerra as mulheres maduras poderiam se sentir sedutoras, contando que pintassem os cabelos.¹⁶⁵

A ebulição de mensagens relacionadas aos cuidados corporais, destinadas ao público feminino, denunciavam profundas mudanças na relação das mulheres com a idade. Esses discursos pareciam evidenciar a “reversão das consequências da passagem do tempo” enquanto possibilidade de lucro, de constante visão para a compleição como “um produto a ser aprimorado”, “dissecado em todas as suas conexões” e “melhorado” segundo as tendências vigentes. Os anunciantes possuíam a “solução” para problemas imaginados como significativamente frequentes entre as mulheres ditas velhas, nesse percurso, geravam a esperança de permanecerem saudáveis, desejáveis e bonitas. Ao mesmo tempo, indicavam as desigualdades sociais, ou seja, somente aquelas quem tivessem recurso financeiro teriam a oportunidade de estarem na moda, de cuidar da pele e de resolver desconfortos da idade.

O cuidado condizente ao sistema reprodutivo feminino foi estampado diversas vezes em anúncios de remédios para combater a cólica e os problemas no útero – muitos dos quais ocasionados pela passagem dos anos – tidos como soluções rápidas e eficazes para aqueles desconfortos.

Figura 6 – Anúncio de remédio para sanar problemas no útero



Fonte: A Semana. Belém, 23 de fevereiro de 1935, nº 839, p. 28.

O anúncio de um chamado “sedativo regulador” atravessou as páginas das revistas ilustradas por diversos anos, uma espécie de remédio que, como explicava o texto do

¹⁶⁵ SOHN, Anne-Marie. “O corpo sexuado”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do corpo. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 146.

anunciante: “combate as Flores Brancas, falta de regras, regras escassas, suspensão, fluxo com dôr ou dysmenorreia, Colicas uterinas, regras excessivas, Incomodos da idade critica e inflamações de Utero”.¹⁶⁶ Essas mensagens eram divulgadas com o propósito comercial e, fixavam na memória a preocupação com as consequências geradas por problemas reprodutivos relacionados à idade, os quais supostamente poderiam ser amenizados com o avanço da tecnologia farmacêutica aliada à tão famigerada medicina moderna. No que tange a tais publicidades, a historiadora Raquel Discini Campos esclarece uma importante questão condizente às mensagens de cuidado com o corpo direcionadas às mulheres pela imprensa carioca dos séculos XIX e XX: “Conforme apontam as pesquisas dedicadas ao tema, as normas de antipeso e antienvelhecimento, que ainda hoje são a tônica dos discursos midiáticos voltados para as mulheres, dominaram desde o século XIX a cultura de massas”.¹⁶⁷

Esses constantes acionamentos da idade, por amplo conjunto de segmentos da organização social, constituíram forma de compreender os usos do corpo (com todas as suas possibilidades e aflições) sob a ótica de campos multifacetados e, por vezes, antagônicos, tendo em vista o choque dessas mudanças ensejadas pela ciência com opiniões mais conservadoras sobre a posição feminina. Mediante a dita modernidade, muitas configurações imaginativas relacionadas à imagem da mulher velha, lentamente, começariam a mudar para disposições menos centradas no engessamento da libido, desde que elas pudessem cuidar do corpo, comprando os produtos mais eficazes ou se submetendo às técnicas cirúrgicas complexas, divulgadas enquanto altamente eficientes. No panorama geral, determinados testemunhos do passado revelavam dados da realidade os quais poderiam ir de encontro às narrativas masculinas e burguesas sobre o comportamento sexual na maturidade.

Nesse sentido, existira modos de viver completamente relacionados aos movimentos da libido, do erótico e do sensual, mesmo diante dos estigmas fortemente estabelecidos; e é neste ponto que seria possível afirmar o surgimento das ressignificações do envelhecimento, por causa da reformatação das nuances de uma vida madura, do “permitido” e do “proibido”. De tal forma, as mulheres vislumbrariam construções “libertadoras” diante das rugas e dos fios de cabelos brancos; no entanto, diferente dos homens, os quais possuíam vastos instrumentos de propagação das suas ideias, os testemunhos femininos se encontravam de maneira prevalentemente indireta, tudo isso devido à limitação das formas de divulgação das opiniões

¹⁶⁶ A Semana. Belém. 23 de fevereiro de 1935, nº 839, p. 28.

¹⁶⁷ CAMPOS, Raquel Discini. A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza, bom gosto e envelhecimento. Cadernos Pagu, dezembro de 2015, p. 469.

femininas ao longo do tempo. Acerca de tais fenômenos, o avanço científico relacionado à medicina e ao campo farmacêutico evidenciava a ocorrência de algumas configurações de sexualidade na dita maturidade ligeiramente opostas ao entendido como normal, como será possível observar nas análises seguintes.

Em texto escrito pelo dr. Orlando Lima, presente no periódico *Pará-Médico*,¹⁶⁸ falava-se da evolução nos procedimentos de cesariana: denominada tecnicamente de “parto abdominal”, o autor exaltava a simplicidade do processo operatório em gestantes (tido como pouco suscetível a erros) dada a segurança proporcionada pelas abordagens cirúrgicas modernas, o médico buscava discorrer sobre a sua experiência com gestantes na Maternidade de Belém no ano de 1920, segundo suas prescrições, somente em casos raros a cirurgia do parto abdominal não obteria sucesso, e aconselhava outros médicos à utilização da técnica no cotidiano cirúrgico. Quando as gestantes foram colocadas em cena no relatório escrito por Lima, uma informação se destacava: a recorrência de mulheres em idade acima dos trinta e dos quarenta anos em estado de prenhez, a exemplo do parto da senhora denominada “J.N, Primipara, 39 anos. Bacia moderadamente viciada. Entrou depois de cerca de 70 horas de trabalho. Tentativa improficua de extração do forceps. Cesareana abdominal. Operação praticada a 4 de outubro, Mãe e filho deixaram a clinica no dia 30”.¹⁶⁹

A partir do século XX, a sexualidade entrou num contexto multiforme de análise, de estudos e de medicalização, elaborando diversos “scripts sexuais”: cenários e representações, fossem reais ou fantasiosas, da reprodução ou do controle da natalidade. Os “scripts” puseram em campo diferentes especialistas, acompanhados por conjunto de exames e tratamentos, em políticas de saúde pública que se efetuavam de maneiras diferentes para os homens e para as mulheres. De modo que a sexualidade feminina ainda fora exacerbadamente atrelada à concepção da vagina enquanto possibilitadora da gestação, e as mulheres eram colocadas em um conjunto de prescrições médicas para o aleitamento correto, ou para o combate ao aborto. Naquele momento, havia grande preocupação com a questão reprodutiva, iniciando os primeiros tratamentos contra a infertilidade.¹⁷⁰ Referente a esta questão, se tornou importante

¹⁶⁸ A revista *Pará-Médico* foi criada no ano de 1915 pelos membros da Sociedade Médico Cirúrgica do Pará – fundada 1 ano antes – e tinha como principais objetivos a divulgação de estudos científicos e das informações sobre instituições médicas ao público em geral. Faziam parte da sua Comissão de Redação os Drs. Porto de Oliveira, Oswaldo Barbosa, Jaime Aben-Athar, Veiga Cabral, J. de Magalhães, Arthur França e Penna de Carvalho.

¹⁶⁹ *Pará-Médico*. Belém. Setembro de 1922, nº 10, p. 30.

¹⁷⁰ SOHN. O corpo sexuado. Op. Cit., p. 126.

salientar que os cuidados com a mulher no momento do parto configurava aspecto de suma importância, como explica a historiadora Maria Izilda Santos de Matos: as altas taxas de mortalidade de mães e filhos e a necessidade de uma ação preventiva ampliaram a preocupação da medicina e levaram ao desenvolvimento da maternologia no Brasil da primeira metade do século XX. Essas abordagens eram impulsionadas por médicos, higienistas e reformadores sociais, resultando na chamada “profissionalização da maternidade”, também no aprimoramento das técnicas de parto e da própria assistência às grávidas, sumariamente exposto através da imprensa ilustrada.¹⁷¹

Na cena belenense, a presença de mulheres grávidas em idades distantes do entendido como “normal” revelava que os “scripts sexuais”, tão bem formulados por amplo conjunto de teias científicas, médicas e conceituais, foram igualmente construídos pelas próprias mulheres frente aos cenários desafiadores de uma vida após os trinta anos. Pareciam assinalar a dilatação de um vigor sexual incessante, frente a isso, não havia nenhuma garantia, dadas as prescrições sociais, de que aquelas senhoras fossem castas o suficiente para reger suas narrativas sexuais conforme o discurso oficial previamente estabelecia enquanto higiênico. Porque, como demonstrado nas entrelinhas de uma narrativa científica exposta no “Pará-Médico”, as técnicas modernas de parto tratariam de resolver quaisquer intempéries relacionadas à gestação, principalmente das mulheres em idade madura, elas poderiam aproveitar de tais avanços ao seu favor. Da mesma maneira, a presença de gestantes aos quarenta anos denunciava usos recorrentes da sexualidade, em formas de reconhecer a idade “avançada” como apenas um dado propício a ser significado de diferentes formas entre os sujeitos em meio a um universo de contingências naturais do percurso da vida pessoal.

A maternidade, naquele cenário, certamente viria acompanhado de inúmeras mudanças no ciclo de vida daquelas mulheres; parir aos trinta e nove anos parecia muito mais complexo do que na juventude devido a quantidade de estigmas em voga, das imagens da saúde reprodutiva e sexual atribuídas apenas às moças muito jovens (tinham corpos ideais para gerar filhos saudáveis) em detrimento das maduras. A maternidade no “entardecer” da vida geraria algum tipo de desconforto social; no entanto, as mulheres ditas velhas pareciam reclamar para si a habilidade de elaborar regras para suas vidas, nas possibilidades de contatos amorosos e o direito de serem mães. Dentre os “partos abdominais” bem-sucedidos na maternidade em Belém, a maioria das gestantes estava no período trintenário e quadragenário, entretanto, elas

¹⁷¹ MATOS, Maria Izilda S de. “Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890 -1930)”. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Raquel (Orgs.). O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003, p. 111.

passaram pelos processos cirúrgicos, em sua maioria, sem grandes complicações. Nesse conjunto, os avanços científicos, apesar de condicionarem potente supervisão aos corpos, poderiam se tornar aliados indiretos para a abertura de novas configurações sexuais e maternas diante do processo de envelhecimento, devido a capacidade de salvaguardar a vida, mediante aos riscos naturalmente surgidos numa gestação em idade madura.

No período que compreende a segunda metade do século XIX, o mundo ocidental viu os médicos se tornarem os “intermediários obrigatórios da gestão dos corpos presos em uma rede de obrigações em concordância com os grandes acontecimentos da socialização: entrada na escola, serviço militar, viagens, escolha de uma profissão”.¹⁷² Ou seja, a medicina teve um papel fundamental na manutenção de “corpos saudáveis” para exercerem diversas obrigações sociais; não seria impudente dizer: os médicos se tornaram agentes de influência direta no comportamento sexual da população, senão em projetos específicos para esse fim, mas num conjunto de diferentes prescrições comportamentais, como nos avanços científicos e farmacêuticos relacionados à natalidade e ao desempenho sexual.

Em Belém, mediante a ausência de maiores testemunhos, não seria possível tecer a influência dos fatores médicos no comportamento sexual de mulheres maduras; todavia, os discursos centrados nos avanços científicos (como observado no texto do dr. Orlando Lima) poderiam indicar sutil alargamento de perspectivas sociais a circunscrever a mulher frente aos seus trinta ou quarenta anos, em circunstâncias da vida as quais fugiriam completamente do controle normativo, elas estavam inseridas naquele contexto e, muito provavelmente, se permitiam comportamentos libidinosos, culminando na própria maternidade; a exemplo da senhora denominada “R. O.” gestante apresentada por Orlando Lima como: “Grande Multipara, 42 anos, placenta previa central, oitavo mez de prenhez”.¹⁷³

Uma perspectiva “alternativa” de maturidade feminina se configurava como exemplo de potencial “insurgência”, apesar de não poder qualificar as vantagens e desvantagens de ser mãe em período avançado da vida, existia um acentuado desvio quando chegassem ao período quadragenário, imagina-se que, era totalmente possível continuar a prática sexual em detrimento da interdição constantemente sancionada. Afinal, mulheres aos quarenta e dois anos praticavam sexo, davam à luz a diversos filhos (múltiparas) e reelaboravam suas narrativas de maneira singular, apesar de haver todo um tabu mediante aos seus corpos e às suas idades. Elas poderiam usar dos avanços científicos ao seu favor, por causa das ditas

¹⁷² MOULIM. “O corpo diante da medicina”. Op. Cit., p. 18-19.

¹⁷³ Pará-Médico. Belém. Setembro de 1922, nº 10, p. 30.

técnicas desenvolvidas para assegurar as vidas das mães e as dos filhos, era dito que a gravidez não deveria mais preocupar tanto essas senhoras, elas chegariam aos hospitais e sairiam com novas perspectivas de vida.

Essas conexões determinavam o envelhecimento como parte de um campo de negociação, as suas características negativas foram negadas pelos sujeitos em diferentes contextos de comunicação direta ou indireta, eles manipulavam alguns desígnios de acordo com suas vontades, dos seus interesses e dos seus privilégios; nesse percurso, criavam requisitos tais como: a idade para o interesse sexual, a idade para ser mãe e a idade para a beleza, marcadores acionados ao correr das circunstâncias para legitimar comportamentos tidos ora como adequados, ora como inadequados; da mesma maneira, a própria existência de hábitos desviantes parecia assegurar uma forma de comunicação nessas “negociações”, como no caso das mulheres gestantes (pareciam afirmar que podiam decidir seus destinos diante ao processo natural do envelhecimento).

No mundo feminino, se verificava a prática sexual como aspecto nada distante de seus cotidianos, e apesar de não se ter maiores informações sobre as gestantes – se casadas ou solteiras – o documento indica a existência dessas pessoas em contextos nos quais a sexualidade, na entendida maturidade, estivera emoldurada por novo arsenal de sentimentos, responsabilidades e aflições; dos treze casos analisados, apenas três apresentavam mulheres de até vinte e sete anos de idade, a maioria estava na faixa etária superior a três décadas de vida; cinco entre as dez mulheres acima dos trinta anos eram primíparas (aquela que pariu pela primeira vez). Essas configurações demonstrava as mudanças possíveis no ciclo de vida daqueles sujeitos, colocando em discussão uma cadeia de significados do envelhecimento em constante reordenação na cidade de Belém do Pará.

Figura 7 – “Povoar! Eis o problema”.
Mulher de trinta e seis anos pariu trigêmeos em Belém



Fonte: A Semana. Belém, 10 de junho de 1939, nº 1035, p. 23.

Diante das concepções da maternidade configurada quase como um dever primordial feminino, as notícias circulantes na cidade não fugiam de mensagens de exaltações para os “casos peculiares” de gestação, sempre colocando o dever de povoar como uma das principais metas atribuídas aos casais; nesse sentido, chegaram ao presente algumas mensagens de vanglorio das mães que, mesmo em idade madura ou depois de muitos partos, pareciam possuir a força necessária para gestarem novos bebês. No ano de 1939 o periódico “A Semana” noticiou uma gestação atípica na capital paraense: o nascimento de trigêmeos na Maternidade da Ordem Terceira, a parturiente era Elora Maux Passos Pereira, na idade de trinta e seis anos, esposa do senhor Manoel Passos Pereira. O jornalista que escreveu a notícia parecia estar admirado, tendo em vista uma suposta baixa fecundidade existente no Brasil: “positivamente, na marcha em que vamos, dentro de pouco tempo a mulher que tiver 1 filho causará admiração”.¹⁷⁴ Ele parabenizava os pais pela chegada das crianças e, principalmente, a mãe pelo feito, diante da dita diminuição no número de gestações naquele período histórico.

A proximidade dos quarenta anos de idade (como estava Elora) significava posicionar-se frente a grandes estigmas; todavia, a gestação poderia sancionar imagens mais prestigiosas em torno daquelas mulheres, tendo em vista o forte olhar de vanglorio lançado à maternidade naquele contexto histórico no qual ser mãe fora sinônimo de honra, dito de outra maneira, elas poderiam reequacionar suas trajetórias de vida com a chegada dos filhos, encontrar novos sentidos para aquele intervalo etário entendido, em um primeiro momento, pelo viés de determinadas privações e impotências; além de colocarem em pauta o discurso sobre a sexualidade feminina que, num universo cristão e heterossexual, estava estritamente relacionada ao âmbito da reprodutividade.

Existia teia de significados possíveis referentes às questões de sexualidade na idade madura. Em primeiro lugar, os testemunhos vindos dos discursos médicos ganhavam contornos diferentes em relação aos definidos pelos poetas, pelos jornalistas e pelos cronistas, para os quais a maturidade condensava a premissa de aspectos tais como: o esgotamento da sexualidade feminina em detrimento da masculina. Em segundo, no periódico “Pará-Médico” as mulheres, não se sabe se burguesas ou pobres, apareciam em contextos de gestação após a trigésima década de vida, e algumas na quadragésima década parindo pela primeira vez; o que denotava um comportamento sexual feminino ainda muito presente naquele período da vida, isso talvez signifique uma espécie de *modus sexual* alternativo ao aconselhado. Nessa conjuntura, o avanço científico poderia resolver os problemas da gravidez, numa elaboração

¹⁷⁴ A Semana. Belém, 10 de junho de 1939, nº 1035, p. 23.

de novos sentidos dados ao período gestacional, e os textos indicavam o parto nas mulheres de intervalo etário dito avançado.

As meninas pertencentes às classes populares em Belém, historicizadas por Cristina Donza Cancela, não aceitavam a prerrogativa de colocá-las em posições de vítimas mediante o processo crime de defloração; pelo contrário, muitas daquelas garotas reivindicavam o direito de “seduzirem”: elas contavam sobre a espontânea vontade de praticar sexo, saindo da posição de importunadas e passivas, tomavam para si a responsabilidade pelo ato lascivo.¹⁷⁵ Se por um lado, as meninas muito jovens demonstraram a capacidade de articulação e reivindicação de seus direitos ao uso do corpo; por outro, seria demasiado ingênuo avaliar as mulheres maduras como vítimas “caladas” do conceito dominante, dado o contexto de grande efervescência de formas de contestação do *status quo*.

Insurreições parecidas foram percorridas por Ipojuca Dias Campos em trabalho historiográfico intitulado “Adelina e Carlita”, no qual analisou dois processos de divórcio contenciosos transcorridos entre os anos de 1897 e 1900, os quais colocavam em cena Adelina Rosa da Cruz Louzada e Carlita Gonçalves Viveiros, mulheres acusadas de adultério e amplamente submetidas a julgamentos morais elencados pela justiça paraense do período em questão. Na contramão do discurso oficial, elas conseguiram elaborar estratégias, não se sabe involuntárias ou premeditadas, para acelerar os processos de separação conjugal, em métodos que envolviam principalmente o silêncio, nos arredores da justiça, mediante acusações de deslealdade infligida ao parceiro. O historiador expõe uma concepção contrária aos mitos da figura feminina construídos no decorrer dos séculos (a ideia de passividade absoluta); pelo contrário, aquelas moças acionavam maneiras próprias de viver, em novos destinos a envolver infidelidade conjugal.¹⁷⁶

Apesar das mulheres como Adelina e Carlita serem exemplos de desvios contrários ao desejado ao feminino, os privilégios atribuídos aos homens na vida matrimonial e na sexual eram mais amplamente divulgados; não seria estar em terreno desconhecido imaginar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, no que diz respeito aos ataques morais vindos de diversas direções, caso resolvessem deixar o lar para viver amor alternativo ao prescrito socialmente, ou de viver plenamente sua sexualidade a partir dos quarenta anos, mas elas não deixariam de explorar seus desejos, e os próprios discursos oficiais revelavam esses arranjos.

¹⁷⁵ CANCELA. Adoráveis e dissimuladas. Op. Cit.

¹⁷⁶ CAMPOS, Ipojuca Dias. Adelina e Carlita: adultério, divórcio e poder judiciário em Belém no final dos oitocentos. *Fronteiras* 13 (24): 2011, p. 233.

De tal forma, as características da sociedade belenense de outrora indicavam esquemas pelos quais as pessoas concretizavam as suas vivências sexuais, dentre os signos da libido, ficariam evidentes manipulações desencadeadas pelas contingências que pouco se importavam com discursos pretendidos oficiais a respeito das idades úteis.

Simone de Beauvoir, ao fazer uma análise de alguns conceitos psicanalíticos, criticou o pensamento freudiano na sua falta de ênfase na sexualidade feminina. Para Freud, a libido apenas existiria enquanto energia sexual masculina. Já para Beauvoir, o desejo atuaria da mesma maneira para ambos os sexos: “todas as crianças atravessam uma fase oral que as fixa no seio materno, em seguida uma fase anal e atingem finalmente a fase genital: é então que se diferenciam”.¹⁷⁷ Não existiria, no desenvolvimento humano, um momento de completa perda do desejo sexual feminino, essa atribuição estaria muito relacionada a ideias socializadas, tidas como verdades absolutas.

Isto posto, mulheres e homens obtiveram a mesma capacidade para o desejo sexual, mas estariam em posições contrárias no cenário das vantagens sociais frente às “negociações” de significados, as ideias vigentes colocavam a prática sexual feminina com um comportamento insubordinado. Mesmo quando ocorriam na clandestinidade, os usos da libido feminina, diante da idade socialmente tida como avançada, mostravam às formas de usar o poder de contestar, de combinar estratégias com a finalidade de viverem da maneira desejada, os aspectos percebidos nesses textos são coordenações particulares de encarar a vida, de elaborar os próprios conceitos em face aos desejos subjetivos aflorados mediante às contingências – a exemplo da gravidez – ou mesmo de permitir-se “aproveitar mais um pouco” a vida em Belém do Pará.

De fato, não se poderia afirmar que essas mudanças condizentes aos avanços tecnológicos, médicos e científicos seriam a causa principal de tendências menos moralistas e repressivas mediante a sexualidade feminina na idade madura. Mas, essas implementações estavam, certamente, inseridas em amplos conjuntos de sistemas de significação, em mudanças aparentes e constantes, referentes a diversos segmentos da vida em sociedade, nos quais o da sexualidade ficava amplamente explorado. Se por um lado, os estigmas se reproduziam aceleradamente, fruto de pensamentos masculinos nos seus desejos e aflições por poder e virilidade; por outro, alguns núcleos sociais pareciam colocar no interdiscurso a possibilidade, guardada as devidas proporções, de libertação das amarras do recato e do rechaço lançada às mulheres maduras, eram negociações em torno dos significados do

¹⁷⁷ BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo – Livro 1: Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, p. 60.

processo de envelhecimento, no centro das vivências reais e cotidianas, as senhoras maduras surgiam com mensagens autênticas, elas acionavam os usos do prazer de maneira inesperada, poderiam viver suas vidas distantes dos “condicionantes” que, às vezes, não se tornava tão significativamente influente nas configurações performáticas e subjetivas do desejo sexual e da formulação de identidades performáticas.

3.3 Homem maduro dominante

- Ora esse velho... – Estas enganada; mais rijo, mais elegante que muito almofadinha. E tu sabes quantos annos elle tem? – 56 annos... – Deixa de ironia. O dr. Oscar não passou ainda dos 38...mais rijo, mais elegante que muito amofadinha. Em questão de idade, repetimos, não metteremos o bico.¹⁷⁸

Num conjunto de estigmas averiguados, ocorria o hábito masculino de orquestrar algumas vantagens em relação à chegada dos cabelos brancos. Tudo se ligava aos sentidos da potência sexual, aos do desejo e aos da beleza e, nesses aspectos, o envelhecimento masculino não deveria significar a perda da virilidade (tida como sinônimo de glória). Na coluna intitulada “Gravetos” de “A Semana”, o articulista lançava ao leitor determinada percepção social de um homem maduro, esse caminho discursivo parecia indicar uma intrigante definição: diante dos trinta e oito anos, os aspectos físicos dos senhores ainda evidenciavam determinada vivacidade característica de um garoto bastante jovem. A idade masculina, em uma primeira abordagem, não deveria entrar em questão; em universo burguês de concepções, havia a instigação de práticas condizentes a libido que alargavam a desigualdade de performances dos homens em relação às mulheres, o significado da experiência do envelhecimento ocorreria de maneira totalmente oposta ao esperado às senhoras, tidas como feias, enrugadas e tristes. Demonstra-se, dessa forma, a ideia de envelhecer enquanto uma construção social, pois aquilo que poderia ser considerado ultrapassado e pejorativo em um sujeito; para outro, poderia estar relacionado à virilidade, ao charme, ao prestígio.

Para os homens, as consequências da idade estariam supostamente ausentes, de tal modo, os anos não significavam a perda de vontades sexuais, tampouco a imagem do rechaço. Nesse preâmbulo, as mudanças corporais masculinas, a exemplo do surgimento de cabelos brancos e das rugas, estavam estabelecidas enquanto sinônimos de admiração e de uma saúde sexual inesgotável.

¹⁷⁸ A Semana. Belém, 1 de novembro de 1924, n°. 341, p. 37.

Existiam vários conflitos relacionados à tentativa de determinar em qual momento chegava-se à maturidade, ocasionados pelas inúmeras desigualdades de posições sociais distribuídas entre os sujeitos históricos. Aquela fase da vida, e todas as suas características negativas ou positivas, viriam a ser interpretadas com ajuda de variados instrumentos coletivos de representação, para os quais o tempo cronológico poderia configurar apenas um critério de definição dentre outros marcadores sociais, percebidos de maneiras diferentes; todavia, a questão do envelhecimento atingiria a todos, apesar de os sistemas simbólicos sobre a sexualidade masculina fossem menos estigmatizantes, se tornou possível visualizar alguns fenômenos importantes dentro dessas disputas, a exemplo das tendências discursivas condizentes à sexualidade e à vida afetiva masculina, que foram postas à baila de maneira a tentar angariar prestígio conforme eles envelheciam.

As imagens do homem na maturidade e na velhice entravam em cena e pareciam formular novas estratégias no “jogo de negociações” a envolver os signos do envelhecimento; nessa perspectiva, eles elencavam um conjunto de discursos na tentativa de amenizar alguns constrangimentos possíveis em relação a ação do tempo em seus corpos e em suas mentes. Como observado anteriormente, passados os trinta anos de idade, as mulheres começavam a perder as qualidades de moças jovens e sedutoras, segundo um tipo de elaboração discursiva muito presente: o envelhecimento delas foi associado à profunda amargura e à “assexualidade”; aos homens, tais simbolismos iriam em direções consideravelmente opostas. Acerca desse aspecto, o poeta Paulo Maranhão, ao expor representações relacionadas à passagem de um homem por diferentes fases da vida, indicava como os signos do tempo definiam mudanças na libido e alguns aspectos do sentimentalismo masculino, ao usar o exemplo do matrimônio, de maneira enfática, Maranhão expunha as seguintes formulações: “se o homem não perde, com o casamento, a linguagem violenta dos sentidos, a dos sentimentos lhe deve ficar interdicta”.¹⁷⁹

A presença fremente de liberdade e da excitação sexual masculina, diante da idade madura e do casamento, faziam parte das subjetivações, em construções de personalidade entendidas como natural do macho; visão diferente era dada aos âmbitos sentimentais e amorosos, estes deveriam ser amenizados diante do enlace matrimonial. Em suma, suas aspirações pareciam estar inteiramente ligadas a um universo de movimentos constantes a circunscrever a vivacidade, a inclusão em campos de legitimação do direito aos usos do corpo. Recorrentemente Maranhão voltava a afirmar a ânsia sexual dos homens na

¹⁷⁹ A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, n.º. 44, p. 9.

maturidade, apesar de reconhecê-la enquanto época de “se sentir com menos força”, a idade madura representava a possibilidade de reinvenção e a de abertura de novas perspectivas amorosas, como mencionava o poeta: “era um simples olho d’água, deixa que assim me expresse, que se fez regato, que se fez rio e que agora transborda, quando os meus cabellos estão brancos”.¹⁸⁰

Tais processos estariam relacionados aos conjuntos antiquíssimos de significação em torno do homem, os quais foram examinados de maneira esclarecedora por Claudine Haroche em “Antropologias da virilidade”. No texto, ao questionar a concepção de potência masculina elaborada no decorrer dos séculos no mundo ocidental, o antropólogo menciona que a virilidade foi encarada como sinônimo de força, “ou pelo menos ela supõe: força física, simbólica, mas também moral – fala-se de força de caráter – considerada e valorizada como um traço fundamental do masculino”.¹⁸¹ Sob esse olhar, a construção da performance viril lhes assegurava prestígio, e as tendências discursivas concernente à sexualidade, inúmeras vezes, estiveram numa declaração elogiosa, a do homem potente. E os signos de envelhecimento poderiam ser automaticamente relacionados ao prestígio e à elegância daqueles senhores, tidos como “desgastados” muito mais tarde no tempo. Desse modo, o ápice de suas vivências afetivas estavam longe de terminar com a saída dos vinte e tantos anos; então, as elaborações de significados para o envelhecimento configuravam um jogo de poder com vantagens imediatamente determinadas, em relações persistentes na definição de espaços liberados para alguns e limitados para outros.

A liberdade de ser menos regado em sua vida sexual, portanto, estava alinhada às muitas construções de virilidade e masculinidade perpetuadas por séculos na história ocidental. Esse fenômeno poderia ser observado por meio de diferentes recortes, mas havia um ponto em comum: a implementação de vantagens exclusivas aos possuidores do falo; entretanto, possuí-lo representava estipuladas responsabilidades, as quais não os isentava de algumas preocupações no seio do convívio social. Para alguns pesquisadores, a valorização do aparelho genital masculino em detrimento do feminino já começara com a evolução da espécie humana, no momento em que o homem parou de andar sobre quatro patas para uma postura ereta, como menciona o historiador francês Bruno Nassim Abouddrar: “a vulva da mulher de pé fica escondida pela convexidade do púbis e dos seus pelos; é o aparelho genital

¹⁸⁰A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, nº. 44, p. 9.

¹⁸¹ HEROUCHE. “Antropologias da virilidade”. Op., Cit., p. 16.

do homem, em grande parte mascarado pelas coxas quando está “a quatro patas”, que a postura ereta expõe”.¹⁸²

No centro dessas construções, a preocupação com a impotência sexual masculina foi explorada por diferentes tipos de discursos ao longo do século XX e, ao contrário das mulheres, às quais fora dito que a prática sexual não seria preocupação central frente à idade avançada; para os homens, havia grande assistência ensejada pela própria ciência médica relacionada à reconstrução da saúde sexual. Mesmo sem confiabilidade, surgiam inúmeros tratamentos para impotência sexual, recorrentemente expostos pelas mídias sociais no limiar do período novecentista, nesse conjunto, a degradação da sexualidade masculina, tida como exacerbadamente grave, ameaçava a imagem vangloriada daqueles senhores, porque ser homem impotente se tornava vexatório aos olhos dos demais. Nesse intercurso, por um lado se estabelecia socialmente as vantagens masculinas; por outro, as limitações físicas relacionadas à lentidão da renovação celular ocasionada pela idade (as quais atingiam a todos) acionavam medos, tensões e dilemas.

Todas essas imagens estavam acompanhadas de processos antiquíssimos, relacionados ao desejo masculino de orquestrar dominação; se criava todo um conjunto de valores primordiais, os quais estabeleciam o manejo do simbólico como arma potente de legitimação. A força masculina, para além de existir naturalmente, deveria ser mostrada e exemplificada a todo tempo; no entanto, existiria um constante temor do macho mediante a descoberta de suas vulnerabilidades e ser reconhecida sua impotência “de maneira que a dominação masculina poderia também ser explicada como uma tentativa de dominação da impotência masculina”. Os “machos” deveriam exercer força física e simbólica de forma entendida como “insidiosa” (disfarçada) presente nas entrelinhas dos discursos e dos hábitos.¹⁸³ Tais simbologias eram construídas em diferentes circunstâncias da vida social, e chegam ao presente como parte do acervo discursivo dos meios de comunicação de massas. Nesses espaços, a perpetuação da figura do macho dominante pareciam ser uma das metas a serem alcançadas frente ao envelhecimento.

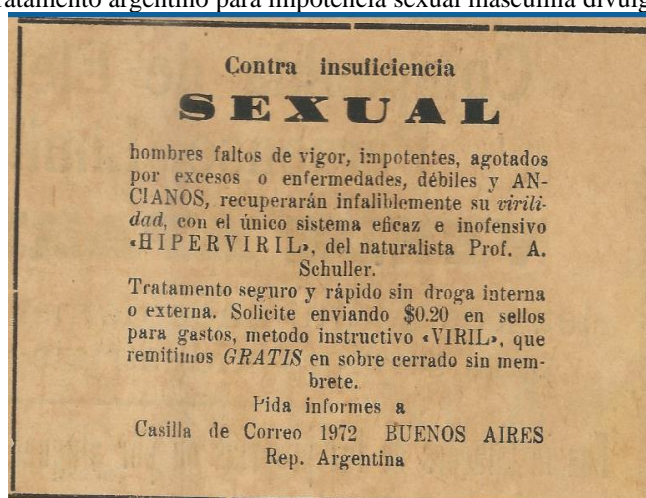
Na cidade de Belém das primeiras décadas do século XX, os testemunhos desse processo apareciam em diferentes mensagens. Algumas, vinham dos textos tidos como meios de “entretenimento”, outras, dentro das discussões médicas e científicas. Mas, em suma, todas essas verbalizações começavam a fazer parte do cotidiano da cidade; com o intuito de vender,

¹⁸² ABOUDRAR. Bruno Nassim. “Exibições: a virilidade desnudada”. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org). História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Vol. III. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 488.

¹⁸³ HAROCHE. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. Op. Cit., p. 29.

os anunciantes apelavam para o desejo primordial masculino de manter uma imagem dignificada através da performance sexual e da aparência. As propagandas de cuidados pessoais lançadas para os homens estavam relacionadas diretamente às formas de aprimorar os seus desejos sexuais no outono da vida, a “fogosidade” não deveria cessar. Assim, variados meios de comunicação publicavam em suas seções de anúncios alguns produtos ou tratamentos tidos como “revolucionários” para o público masculino, como aqueles relacionados à supressão da disfunção sexual, problema muito recorrente entre os velhos, e parecia assinalar a oportunidade de continuar a viver prazerosamente, diferentes das mulheres.

Figura 8 – Tratamento argentino para impotência sexual masculina divulgado em Belém



Fonte: A Semana. Belém, 23 de fevereiro de 1935, nº 839, p. 28.

A idade avançada traria inúmeras consequências físicas e mentais, por esse motivo, muitas vezes foi colocada em categoria muito próxima a de doença dentro das discussões médicas, “do ponto de vista biológico, o envelhecimento é descrito como um estágio de degeneração do organismo, que se iniciaria após o período reprodutivo”.¹⁸⁴ Logo, imagem da potência sexual do homem diante do envelhecimento predisponha estratégias de controle do desgaste naturalmente ocorrido no corpo, caso contrário, as projeções subjetivas de dominação sexual masculina ficariam exacerbadamente frustradas, em desconfortos psíquicos causados pela dificuldade de exercer a tarefa do pênis. Não obstante, seria bastante improvável que alguns daqueles senhores não passassem por determinadas privações características da senescência (tais como a perda da ereção). Dessa forma, se fazia muito necessário acionar mecanismos de reversão de algumas consequências inevitáveis do envelhecimento, uma delas se destacava: a impotência sexual, para o homem, tida como

¹⁸⁴ GROISMAN. “A velhice, entre o normal e o patológico”. Op. Cit. p. 66.

esvaziamento da dominação ensejada pelo falo e, conseqüentemente, da própria dignidade masculina.

Como resposta, caberia uma rápida investida de capital necessário para solucionar tais problemas, essas mensagens pretendiam apaziguar a frustração de uma vida sexual pouco eficiente, as conseqüências desse tipo de problema estavam para além de mero constrangimento individual, mediante a imagem da virilidade almejada, eram parte dos medos compartilhados. Inobstante, existia a dependência dos fatores biológicos para as construções da virtude masculina, aqui centrada na imagem do homem enquanto aquele que, no ato sexual, penetra e comanda. Estar em idade avançada e, conseqüentemente, vir a ter problemas sexuais, estabelecia declínio e quase uma invalidez social. Diante disso, a preocupação com o olhar do desejo feminino viria à tona, além da necessidade de firmar-se perante os outros homens, apesar das tentativas de tornar “o ser macho” alheio aos tais dilemas.

A historiadora francesa Anne-Marie Sohn, em “O corpo sexuado”, discorre quanto ao declínio da atividade sexual relacionado à idade. Para a autora, como tudo aquilo que altera o bem-estar corporal, esse processo seria cada vez menos tolerável no decorrer do século XX, durante o qual a atividade sexual seria frequentemente pensada numa perspectiva dissociada do parceiro e relacionada ao prazer pessoal.¹⁸⁵ Não restava dúvidas que desde as primeiras décadas do período novecentista essa preocupação se fazia presente, e já era capaz de elaborar instrumentos para burlar a passagem do tempo em relação a libido masculina; em Belém do Pará, como observado, essas mensagens chegariam em variados contextos, desde os medicamentos comercializados, até a estudos que buscavam comprovar a eficácia de determinados tratamentos relacionados ao desejo sexual, sobretudo, lançados para o olhar masculino.

Ao se concentrar em questões análogas, o historiador Jakson Ribeiro empreendeu pesquisa voltada para a cidade de Caxias, Estado do Maranhão, onde analisou os diversos anúncios de remédios e tratamentos presentes na imprensa ilustrada da cidade. As mensagens estavam inseridas em contexto no qual se precisava criar a imagem de um País forte e saudável. Nesse sentido, os anunciantes buscavam aliar a imagem do homem com a da força e, mediante algum problema de saúde, os produtos prometiam recuperar o “vigor masculino” perdido pelas diversas doenças oportunistas, como menciona Ribeiro: “a imagem fortalece os princípios exaltados quanto ao corpo e vitalidade dos homens para o bom aproveitamento das

¹⁸⁵ SOHN. “O corpo sexuado”. Op. Cit., p. 131.

atividades relacionadas ao trabalho, como também a própria imagem do homem forte e viril”.¹⁸⁶

Para além das questões do trabalho, se percebia constante preocupação com a sexualidade masculina; ela era legitimada socialmente como o espaço para ser forte, para ser potente, para exercer poder sobre os demais, todas essas qualidades eram indispensáveis aos homens. Em conformidade com esse conjunto de expectativas, no ano de 1939, a revista “Pará-Médico” divulgou em suas páginas uma correspondência vinda dos Estados Unidos, tratava-se de um estudo intitulado “Tratamento da insuficiência testicular pelo propeonato de testosterona”, empreendido pelo dr. Perry Mc Cullagh; dentre outros benefícios, a pesquisa desenvolvida buscava afirmar que, no período de 4 anos de tratamento, consistido em aplicações subcutâneas de testosterona, o homem possuiria um pênis mais avantajado e uma maior quantidade de sêmen. Estariam solucionadas tanto as questões de impotência sexual, quanto as de infertilidade, como afirmava Cullagh: “Nos casos de hipogonadismo funcional do adulto o tratamento foi seguido de melhora completa dos sintomas sexuais e nervosos. Em castrados, a impotência, os sintomas vasomotores, e nervosos podem ser abolidos por doses suficientes”.¹⁸⁷

Existia vasta “atmosfera da virilidade” nos meios de comunicação científica e nas mídias de entretenimento cotidiano, destarte, demonstravam-se os desejos e as aflições mais particulares, preocupações as quais não deixavam de serem usadas como manobra para o lucro, na medida em que o privilégio de viver por mais tempo a sexualidade, aparentemente, só seria assegurado pelas mãos dos “doutores”, com seus métodos e procedimentos ditos eficientes, vendidos sem pudor nas páginas impressas. Repetidamente, em outro estudo denominado “Absorção percutânea do hormônio sexual masculino”, o pesquisador chamado Fussanger discutira estratégia alternativa relacionada ao uso da testosterona em pacientes com problemas sexuais. Para o cientista, o hormônio masculino, quando colocado sobre a pele, seria absorvido rapidamente, chegando à corrente sanguínea de maneira tão eficaz quanto a sua introdução subcutânea. Nas palavras de Fussanger: “Os casos tratados foram três: um de impotência post-puberal, outro de orquite bi-lateral consecutiva à parotidite e outro de puberdade retardada. O método deu excelentes provas”.¹⁸⁸

¹⁸⁶ RIBEIRO, Jakson dos Santos. Filhos da princesa do sertão: representações da masculinidade na imprensa em Caxias/MA durante a primeira república. Dissertação (mestrado), História Social, Programa de Pós-Graduação em História, UFPA, p.164.

¹⁸⁷ Pará-Médico. Belém, junho de 1939, n.º. 48, p. 35.

¹⁸⁸ Pará-Médico. Belém, junho de 1939, n.º. 48, p. 38.

Anne Carol, historiadora francesa, ao dissecar a virilidade diante da medicina, abordou diferentes discursos científicos que reivindicaram ao ser macho uma posição de poder. No decorrer do XX, a ciência médica categorizava a virilidade por meio de dois critérios: por um lado, ela “solicita a virilidade dos indivíduos” e, por outro lado, ela “exige o desempenho sexual desse indivíduo masculino”. Concentra-se em definições anatômicas (a presença de um aparelho genital adequado no macho) e fisiológicas (uma ereção que torne possível a penetração), dessa maneira, a medicina intervinha por meio da anatomia, da fisiologia e da terapêutica “para restaurar uma potência sexual enfraquecida ou inexistente”.¹⁸⁹

Havia grande empenho metodológico para desvelar diferentes abordagens clínicas, em assegurar todas as possibilidades de tratamento, amparadas nos diferentes experimentos empreendidos com a intenção estabelecer o sucesso em uma empreitada centrada na manutenção do desejo masculino (da virilidade e da sua abrangência). A idade cronológica não deveria ditar as funções sexuais do macho, pois elas eram cruciais para a construção do “eu” masculino vigentes. No meio dessas demandas, os discursos científicos construiriam nova parcela de “instrumentos de apoio” para os homens, ou melhor, o amparo médico se transformava em componente das vantagens do macho quando passados seus quarenta, cinquenta ou sessenta anos de vida. Por sua vez, as disputas de sentido do envelhecimento eram influenciadas pelos próprios desenvolvimentos científicos, todavia, somente alguns sujeitos poderiam usufruir deles: os afortunados.

Firmar áreas de interrogação da sexualidade masculina, nesse panorama, confluía com a elaboração de imagens sociais dadas às diferentes fases da vida, entende-se: o homem, da puberdade à maturidade, teria amparo de tecnologias variadas de avaliação da sua condição sexual, assim como, usariam de diferentes terapias para a resolução dos problemas diagnosticados. Não se sabe ao certo com qual frequência essas experiências ocorriam em Belém do Pará no começo do século XX, ou se apenas se tratava de discurso reproduzido e relacionado à exaltação da experiência estrangeira; entretanto, elas definiam interesses coletivos prementes. Da mesma forma, identificava-se outro tipo de desigualdade referente às perspectivas de envelhecimento: aquelas que se concentravam na classe social. No fim de contas, esses tratamentos seriam comercializados para um público bastante restrito, o dos homens burgueses interessados em avanços científicos e preocupados com os ditames da aparência e os da potência sexual (esgotada pelo tempo).

¹⁸⁹ CAROL, Anne. “A virilidade diante da medicina”. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org). História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Vol. III. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 35.

Negar os ditos malefícios da vetustez, segundo os testemunhos históricos colhidos, configurava a capacidade complexa de elaboração discursiva, entendida como uma fórmula potente de autoconvencimento das benesses relacionadas às mudanças físicas ocasionadas pelo tempo. Da mesma maneira, buscavam convencer os demais por meio de acionamentos discursivos variados: declaravam grandes elogios aos cabelos grisalhos, as rugas angariavam seriedade, a vestimenta condicionava respeito e o comportamento sexual, mais do que nunca, mostraria a sua força. Aproveitavam bastante a imagem de intelectuais (relacionada ao prestígio) para lançar sentenças, na tentativa de estipular um ponto de vista sacralizado. Todas estas estratégias estiveram acionadas no jogo de significações, num campo de negociações acirradas, o envelhecimento entrava em disputa: deveria ser negado ou deveria mudar o seu sentido pejorativo? Talvez as duas estratégias pudessem dar certo nesse campo minado de eloquentes debates cruzados.

Esses pontos de vista podem ser encarados como próprios de uma sociedade dita avançada e moderna, na qual a ideia de envelhecer estaria estritamente inserida numa concepção de decadência e sofrimento, e afastar esses prejuízos significava continuar a existência de maneira prazerosa. Ao se atentar a essa questão, Norbert Elias traduziu determinada preocupação ocidental, ocorrida por causa do desenvolvimento das chamadas “tecnologias de proteção à vida”. Inserida nesse conjunto, a medicina, apesar de ter instaurado melhor qualidade de vida, da cura das doenças, das cirurgias, dentre outras descobertas, lançou mais fortemente a necessidade do afastamento social dos idosos e moribundos, vistos como impróprios, colocados fora do alcance dos demais (geralmente em asilos). Nas palavras do sociólogo alemão: “A fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola. Podem tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos”.¹⁹⁰ Tais concepções caracterizavam o medo de se tornar frágil e inadequado, por sua vez, influenciava na narrativa de negação do envelhecimento entre os homens, historicamente detentores de locais de poder, e o estado da velhice significava a total antítese da dominação requerida por eles.

Desejo da felicidade inesgotável edificada pelo comportamento sexual e duas imagens, divagações sobre terapias, manobras para usos do corpo e eufemismos em relação à aparência masculina desgastada pelo tempo, todas essas se concretizaram como as principais táticas discursivas relacionadas à maneira de se interpretar a idade cronológica dos homens. Para além da disfunção sexual, havia outra preocupação, dessa vez, frente aos ditames da

¹⁹⁰ ELIAS. “A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer”. Op. Cit., p. 1.

aparência: as imagens do desejo e as da admiração foram rapidamente acionadas caso houvesse a ausência de determinados signos da beleza naqueles senhores, aos homens, eram sancionadas determinadas identidades visuais como maneiras de configurar o prestígio almejado.

As inseguranças masculinas apareciam em diferentes contextos: alguns mais diretos e enfáticos, outros presumidamente despretensiosos; dessas mensagens, a alusão ao mundo das ditas “frivolidades” não parecia ser, como muitos afirmavam, comportamento apenas feminino. Dito de outra forma, a preocupação com o corpo e com a vestimenta adequada no seio do convívio social atingia os homens de maneira considerável; a ideia de estética corporal seria uma dessas teias dissertativas evidentes, não deixavam de assinalar preocupações no bojo da sexualidade e da dominação. Naqueles ditames “fúteis”, os homens se debruçavam inúmeras vezes, a exemplo da necessidade de serem vistos como atraentes através do apuramento dos cabelos, desejo amplamente explorado pelo universo capitalista, onde tais dilemas foram usados para angariar parcela considerável de consumidores.

Figura 9 – tratamento da calvície masculina divulgado em Belém



Fonte: Estado do Pará. Belém, 11 de outubro de 1922, nº 4123, p. 5.

A calvície acionava o medo e a vergonha masculina, várias vezes o homem calvo foi visto de maneira pejorativa, estética capaz de gerar riso, afinal, dentro dos padrões de beleza estabelecidos, a falta de cabelo poderia significar a tão temida imagem de desgaste. Uma aparência “velha” rapidamente era tida como “feia” e representava falta de charme e, definitivamente, não assegurava visual propício ao estabelecimento de interesse sexual.

No entanto, não foram poucos os discursos que buscavam estabelecer ideia menos depreciativa mediante às carecas masculinas, principalmente por meios intelectuais letrados. Em texto intitulado “Não ha perigo”, no impresso ilustrado “Belém Nova”, o articulista Padre Dubois buscava lançar investigação condizente aos hábitos causadores da queda de cabelo, em relação às mulheres, o autor relacionava a futilidade feminina com o aparecimento de um

“micróbio” o qual se encarregava de castigar as madeixas; para os homens, o autor dizia ser o trabalho intelectual a principal causa da perda dos fios. Nessa perspectiva, buscava-se acionar determinada imagem prestigiosa – a da inteligência – na tentativa de apaziguar a possível visão vexatória mediante a falta de cabelos: “Nesta derradeira hypothese a epilação craneana valeria por um attestado de inteligência. Teria pois acertado o povo quando disse não haver burro careca”.¹⁹¹

A dignidade masculina foi notadamente defendida, ela fazia parte das compreensões do homem enquanto sujeito público – aquele para o qual o “prestígio” seria sempre acionado – em imagens distribuída para todos os senhores, os quais falariam em favor de seus semelhantes mediante algum tipo de ofensa à dignidade.¹⁹² Em consonância com esse hábito, Padre Dubois afirmava (apoiado em eufemismos) que o trabalho intelectual era a causa da queda de cabelos, pois, na ausência de beleza, a inteligência estava firmada como ponto de admiração. Diferente da mulher, tida como possuidora de fúteis preocupações, a calvície feminina nada mais indicava que a vaidade desenfreada, em suma, a estética corporal era constantemente revisitada gerando múltiplas inquietações as quais se ligavam principalmente à autoestima e às suas variadas conexões com o mundo social e duas desigualdades.

Ser homem, e estar em situação desfavorável, significava sempre ter apoio de seus pares, tomavam para si os signos da beleza e do desejo em idade madura. Mesmo diante de assuntos tidos como “fúteis” tentariam angariar privilégios, as projeções de autoafirmação demonstravam a necessidade em convencer os leitores sobre as supostas qualidades indestrutíveis do macho, e eles não sabiam como desenvolver essas temáticas de uma maneira apartidária, essas exaltações pareciam vir de pensamentos muito em voga socialmente. Em todo lugar eles estavam atravessados por dispositivos de legitimação e de vanglorio, a definição de imunidade masculina aos julgamentos revelavam os medos mais subjetivos: do não desejo, do rechaço e da pouca virilidade, todos esses relacionados, principalmente, ao complexo dilema do envelhecimento.

Os homens, frente às disfunções sexuais, teriam rápido amparo médico e científico; mediante a queda de cabelos, contariam tratamentos e os discursos elogiosos de suas aparências; em face às rugas e aos fios grisalhos, teriam sobre si a imagem de admiração do homem maduro e consideravelmente atraente, todos esses fatores produziam a ideia da sexualidade masculina frente ao passar dos anos, questão que não deixaria de entrar no debate

¹⁹¹ Belém Nova. Belém, 29 de novembro de 1924, n.º. 26, p. 6.

¹⁹² RIBEIRO. “Filhos da princesa do sertão”. Op. Cit.

intelectual cotidiano. Para além do discurso médico e propagandístico, tais construções se concretizavam em abordagens literárias da vida matrimonial, e em observações dos padrões de afetividade existentes naquele período histórico; nessa seara discursiva, ganhava grande força a tendência aos argumentos de defesa do macho maduro em seu uso quase recreativo da libido. Essas mensagens, em Belém do Pará, se aliavam aos inúmeros padrões imaginativos da senescência masculina pré-existentes, como aqueles relacionados a legitimidade dos usos do corpo e do dinamismo condizente aos contatos amorosos.

Das relações amorosas marcadas pela diferença considerável da idade, ebulia a concepção da maturidade masculina construída de maneira mais aprazível, nesse particular, quando a discussão principal se centrava no casamento, os discursos que exploravam a idade e as vivências sexuais relegadas aos homens traziam à tona um maior dinamismo, mesmo perante a idade madura e ao compromisso formado no altar. Nesse particular, eram comuns arranjos matrimoniais com discrepância significativa da idade entre os envolvidos, com uma tendência enorme para a formação de casais onde uma garota de pouca idade casava-se com um homem adulto e dito benquisto, geralmente possuidor de algum título, como o de doutor: “A futura esposa do sr Roberto é uma creatura interessante, de 12 annos e 8 mezes, de idade, moradora á avenida Nazareth. Os paes da menina ainda não deram entrada áquelle apaixonado cavalheiro”.¹⁹³

As formulações circunscritas ao redor da idade geravam sistemas de legitimação do domínio masculino sobre meninas jovens e inexperientes, nesse processo, os aspectos matrimoniais deixavam em evidência a diferença na experiência de envelhecer, mais uma vez acusando as vantagens sexuais imediatamente determinadas. Ou seja, o casamento para elas vinha mais cedo, não podendo esperar o “entardecer da vida”, diferente deles que poderiam se casar a qualquer momento da adolescência ou da vida adulta. Ademais, uma vez unidos enquanto marido e mulher, os diversos significados atribuídos ao casal apontavam determinadas compreensões desiguais do exercício da sexualidade.

Diversos discursos complementam essas cadeias de representação, principalmente aqueles cujo foco se traduzia no interior da vida conjugal: marido e mulher, com diferenças etárias consideráveis, doravante, iriam conviver sob o mesmo teto, para o qual traziam suas diferentes noções de uma vida a dois, marcadas por necessidades dissonantes. Nesse vasto arsenal de projeções sobre o casamento, um tema parecia ser recorrente: a infidelidade conjugal masculina, para essa infração foram sugeridas, segundo as delimitações temáticas,

¹⁹³ A Semana. Belém, 3 de fevereiro de 1923, nº. 250, p. 19.

aspectos de um universo sentimental conflituoso; nesse ambiente, de maneira enfática, a sexualidade ganhava contornos distintos. Em suma, a infidelidade conjugal era alvo de constantes deliberações, e os homens eram exemplos de uma vida cheia de movimentos em detrimento das mulheres.

Elas, antes jovens e solteiras, agora deveriam ficar reclusas no lar e não tinham mais os olhos alheios voltados para os seus corpos e dilemas sexuais, ao homem mais velho e de prestígio social; de outra forma, sutilmente era legitimada determinada continuidade em uma vida de movimentos e liberdades. Como mencionado anteriormente, existia determinada imagem da maturidade masculina como sinônimo de virtude, diferente das mulheres que, quando casadas e maduras perderiam as características da juventude e da vivacidade sexual. Em fragmento de “A Semana” cujo autor não estava identificado, fora possível verificar essa desigualdade performativa:

Do amor só uma coisa se faz deliciosa: o mysterio em que se envolve o casamento, desde o principio do namoro até o ultimo instante do noivado. Casado, enfim, ainda nos primeiros sessenta dias, o homem é muito amigo, amigo maior e mais sincero do que o proprio cão que é o mais sincero e o maior dos amigos. Aos noventa – por experiencia propria, contou-me sua irmã casada – os maridos, quando não arranjam para sair de noite, o sedição pretexto da maçonaria, tornam-se affeiçoados do cinema ou dos passeios de bondes para distrahir, enquanto o automovel anda pelo preço da morte... Mil e um motivos, eles conseguem para a ausencia do ninho de venturas! Exclama a senhora.¹⁹⁴

Ao mesmo tempo, o texto expõe uma angústia feminina e indica determinada naturalidade no tratamento do hábito masculino suspeito. Novamente trazia à tona questões de infidelidade conjugal: “dizes-me que o teu marido te engana. É possível. Ia quasi a dizer – é natural”.¹⁹⁵ Na perspectiva apresentada por muitos desses autores, existia a visão constante do homem infiel, as narrativas textuais falavam da liberdade masculina de fazer sexo fora do casamento, como prosseguia com a narrativa: “Ha quinze annos, quando me casei, tive a ilusão de supor que ainda havia um marido fiel o meu: tres mezes depois, essa mesma ilusão tinha-se dissipado como fumo. Todos os maridos enganam, minha querida Mary”.¹⁹⁶ Na continuidade do texto, aconselhava a amiga Mary a se tornar “mais bonita” para “reconquistar o marido” porque, no fim de contas, ele era o “único que ela tinha”.

¹⁹⁴ A Semana. Belém, 17 de setembro de 1921, n.º. 180, p. 23.

¹⁹⁵ A Semana. Belém, 19 de janeiro de 1924, n.º. 300, p. 8.

¹⁹⁶ A Semana. Belém, 19 de janeiro de 1924, n.º. 300, p. 8.

As mulheres teriam de construir diversas defesas para assegurar a estabilidade de uma vida à dois, devido principalmente a grande desvantagem relegada a elas no processo de separação. Para além dos estigmas da idade, a própria legislação da época determinava a indissolubilidade matrimonial, mesmo após o Código Civil de 1916, como indicou Ipojuca Dias Campos, as determinações dessa não significaram uma transformação expressiva no âmbito da união matrimonial, nas palavras do autor, a legislação “não promoveu modificações profundas na família, aliás, apenas algumas terminologias mudaram, o que reforça a conjectura de que se pretendia a reafirmação do ideal conjugal que há séculos a Igreja difundia”.¹⁹⁷ Mediante as desvantagens, seria recorrente a aceitação das infidelidades conjugais, em consonância, estar solteira viria a ser mais difícil do que ter marido infiel, principalmente ao se ter em mente o avanço da idade.

Diante dos aspectos percorridos, ficava evidente que os membros de uma intelectualidade detentora de lugar oportuno para expor suas opiniões em revistas ilustradas, tidas como divulgadoras de uma vida moderna numa utópica prosperidade em Belém do Pará, assinalavam suas visões de mundo lançando reflexões aos leitores sobre como deveriam estar dispostos os sujeitos sociais perante alguns segmentos da sexualidade diante do processo natural do envelhecimento. Os simbolismos estavam apoiados em posições de poder historicamente definidas, para os homens estava assegurada a imagem do desejo inesgotável, esses caminhos interpretativos defendiam que determinados comportamentos não seriam invalidados conforme a idade que, principalmente quanto à afetividade e à performance sexual, pareciam estar centradas em formulações discursivas um pouco menos condenatórias.

Todavia, tratava-se de ideia forjada, com intenções sociais definidas de acordo com a escala de privilégios existentes. Referente aos estigmas lançados, a imprensa se tornava um instrumento eficaz para legitimar conformações da experiência afetiva e sexual da juventude, da maturidade e da velhice; relativo ao matrimônio, as meninas se casavam muito jovens com homens mais velhos, e havia tendências discursivas as quais mesclavam normalização da infidelidade masculina com sentidos de virtudes do apetite sexual, e evidenciava os sentidos atribuídos às idades dos sujeitos, onde o homem maduro se movimentava sexualmente de maneira mais “liberta”. Por estas razões, o sistema de determinações da masculinidade como quase “imune” às insalubridades da idade surgia como uma janela, dentro da qual havia um universo de “dispositivos de poder em ação”. Porquanto, a virilidade inesgotável do homem

¹⁹⁷ CAMPOS, Ipojuca Dias. Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916 / 1940). Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009, p.44.

maduro tratava-se de uma imagem forjada, muito relacionada aos interesses dos detentores da possibilidade de escrever numa folha de entretenimento impressa que, aparentemente, seria lida por uma parcela da população belenense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem beijará essa cabeça que já ninguém quer acariciar e que fatigada de buscar um seio amante, sobre o qual pudesse repousar, busca o seio da Morte, que parece fugir desta cabeça que foi tão acariciada? Como tarda a hora de reclina-la sobre o unico coração que nos espera... Oh, esse coração que é o unico que não palpita! Nada se ouve quando se dorme sobre esse coração... Nada! Nem o tic-tac das horas e da Eternidade, que soam sobre a terra, em cujo coração se refugiam os homens – quando o seu deixa de lhe palpitar no peito...¹⁹⁸

As perspectivas do envelhecimento humano estiveram constantemente envolvidas por determinados sentimentos de angústia e aflição. Nas representações coletivas, esses arranjos disseram do medo de encarar o destino mais inaceitável pela humanidade: o da morte. Como parte dessa construção, foram atribuídas imagens e projeções para o os homens e para as mulheres que começavam a se “aproximar” desse terrível lugar, era como se a morte não acontecesse no último suspiro, mas fosse antecipada por um caminho, às vezes longo, de pesados sofrimentos, não somente em relação às mudanças na estrutura material dos corpos, mas nas reverberações dessas alterações nas instâncias simbólicas da vida, como o direito a participação social: no trabalho, nos afetos, nas diversões, nos conflitos, nas movimentações diversas.

Durante as discussões anteriores, foram analisadas representações do envelhecimento humano nas décadas de 1920 e 1930 em Belém do Pará, nesse percurso, ganharam força as mensagens do passado que falavam do corpo, da saúde e da sexualidade. Tendo em vista esses três direcionamentos, muitas características do objeto em questão foram percorridas, assim como, a relação dele com o contexto histórico e com o espaço geográfico apresentado. Não obstante, observou-se que as fontes condizentes à imprensa literária e noticiosa se transformaram em locais propícios para colocar o tema do envelhecimento em pauta, e as abordagens estavam fortemente atreladas aos “jogos de poder” existentes, assim como, aos mecanismos de funcionamento daquela sociedade. Frente ao assinalado, compreendeu-se que a ideia de envelhecer estava sujeita às formulações ensejadas por muitos dos “sentimentos de modernidade e desenvolvimento social” dos anos apresentados, nos quais o vanglorio da juventude ganhava impulso significativo, gerando conflitos entre uma ideia de velocidade e

¹⁹⁸ Belém Nova. Belém, 30 de agosto de 1927, p. 4.

produtividade, e outra de lentidão e ineficiência – a primeira representando a juventude e, a última, a velhice.

Em conformidade, na esteira das mudanças sociais ocorridas no Ocidente a partir das primeiras décadas do século XX, o padrão demográfico, como assinalado anteriormente, se delimitava a partir da predominância de uma população jovem e do constante deslocamento do ambiente rural para o espaço urbano. Perante esse contexto, o mundo da cidade se tornava um espaço “preparado” para atender às necessidades de homens e mulheres recém-chegados ao período adulto ou da maturidade. Tais condições, fundamentalmente, contribuíram para a visualização do cotidiano como um “quebra-cabeça” a ser montado por “novas atitudes”, “novas forças de trabalho” e, inclusive, “novos padrões de lazer, de sociabilidade e de sexualidade”. Tais mudanças poderiam ser percebidas nas perspectivas relacionadas às diversões carnavalescas, as quais ganhavam contornos mais atualizados, colocando as “velhas formas de se divertir” em situação de vulnerabilidade. Também nas instâncias do trabalho, do matrimônio, do comportamento e da aparência, muito centradas nas expectativas de uma vida juvenil. À vista disso, existia pouco entusiasmo diante do envelhecimento, configurado, quase sempre, pela “perda de papéis sociais” e pelo “desânimo existencial”, de modo a dificultar o alinhamento das demandas dos velhos nesse conjunto de estruturas da reprodução social focada nos jovens.

Todos esses fatores viriam a desembocar, conseqüentemente, em análises dos corpos e mentes humanas muito envolvidas pelo sentimento de esgotamento dos acontecimentos que davam sentido à vida quando da velhice. Com efeito, segundo muitas das expectativas, traduzidas pelas letras dos articulistas nas revistas ilustradas da época, as condições para participar do mundo social se limitavam ao microcosmo juvenil, burguês e urbano, de modo a sancionar pesados distanciamentos a quem não se encaixasse no modelo proposto. Frente a esses fenômenos, nem mesmo o gradual aumento da expectativa de vida viria a colocar o envelhecimento num “lugar melhor” dentre as concepções existentes, como agravante, existiam as idealizações de corpos saudáveis e jovens, almejados por todos. Ou seja, se tornava muito frequente o aconselhamento para uma “boa velhice” (relacionada a continuidade das características físicas da juventude), muito distante da realidade de sujeitos desfavorecidos socialmente. Nesse ponto, ficava muito clara a existência de níveis de desigualdades, as quais não diziam respeito somente ao fator econômico, mas aos processos de socialização e de subjetivação das imagens do “ser velho”, as quais ganhavam contornos relacionados a posição ocupada por cada um, numa escala de vantagens e desvantagens no meio dos acontecimentos coletivos.

Mediante a esses intercursos, os testemunhos evidenciavam que envelhecer era um fenômeno multifacetado, de modo a realocar mais incisivamente determinadas penalidades para alguns, em detrimento de outros, tudo dependia das condições materiais da vida e da posição social ocupada. Dado esse contraste, identificado nos documentos históricos, determinadas pessoas seriam apresentadas como moribundas, como velhas e como infelizes – era esse o padrão presente, por exemplo, em testemunhos das práticas médicas de intervenção no organismo humano – as quais simbolizavam, contraditoriamente, o vanglorio da modernidade e da medicina, ao mesmo tempo em que revelavam muito da falha no alcance desses avanços para determinadas populações. Isso foi possível de ser observado nos indícios do passado que falavam das experiências de adoecimento, em que os corpos de pessoas velhas eram manipulados e divulgados como forma de expor as novas técnicas e tratamentos medicinais, mas, contraditoriamente, mostravam os sofrimentos que se prolongavam em muitos indivíduos, boa parte deles em idades mais avançadas (segundo a expectativa de vida da época).

Ainda nesse intercurso, a dita “capacidade científica” de tornar o corpo hábil para lidar com as consequências da idade, como mostrada nas propagandas de tratamentos e medicações para reverter alguns prejuízos da lentidão da renovação celular no organismo, contrastava com determinados denúncias das experiências de flagelamento das pessoas na velhice, como aqueles referentes aos estudos das moléstias que atingiram mais acentuadamente os velhos carentes. De modo que aquelas mensagens médicas denunciavam a dificuldade de muitos sujeitos em alcançarem os locais de “cura e tratamento modernos para o corpo”. Essa contradição colocava em cena, mais uma vez, a alargamento dos preconceitos relacionados a “pessoa velha” como sinônimo de incapacidades e de limitações, quase como “mortos vivos” (tal como demonstrado em algumas das iconografias utilizadas nessa dissertação), ao enfatizar esse ponto, ficava exposta a tendência a exemplificar a idade avançada pela imagem do “moribundo infeliz”.

Para além da seara discursiva relacionada ao campo científico, as verbalizações encontradas na documentação falavam dos processos de socialização da ideia de envelhecer, discutidos por uma seara burguesa, literária e noticiosa. Nesse caminho, as verbalizações relacionadas aos corpos como sinônimo de potência, de beleza e de juventude, determinavam algumas das principais afirmações a respeito da velhice, nesse sentido, a dicotomização do “jovem”, frente ao seu oposto, se tornava a principal oportunidade para o surgimento de longas discussões acerca do processo natural de envelhecimento humano. Para o qual, às vezes sem economia de palavras, foram confirmadas a capacidades ou a incapacidade para

participar ativamente dos diversos modos de reprodução do cotidiano, como na apresentação dos dispositivos de sexualidade presentes no último capítulo desta dissertação.

Não obstante, para que a interpretação desses fenômenos fosse possível, o trabalho de pesquisa empreendido buscou pelas características marcadamente culturais da sociedade belenense do contexto histórico em cena. Nesse arsenal, as configurações a envolver o matrimônio, os costumes relacionados às vestimentas, os vários conceitos de beleza e as formas de compreensão das funções corporais, todas essas instâncias foram importantes para se traçar alguns rumos da análise historiográfica.

Observou-se que, quando as configurações matrimoniais eram apresentadas, a tendência era de uma moça muito jovem casar-se com um homem maduro, essa abordagem trazia à tona, novamente, inúmeras discrepâncias de sentido dados ao período de maturidade dos sujeitos. Mediante ao fascínio do corpo feminino jovem, o velho se tornava alvo de sentenças estigmatizantes e excludentes. Ao contrário do corpo masculino, jovem ou velho, era colocado como alvo de desejo e admiração em boa parcela das abordagens verificadas. Tudo isso se relacionava com o universo das práticas sexuais e da subjetivação das identidades amorosas e afetivas, de modo a colocar a sexualidade como mais um motor de distribuição das diferenças dadas aos sujeitos diante do processo de “senescência”, exemplificado nos estigmas relacionados ao desejo sexual das mulheres maduras em contraste com a aptidão dos homens maduros.

Como foi possível observar, as desigualdades se configuravam desde a forma como a doença era experienciada, a exemplo dos contextos de manipulação médicas e científicas em pessoas pobres e envelhecidas, até nos desígnios da aparência e da sexualidade, todos centrados na corporalidade como instância propícia para tecer idealizações, julgamentos e procedimentos. O organismo estava atravessado por elaborações ideológicas do meio social circundante, local em que nada passava despercebido, qualquer sinal da ação do tempo na pele era comentado, fosse para sancionar duras críticas às mulheres, fosse para vangloriar uma imagem de virilidade secularmente estabelecida nos homens. Em relação aos julgamentos, eles ocorriam sem a necessidade de escolher o momento mais adequado; fosse nos momentos de lazer e diversão, fosse no contexto da vida doméstica privada ou fosse no cotidiano hospitalar e médico, as considerações dos observadores sempre viriam à tona.

“Transformados” em pontes de acesso a esse mundo, o poeta Paulo Maranhão, o articulista Belmiro Braga, na mesma medida em que, os médicos Orlando Lima e Amanajás Filho, dentre outros inúmeros escritores, fizeram valer, através de suas letras, vasto acervo de concepções acerca do envelhecimento humano no tempo histórico em tela. Tais sujeitos,

assim como os inúmeros homens e mulheres apresentados por pseudônimos, foram peças fundamentais na montagem deste “quebra-cabeça”. Conseqüentemente, foi buscado observar muito dos espaços prováveis pelos quais esses indivíduos circulavam, do mundo social ao qual pertenciam, como forma de compreender os “valores de vida” que interferiram ou moldaram determinadas sugestões dadas por eles ao tema em questão. Nesse percurso, as ideias acerca dos comportamentos adequados, dos locais indicados e dos componentes da vida sugeridos aos que envelheciam, não obstante, estiveram relacionados às concepções pretendidas “oficiais”, tendo em vista serem os escritores pertencentes, em grande parte, a determinados núcleos intelectuais e burgueses da cidade de Belém.

Então, grande parte das verbalizações estiveram no rol do imaginado, do pretendido e do desejado para aquela sociedade, em direcionamentos de efeito ideológico marcante. Justamente por causa disso, ocorria uma forte diferenciação entre as locuções generalizantes e os comportamentos cotidianos desviantes; em face ao envelhecimento, esses processos indicavam aquele contexto de desigualdades constantemente retornado nas análises empreendidas na presente pesquisa. Em suma, a convulsão assinalada serviu para encontrar, dentro das complexidades do discurso frente ao vivenciado, um ponto de atravessamento entre demandas e expectativas, em todas as suas relações conflituosas, e em todos os seus direcionamentos, às vezes, pouco esclarecedores do “mundo real”, se é que seja possível visualizar esse lugar, no mais não foi a intenção desse estudo encontrá-lo.

Entretanto, o cruzamento das fontes de cunho literários e noticioso, frente ao discurso médico e científico, foi essencial para não deixar escapar, das letras dessa dissertação, algumas indicações acerca das experiências cotidianas antagônicas ao pretendido normal. Ou seja, as revistas “Belém Nova” e “A Semana” formavam tipologias discursivas muito relacionadas às fabulações do cotidiano, nelas, ficava bastante difícil perceber uma imagem do envelhecimento distante das idealizações dos cronistas, dos jornalistas e dos literatos. De maneira diferente, a revista “Pará-Médico” possibilitava, a partir do detalhamento de informações acerca dos sujeitos históricos “marginalizados”, um vasto campo de indicações das práticas desviantes da ideia do “envelhecimento oficial”, como aquelas vistas nos processos de gestação em idade madura de mulheres chegadas à maternidade de Belém no período histórico destacado.

Em relação a esse universo multifacetado, a forma de experienciar a ação do tempo, muitas vezes, se apresentava distinta do esperado por determinados grupos sociais, como nas experiências femininas a circunscrever a gestação em idade madura, que questionavam indiretamente a interdição da sexualidade para as mulheres: diante das rugas e dos fios de

cabelos brancos, o “vigor sexual” não cessava. As contradições referentes as formas como os homens eram enxergados, de um lado o vanglorio, de outro o rechaço, eram capazes de gerar constantes conflitos internos condizentes aos ideais de virilidade, tidos como “porto-seguro” para os modos de subjetivação do envelhecimento masculino. Tendo em vista essas questões, o percurso feito até aqui tentou traçar determinada “história psicológica”, principalmente quando falou de desejos, de anseios e de aflições constantemente elaborados frente a percepção da passagem do tempo e da transitoriedade da vida. Conseqüentemente, a categoria “futuro” foi a mais fortemente capaz de infringir das linhas da tranquilidade cotidiana para gerar necessidades e expectativas que determinavam a forma de modelar as “micro histórias individuais”, destarte, o envelhecimento era determinante para a reelaboração das narrativas de vida, estabelecendo novas descobertas.

Com foco nesse ponto das discussões, ainda permanecem perguntas importantes relativas do modo pelo qual os indivíduos davam sentido às suas próprias vidas diante do envelhecimento. Talvez a grande dificuldade esteja na limitação das indicações das fontes percorridas durante este trabalho, mas isso não impediu determinados destaques dados aos comportamentos “desviantes”. No entanto, cabe deixar aconselhamento para novos trabalhos interessados em dar vazão aos questionamentos ainda não esclarecidos, poderiam começar investigando indícios de mensagens surgidas de maneira indireta, ou mesmo alargar a tipologia das fontes escolhidas, encarando, muitas vezes, as limitações referentes aos arquivos e a linguagem empreendida nas mesmas. Mas isso não se tornou “ponto de esvaziamento” das configurações historiográficas presentes neste estudo, pelo contrário, durante esse percurso investigativo foi possível se “aventurar” nas condições de existência de personagens como Elora Maux Passos Pereira, mulher que aos trinta e seis anos pariu trigêmeos na Maternidade da Ordem Terceira em Belém, indicando pontos de questionamento de uma “vida madura” os quais nada tinham de dependentes a um discurso pretendido oficial.

Nesse ponto, as configurações da vida na maturidade e na velhice foram demasiado complexas, não sendo possível firmar determinado eixo norteador exclusivo para as práticas, as escolhas e as imagens construídas no percurso existencial particular dos agentes. Para os homens e para as mulheres, tudo dependeria das condições materiais e das possibilidades de existência simbólica, construídas para cada sujeito no seio do grupo circundante. O que seria possível afirmar era a capacidade de muitas pessoas de elaborarem narrativas de vida alternativas ao pretendido como “normal” diante do envelhecimento, afinal, somente os descolamentos cotidianos iriam dizer da interdição (ou não) da prática sexual, das condições de saúde precárias, dos cuidados corporais possíveis, dentre outros inúmeros fatores os quais

influenciavam as maneiras de existir após as três, as quatro ou as cinco décadas de vida. Tais anseios puderam ser identificados em abordagens mais centradas no universo das experiências, colocadas para visualização de maneira “indireta” nas fontes analisadas, de modo a realocarem os estigmas para uma condição mais específica da participação social, talvez menos importante do que eram imaginados. A respeito desse último ponto, continua presente a curiosidade referente às formas pelas quais os próprios agentes históricos elaboravam as suas narrativas frente as rugas e aos cabelos brancos; para época em questão, talvez mediante ao alargamento das fontes, ou ao lançamento de novas perguntas norteadora, seja possível elaborar um quadro mais abrangente no que tange a esses intercursos.

Em suma, todas as ideias encontradas nos documentos, e exploradas nessa dissertação, assim como os acontecimentos cotidianos, funcionavam ora como questionamento, ora como alinhamento a uma elaboração mais abrangente do envelhecimento: aquela que dizia ser esse um momento marcado por perdas, pela melancolia, pelo adoecimento e pelo distanciamento, perspectivas localizadas num ponto de cisão entre uma juventude pretendida universalizante e tudo o que não adentrasse naquele escopo. No contexto histórico em questão, ao perceberem tal fenômeno, os sujeitos envelhecidos, ou em processo aparente de envelhecimento, teriam de se localizar frente a uma gama de estigmas nada irrisória, as quais, muito provavelmente, contribuíram para a escolha, ou para a não escolha, de determinados caminhos sugeridos no decorrer de suas vidas. Diante do assinalado, tentei explorar o mundo das angústias e das incertezas como pontos importantes da subjetivação humana, mediante as possibilidades apresentadas nos “períodos tardios da vida” ou, mais adequadamente, no “outono da vida”.

FONTES

SEÇÃO DE OBRAS RARAS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ – CENTUR

- **Periódicos na ordem de citação**

Pará-Médico. Belém, maio de 1915, nº 1, p. 4.

A Semana. Belém, 08 de novembro de 1919, nº 85, p. 2.

A Semana. Belém, 23 de março de 1939, nº 1024, p. 7.

A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, nº. 44, p. 10.

- Estado do Pará. Belém, novembro de 1922, p. 74.
- A Semana. Belém, 1 de novembro de 1924, nº. 341, p. 37.
- A Semana. Belém, 10 de janeiro de 1925, nº 351, p. 6.
- A Semana. Belém, 19 de janeiro de 1924, nº 300, p. 15.
- A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, nº. 44, p. 9.
- Pará-Médico. Belém. Setembro de 1922, nº 10, p. 3.
- Pará-Médico. Belém, maio de 1915, nº 1, p. 21.
- Pará Médico. Belém, junho de 1939, nº 48, p. 12.
- Pará-Médico. Belém, agosto de 1917, nº 5, p. 19.
- A Semana. Belém, 11 de março de 1939, nº 1023, p. 8.
- Flirt. Belém, janeiro de 1931, nº 12, p. 38.
- A Semana. Belém, 9 de setembro de 1939, nº 1203, p. 7.
- A Semana. Belém, 23 de junho de 1934, nº 806, p. 14.
- A Semana. Belém, 10 de janeiro de 1925, nº 351, p. 37.
- A Semana. Belém, 23 de junho de 1923, nº 270, p. 17.
- A Semana. Belém, 19 de janeiro de 1924, nº 300, p. 15.
- A Semana. Belém, 04 de outubro de 1930, nº 638, p. 09.
- A Semana. Belém, 19 de novembro de 1938, nº 1007, p. 21.
- A Semana Belém, 7 de fevereiro de 1925, nº. 355, p. 32.
- A Semana. Belém, 12 de maio de 1919, nº. 60, p. 22.
- A Cigarra. Belém, 21 de janeiro de 1921, nº1, p. 4.
- Belém Nova. Belém. 14 de agosto de 1926, nº 59, p. 18.
- A Semana. Belém, 23 de março de 1931, nº 659, p. 46.
- A Semana. Belém, 13 de março de 1920, nº 102, p. 13.
- Belém Nova. Belém, 14 de junho de 1924, nº 16, p. 6.

- A Semana. Belém, 20 de agosto de 1921, nº 176, p. 4
- A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, nº. 44, p. 9.
- A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, nº. 44, p. 10.
- A Semana. Belém, 08 de novembro de 1919, nº 85, p. 2.
- Pará-Médico. Belém. Setembro de 1922, nº 10, p. 30.
- A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, nº. 44, p. 9.
- A Semana. Belém. 23 de fevereiro de 1935, nº 839, p. 28.
- A Semana. Belém, 10 de junho de 1939, nº 1035, p. 23.
- A Semana. Belém, 1 de novembro de 1924, nº. 341, p. 37.
- Pará-Médico. Belém, junho de 1939, nº. 48, p. 35.
- Pará-Médico. Belém, junho de 1939, nº. 48, p. 38.
- A Semana. Belém, 3 de fevereiro de 1923, nº. 250, p. 19.
- Belém Nova. Belém, 29 de novembro de 1924, nº. 26, p. 6.
- A Semana. Belém, 17 de setembro de 1921, nº. 180, p. 23.
- A Semana. Belém, 19 de janeiro de 1924, nº. 300, p. 8.
- Belém Nova. Belém, 30 de agosto de 1927, p. 4.

REFERÊNCIAS

- ABOUDRAR, Bruno Nassim. “Exibições: a virilidade desnudada”. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Vol. III. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 487-518.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Editora S.A, 1981.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo – Livro 1: Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- BEAUVOIR, Simone de. A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições da vida dos idosos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BIRMAN, Joel. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.4, out.-dez. 2015, p.1267-1282.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BLESSMANN, Eliane Jost. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 6, 2004, p. 21-39.

CAROL, Anne. “A virilidade diante da medicina”. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). *História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Vol. III.* Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 35 – 81.

CALVET, Júlia Hasselmann. J. Carlos: imprensa e representações femininas na década de 1920. *Anais do 2º encontro internacional, História&Parcerias, 6º Seminário Fluminense de pós-graduação em História*, Rio de Janeiro, 2019.

CAMPOS, Ipojucan Dias. Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916 / 1940). Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

CAMPOS, Ipojucan Dias. Adelina e Carlita: adultério, divórcio e poder judiciário em Belém no final dos oitocentos. *Fronteiras* 13 (24): 2011, p. 207 - 236.

CAMPOS, Ipojucan Dias. Solteirismo e tempo matrimonial, Belém (1916-1925). *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, nº 13, 2014.

CAMPOS, Ipojucan Dias. “O rebaixamento moral”: moda, corpo e família (Belém-PA, 1915-1920). *Revista História: Debates e Tendências* 19, nº 2, 2019, p. 270–287.

CAMPOS, Ipojucan Dias; CAMPOS, Alessandra Oliveira Dias. O Corpo como Representação: Mulheres em Crimes Sexuais (Bragança-PA, 1916-1940). *Revista Eletrônica História em Reflexão* 16, nº 32., 30 de setembro de 2022, p. 107–33.

CAMPOS, Alessandra Patrícia de Oliveira Dias. Izabel é dona de si e não se rende: produção de corporalidades e moralidades em Bragança/PA (1916-1940). *Gênero na Amazônia, SEÇÃO A: Pesquisas Bibliográficas e Documentais*, junho de 2022, p. 65-78.

CAMPOS, Raquel Discini. A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza, bom gosto e envelhecimento. *Cadernos Pagu*, dezembro de 2015, p. 457–478.

CANCELA, Cristina Donza. Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX. Dissertação (mestrado), Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1997.

CANCELA, Cristina Donza. Casamento e família em uma capital amazônica: Belém, 1870-1920. Belém: Açaí, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. “Traços, indícios, suspeitas”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 341- 361.

COURTINE, Jean-Jacques. “O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 253-340.

COHEN, Lawrence. “Toward an anthropology of senility: age, weakness and Alzheimer’s”. In: BANARAS, India. *Medical anthropology quarterly*. Vol 9, nº 3, p. 314-334.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista das revistas. Estudos avançados* 5 (11), abril, 1991, p. 183-191.

DATTANI, Saloni; RODÉS-GUIRAO, Lucas; RITCHIE, Hannah; ORTIZ-OSPINA, Esteban; ROSER, Max. “Life Expectancy” Published online at OurWorldInData.org. Retrieved from: '<https://ourworldindata.org/life-expectancy>'.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. *Revista de Ciências Humanas*, vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999, p. 50–51.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FONSECA, Claudia. “Ser mulher, mãe e pobre”. In PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (Orgs.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 44.

GOIS JR., Edivaldo. “A luta contra a morte”: os corpos, modernidade brasileira e uma história da velhice, São Paulo e Rio de Janeiro, década de 1930. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 27 (23 de março de 2020): 93–113.

GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 9, nº 1., abril de 2002, p. 61–78.

GUIMARÃES, Jaqueline Tatiane da Silva. *Os discursos dos médicos do estado do Pará nas “teses de doutoramento ou inaugurais” (1929-1954)*. Tese (doutorado), Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

HABER, Carole. Geriatrics: a speciality in Search of specialists. In: TASSEL, David Van et al. *Old Age in a bureaucratic Society*. Nova York: Greenwood Press, 1986, p. 66-84.

HAROCHE, Claudine. “Antropologias da virilidade: o medo da impotência”. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). *História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Vol. III. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p 15-34.

HENRIQUE, Márcio Couto; AMADOR, Luiza Helena Miranda. Da Belle Époque à cidade do vício: o combate à sífilis em Belém do Pará, 1921-1924. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 23, nº2, 26 de janeiro de 2016, p. 359-378.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População do Brasil discriminada pelos principais característicos, segundo os recenseamentos gerais. Rio de Janeiro: IBGE, 1938.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LUCA, Tania Regina de. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fonte Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-150.

MATOS, Maria Izilda S de. “Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890 -1930)”. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Raquel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 107–27.

MARTINS, Rui Jorge Moraes. *Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX*. Dissertação (mestrado), *História Social da Amazônia*, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, 2010.

MOULIM, Anne Marie. “O corpo diante da medicina”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 15-82.

MOURA, Daniella de Almeida. *A República paraense em festa (1890-1911)*. Dissertação de mestrado, *História*, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, 2008.

MORAES, Edgar; MORAES, Flávia Lanna de; LIMA, Simone de Paula Pessoa. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. *Revista Med Minas Gerais* 2010; 20(1), p. 67-73.

NASCIMENTO, José Renato do. *Relações conjugais e amorosas em Vigia, Pará: códigos, crimes e poder*. Tese (doutorado), *História Social*, Programa de Pós-Graduação em História, UFPA, 2016.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas. *Amor, sedução e violência*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)*, Belém, v. 06, n. 01., jan. / jun. 2019, p. 60-83.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. *Envelhecimento, cotidiano e geografia: algumas reflexões*. *JMPHC | Journal of Management & Primary Health Care* | no 2: 5 de outubro de 2013, p. 136-142.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005

ORY, Pascal. “O corpo ordinário”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do corpo. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 155-195.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Traduzido por Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michele. “Figuras e papéis”. In: PERROT, Michele (org). História da vida privada no ocidente: da revolução à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p 121-186.

RIBEIRO, Jakson dos Santos. Filhos da princesa do sertão: representações da masculinidade na imprensa em Caxias/MA durante a primeira república. Dissertação (mestrado), História Social, Programa de Pós-Graduação em História, UFPA.

SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870 – 1912). 3°. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SIMÕES, Júlio Assis. Entre o lobby e as ruas: movimento de aposentados e politização da aposentadoria. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. Em busca da cura: a institucionalização da medicina acadêmica em Belém e sua relação com outras práticas terapêuticas, entre 1889 e 1925. 2014. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2014.

SOHN, Anne-Marie. “O corpo sexuado”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do corpo. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 109 - 154.

SVECENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.